

**Universidade Federal Fluminense
Instituto de Arte e Comunicação Social
Curso de Cinema e Audiovisual**

JOÃO VICTOR DE CASTRO BARBOSA BORGES

Passivos poderosos:
contribuições para a pornografia gay nacional e além

NITERÓI, 2020

JOÃO VICTOR DE CASTRO BARBOSA BORGES

Passivos poderosos:
contribuições para a pornografia gay nacional e além

Monografia apresentada à Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientação: Profa. Dra. Mariana Baltar


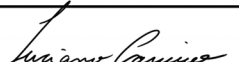
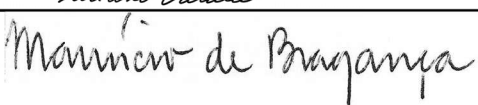
Niterói, 2020



Universidade
Federal
Fluminense

IACS - Instituto de Arte e Comunicação Social
Departamento de Cinema e Vídeo

PARECER DE PROJETO EXPERIMENTAL

Aluno:	JOÃO VICTOR DE CASTRO BARBOSA BORGES		
Curso:	Cinema e Audiovisual - bacharelado	Matrícula :	114057015
Título o			
Passivos poderosos: contribuições para a pornografia gay nacional e além			
Banca Examinadora			
Prof. Orientador	Profa. Dra. Mariana Baltar		
Banca	Me. Luciano Carneiro		
Banca	Prof. Dr. Maurício de Bragança		
Data de Apresentação: 10/12/2020			
Parecer			
<p>A banca ressalta a importância do tema, a qualidade da escrita e a maturidade da pesquisa. Destaca a pertinência e excelência das análises das coreografias sexuais que trazem dimensões de ambivalência que problematizam politicamente o campo, contribuindo de modo original para os estudos de pornografia audiovisual e masculinidade. Por fim, indica potentes e urgentes desdobramentos.</p>			
Nota Final: 10,0 (dez)			
Assinaturas da Banca			
Prof. Orientador	 <small>Assinado de forma digital por MARIANA BALTAR FREIRE marianabaltar@id.uff.br:90499905415 Dados: 2020.12.10 17:00:47 -03'00'</small>		
Banca			
Banca			

BORGES, João Victor de Castro Barbosa.

Passivos poderosos: contribuições para a pornografia gay nacional e além / João Victor de Castro Barbosa Borges — Niterói, 2020. 65 f.

Monografia (Graduação em Cinema e Audiovisual) —
Universidade Federal Fluminense

Orientação: Prof^a Dr^a Mariana Baltar Freire

1. Pornografia 2. Gay 3. Mercado Audiovisual
4. Performatividade de gênero 5. Performance 6. Coreografia sexual

I. BALTAR, Mariana (orientadora) II. Iacs/ Uff
III. Cinema e Audiovisual IV. Título

BORGES, João Victor de Castro Barbosa

Passivos poderosos:
contribuições para a pornografia gay nacional e além

AGRADECIMENTOS

Desde a estaca zero, agradeço à minha família de mulheres poderosíssimas — minha mãe Rose, minha avó Dalila e minhas irmãs Marina e Flávia — cujos apoio e amor inabaláveis foram os principais responsáveis pela minha trajetória algo sã até aqui.

Agradeço tanto ao Will, meu amor, por estar sempre ao meu lado, pelas montanhas-russas que juntos temos cruzado, por todas as conchinhas e carinhos mais gostosos.

Agradeço também a todas as minhas lindas amigas, pela vontade que hoje tenho de chorar de emoção ao reconhecer o quanto caminhamos, nos fortalecemos e crescemos juntas.

De coração também agradeço a todos os professores do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense, que diariamente realizam malabarismos para manter vivos os nossos sonhos e sanidades. Mais especificamente, agradeço muito à Mariana Baltar e ao Maurício Bragança, por serem referências e verdadeiras heroínas para tantas de nós.

Por fim e menos importante, agradeço também ao meu pai — que, ao desaparecer da minha vida, abriu caminhos para que eu me tornasse o viado que ele nunca teve coragem de ser.

BORGES, João Victor de Castro Barbosa. **Passivos poderosos:** contribuições para a pornografia gay nacional e além / João Victor de Castro Barbosa Borges — Niterói, 2020. Orientadora: Profª Drª Mariana Baltar Freire. Monografia (Graduação em Cinema e Audiovisual) — Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2020. 65 f.

RESUMO

Através de entrevistas e análises de objetos audiovisuais, este trabalho mapeia experiências de atores pornô, profissionais da indústria pornográfica gay brasileira, cujas subjetividades constroem performances de gênero e sexualidade a partir do desejo e do orgulho anais. Através de suas produções audiovisuais distribuídas *online*, buscamos reconhecer marcas da cultura pornográfica *falocêntrica* que tenham sido superadas por perspectivas *analéticas* dos atos sexuais, propostas pelos *passivos poderosos* aqui apresentados. Para tal, debatemos sobre pornografia, masculinidade e heteronorma, debruçados especialmente sobre os estudos contrassexuais, para então discutirmos as cadeias de produção da pornografia gay contemporânea, nas quais se inserem tais atores, e através das quais expressam suas atuações artístico-políticas. O trabalho realiza e reúne entrevistas com os mesmos atores estudados, apresentando seus depoimentos sobre seus trabalhos, carreiras e vidas.

Palavras-chave: Pornografia. Gay. Mercado audiovisual. Performatividade de gênero. Performance. Coreografia sexual.

BORGES, João Victor de Castro Barbosa. **Passivas poderosos:** contribuições para a pornografia gay nacional e além / João Victor de Castro Barbosa Borges — Niterói, 2020. Orientadora: Profª Drª Mariana Baltar Freire. Monografia (Graduação em Cinema e Audiovisual) — Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2020. 65 f.

ABSTRACT

Throughout interviews and analysis of audiovisual objects, this essay maps out experiences of porn actors, professionals in the Brazilian gay porn industry, whose subjectivities build up gender and sexuality performances raised by their anal desire and pride. Through their online-distributed audiovisual productions, we seek into recognizing attributes of certain phallogentric pornographic culture that might have been overcome by *anaethical* perspectives on the sexual acts proposed by the *power bottoms* presented here. To this end, we debate about pornography, masculinity and heteronorm, focusing especially on contra-sexual studies, to further discuss the production chains of contemporary gay pornography, in which these actors are inserted, and through which they express their artistic-political performances. The essay also conducts and gathers interviews with the same researched actors, presenting their testimonials about their jobs, careers and personal lives.

Keywords: Pornography. Gay. Audiovisual market. Gender performativity.
Performance. Sexual choreography.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. CAPÍTULO I Permanências e recuos da heteronorma na pornografia gay	17
3. CAPÍTULO II Ascensão das passividades ativas desde a carreira de Andy Star	34
4. CAPÍTULO III Passividades poderosas, versatilidade e autonomia no pornô gay nacional	52
5. CONCLUSÃO	69
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
7. ANEXO DE IMAGENS	79

*“ Os trabalhadores do ânus são os novos proletários
de uma possível revolução contrassexual ”*

(Paul Preciado)

“ Meu gatinho, me dá, me dá!

Mil beijinhos de linguinha

Se você não me linguar

Hoje eu não vou te dar!”

(Inês Brasil)

INTRODUÇÃO

De que outra forma introduzir este trabalho, cujo desenvolvimento se contextualiza e se contamina pelo presente sempre datado em que vivemos, se não afirmando que conversar sobre *pornografia*, sobre *sexualidade*, sobre *analidade*, neste momento, são atos de esperança ao futuro — assim como talvez sempre tenham sido através da história. Afinal, este é mais um estudo que busca fazer uma crítica ao sistema heterocentrado, aqui levando em conta as produções de passividade na pornografia gay como nossa questão central. Sabemos que a tradição acadêmica no campo audiovisual pouco lança olhares à pornografia em geral, e talvez menos ainda aos agentes inseridos em tais relações de trabalho, ambientadas em variados segmentos produtivos do pornô contemporâneo. No âmbito da produção acadêmica, portanto, podemos considerar que tais agentes, trabalhadores do campo pornográfico audiovisual, como atores, produtores e técnicos, estejam algo invisibilizados inclusive nos estudos que buscam abordar o pornô.

Neste cenário, o prazer maior, do qual aqui desfrutaremos juntos, se realiza pela possibilidade de conhecermos atores, artistas, *performers*, profissionais da arte, da cultura e do entretenimento massivos, a partir de seus próprios relatos de intimidade. Escutaremos os relatos de atores passivos do pornô gay nacional, a partir de entrevistas realizadas e recolhidas com estes profissionais, centralizando a discussão a partir de denominadores comuns aos atores, como o prazer anal, do qual desfrutam à frente e atrás das câmeras, e a indústria pornográfica gay brasileira, da qual estes atores são agentes. Assim, o trabalho visa reconhecer e mapear uma secção da pornografia gay do presente na qual os atores passivos — e, por extensão, o cu, o prazer e a experiência anais — atingem certo protagonismo, desenhando linhas alternativas de produção e consumo pornográficos aos dias que virão.

Nesse sentido, é fundamental reforçar o posicionamento deste trabalho junto a certa mobilização contrassexual pela problematização e por eventuais desconstruções da heteronorma e da cultura falocêntrica que todavia nos orientam em larga escala, inclusive a indivíduos, instituições e produções *queer*. Afinal, lançar luz às narrativas íntimas de atores que orgulhosamente ostentam suas sexualidades a partir de seus prazeres anais poderia ser um ponto fora da curva inclusive para a indústria pornográfica gay de atualmente. Como já poderíamos supor, e como desdobraremos à frente neste estudo, “*Da Grécia clássica à atualidade, em numerosas culturas e épocas, o diatihemenos, o homem que desfruta em uma posição passiva, [...] foi desprezado e castigado*”

(CARRASCOSA e SÁEZ, 2016, p. 31). Sob esta ótica, importante é anunciar que, hoje, o orgulho anal se torna cada vez mais mobilizado por uma rede de agentes, tais atores passivos, amparados pela nova grande janela *mainstream*, a *internet*, a rede social, a virtualidade mais palpável que habitamos, e através da qual temos acessos a eles e a seus nichos de variadas experimentações sexuais.

A língua inglesa reserva a estes *performers* passivos a designação de *power bottoms*. Algumas definições conceituam tais *passivos poderosos*, em tradução livre, como “*aqueles que tendem a comandar o sexo, e que se sentem mais poderosos enquanto dão o cu*”, também “*quando aqueles que dão o cu se tornam os que assumem o trono do poder sexual relacional, dominando o parceiro penetrador*” (URBAN DICTIONARY, 2019). Assim, os atores pornô sobre os quais trataremos possuem ao menos esta característica em comum: o fato de que todos são *power bottoms*, passivos em cena, registrando-se em imagens e performances também a partir de seus cus. Isto porque, como sabemos, todo e qualquer cu pode implicar uma grande possibilidade de prazer e transcendência. Às margens e adentro dos canais anais de todos os seres humanos desta Terra estão ramificadas, neste momento, múltiplas terminações nervosas pré-dispostamente eróticas.

Responsável por sensibilizar sexualmente toda a região pélvica, o nervo *pudendo* intersecciona uma complexa rede de estímulos nervosos em cada corpo, formando cadeias elétricas que interconectam o clitóris e os lábios vaginais, o saco escrotal e o pênis, aos períneos e, finalmente, à margem e ao canal anais: nossos cus (CAETANO apud DUDA, 2018). Conforme nos recordam Sáez e Carrascosa, “*O ânus é — segundo a tradição tântrica — uma das zonas mais sensíveis do corpo humano, sendo claramente uma zona erógena e de concentração de energia psíquica*”. Em seguida, os autores também citam a reprodução de um tratado do sexo tântrico, no qual um trecho informa que “*esse tipo de relação [anal] pode ser extremamente prazeroso, podendo também guiar até o despertar [...] da separação da consciência, do ego para entrar na harmonia com todo o universo*” (CARRASCOSA e SÁEZ, 2016, p. 45-46). Ora, este tipo de dado confirma uma leitura altamente positiva, talvez essencial, a respeito do prazer explorado pelo cu, elevando-o a experiências existenciais e espirituais de excelência, embora localizadamente na tradição tântrica.

Assim, indistintamente o prazer anal pode se apresentar para todos os corpos vivos. De acordo com o coloproctologista João Duda (2018), para os que possuem vagina, em triangulação com o canal vaginal, o clitóris e a uretra, estão localizadas as glândulas parauretrais. Tais glândulas, se estimuladas por quaisquer dos canais sexuais, vaginal e anal, acabam por liberar enzimas cuja

progressiva abundância resulta em sensações orgasmáticas cíclicas mais intensas. Já para as que possuem pênis, como é também o caso dos atores que abordaremos, especialmente a presença de uma glândula hormonal se faz ainda mais determinante para a experiência sexual anal. Imersa a médios dez centímetros adentro do canal anal masculino, acima da parede do períneo, entre o cu e o pênis está a próstata, uma glândula cujo número e intensidade de estímulos nervosos eróticos pode ser ainda maior que aqueles direcionados ao pênis.

Nesse sentido, se certa cultura falocêntrica outrora instituiu o pênis como principal instrumento de alcance à mais catártica experiência sexual dos corpos com pênis, certamente o fez porque desconsiderou a experiência sexual anal e, mais a fundo, a prostática. Ignorou, por desconhecimento, ou mais provavelmente por preconceito e ideologia, a rede de sentidos alcançada pela massagem prostática em suas incontáveis variações. Fato é que, como órgão externo, o pênis está sujeito desde o nascimento ao toque e à externalidade das relações sensoriais do corpo com o universo dos sentidos, seja acidental ou intencionalmente. Pesa também o fato de nos localizarmos no interior de uma sociedade falocentricamente orientada, o que acaba por determinar ao pênis — e, por extensão, ao seu portador — certo *passe-livre para o autoconhecimento sexual*, por sua vez negado a vivências alheias ao elemento fático, como as de femininas e afeminadas, exploradoras do sexo e do desejo a partir de outros órgãos que lhes sejam próprios.

Sob esse aspecto, a partir da desinformação sexual massiva que o patriarcado promove ao senso comum, em maior escala, o cu se torna uma zona erógena privatizada, posicionada fora do campo social, enquanto que, em menor escala, a próstata se torna uma glândula cujo estímulo para o prazer se desdobra menos intuitivamente. Trata-se de um órgão interno e, portanto, inacessível aos sentidos que captamos à superfície do corpo. De início, há de se garantir acesso à informação primária de que tal órgão existe: afinal, é comum que a próstata comece a habitar o imaginário sociocultural apenas a partir de idades já adultas. Ainda assim, no senso comum a glândula é mais abordada a partir da saúde preventiva, muito mais do que sexualmente de fato, em decorrência do câncer que pode acometer a próstata de até 15% da população com pênis de meia e terceira idades (ONCOGUIA, 2016).

Todo este cenário se vê estreitamente relacionado aos processos fundadores da subjetividade masculina hegemônica, que preceitua canalizar a construção das masculinidades alheias pela privatização de seus ânus, ou, de outra forma, pelo fechamento de seus cus, conforme nos tem

assinalado Preciado (2018). Já Sáez e Carrascosa também nos comentam sobre a resistência quiçá fatal da masculinidade cisheterossexual ao toque anal e prostático, lembrando que “*a negação de se submeter a esse exame [de próstata] leva muitos homens a serem diagnosticados [com câncer] quando a cirurgia ou a morte já são irreversíveis. Mais uma vez, o cu é o escudo supremo da masculinidade, masculinidade que há de se levar íntegra até a tumba*” (2016, p. 32).

Assim, se superados tais percalços culturais, a informação de que o cu pode proporcionar muitos prazeres e sensações orgasmáticas precisa vir combinada ao interesse e à propulsão prática para quaisquer primeiras experimentações de estímulo anal em sua fisicalidade. Biologicamente, portanto, o prazer anal está posto na natureza, disposto ao alcance e acesso irrestrito de todos os corpos vivos no planeta. Culturalmente, por outro lado, o debate sobre benefícios e prazeres obtidos pelo exercício de tal prática sexual anal segue restringido pela resistência político-ideológica de viés conservador e heterocentrado, de qual boa parte da sociedade se apropria para fundamentar seu desprezo pelo cu e, além, também pelas vivências identitárias que se utilizam do cu para atingir suas transcendências e expressar suas sexualidades. Enquanto sociedade ainda hegemonicamente gerida por agendas culturais que preceituam lógicas colonialistas, patriarcais, machistas, cristãs, higienistas, neoliberais etc, seria mesmo improvável que as liberdades sexuais se desenvolvessem, individual ou socialmente, em toda a sua devida amplitude.

Isto porque, como bem nos recorda Preciado, “[O cu] gera benefícios que não podem ser medidos dentro de uma economia heterocentrada. Pelo ânus, o sistema tradicional da representação sexo/gênero vai à merda” (2014, p. 32). Ora, uma vez inscritos à economia heterocentrada da qual fala Preciado, a respeito do sexo hegemônico poderia nos parecer legítimo considerar que, ao se projetar para fora dos corpos que o possuem, o pênis teria seu poder fálico pré- instituído, já que em posição diametralmente oposta aos órgãos sexuais que se projetam para dentro, sendo eles as bucetas e, também, nossos cus — que, embora universais a todes, têm seus poderes historicamente condenados e invisibilizados pela estrutura social falocrata. No entanto, se assim pensássemos, estaríamos ignorando que os órgãos que temos julgado retraídos ou relaxados, vagando à deriva da autointitulada passividade que concentram, as bucetas e os cus, outrora passivos a toques e invasões, voltados a si mesmos no profundo dos corpos femininos e afeminados, em verdade são órgãos ativos em suas próprias musculaturas voluntárias, agindo por si em suas experiências sexuais autodirecionadas a seus próprios prazeres, catarses e satisfações biofisiológicas.

Enquanto um possível antro para a produção de prazer próprio, o cu causa espanto ao falocentrismo. Afinal, ao historicamente impor apenas duas performatividades de gênero possíveis, uma feminina e outra masculina, o binarismo de gênero — ou “o outro lado da moeda” do falocentrismo — falsamente estabeleceu correspondências entre os propostos gêneros, construídos e gerenciados pelo poder patriarcal, e as predispostas naturezas biológicas dos genitais, classificando os indivíduos a partir daquilo que lhes difere — suas vaginas e seus pênis — e não daquilo que os iguala — seus cus. Desta forma, o regime heterocentrado se vê progressivamente em ruínas, na medida em que reconhece que “*O trabalho do ânus não é destinado à reprodução nem está baseado numa relação romântica*” (PRECIADO, 2014, p. 32). Com esta constatação, Preciado delimita objetivamente o sexo e o prazer anal como distintos às lógicas heterocentradas em sua natureza, já que não apresentam funcionalidades ou metas que evidenciem a perpetuação do patriarcado.

Não por acaso, Preciado elenca a existência onipresente e indiscriminada dos cus em todo e qualquer ser humano como a mais provável chave de subversão aos códigos sociais hétero e falocentros, descrevendo-nos que “*Uma série de práticas contrassexuais devem ser socialmente implantadas para que o sistema contrassexual tenha efeito*”, entre elas, “*Ressexualizar o ânus (uma zona do corpo excluída das práticas heterocentradas, considerada como a mais suja e a mais abjeta) como centro contrassexual universal*” (2014, p. 36). Assim, conjugando tais ideias à produção contemporânea de pornografia gay, como falávamos, ao longo desta década temos verificado que novas formas de consumir e vivenciar o conteúdo pornográfico *online* foram configuradas, criando espaços e demandas por práticas sexuais alheias ao preceito falocêntrico padrão, representado e reproduzido à exaustão por anos da filmografia pornográfica de massa.

Impulsionada por tais novos ciclos de consumo e demanda, uma tendência performativa distinta vem se revelando no universo pornô: ao contrário das *mise-en-scènes* de representações falocêntricas extremistas, entre machos masculinos dominadores *vs* bichas afeminadas submissas, pênis que arregaçam *vs* cus que são arregaçados, performances estas perpetuadas por toda uma história da pornografia, agora surgem, cada vez com mais vigor, atores e *performers* gays que extrapolam à subversão sua suposta pré-determinação a uma condição de passividade que lhes seja desfavorável ou mesmo hostil. Aqui, não há espaço para certa compreensão pregressa e utilitarista do cu como objeto violável ao prazer fálico. De forma contrária, os passivos poderosos retiram o pênis do centro do debate sexual masculino, posicionando o cu ao foco das performances,

conferindo-lhe representações mais éticas e prazerosas.

Sob esta leitura, poderíamos palpitar que tais atores passivos, por fim, também desestabilizam a lógica binária falocêntrica. Isto porque, ainda que inquestionavelmente subscritos a ela, das performances destes atores emanam elogios à analidade que posicionam o cu ao centro da experiência sexual. Segundo Preciado, “*O ânus, como centro de produção de prazer, [...] não tem gênero. Nem masculino nem feminino, o ânus produz um curto-circuito na divisão dos sexos*” (2018, p. 78-79). Por este viés, tais imagens anais positivas podem também abalar ambos o quadro coreográfico e o roteiro pornográfico gay hegemônicos, pautados pelo binarismo *ativo-passivo*, uma vez que “*Ser ativo ou passivo se associa historicamente a uma relação de poder binário: dominador-dominado, [...] penetrador-penetrado, isso tudo dentro de outro esquema subjacente de gênero: masculino-feminino, homem-mulher*” (CARRASCOSA e SÁEZ, 2016, p. 30).

Assim, ao se apropriarem do domínio das cenas, do sexo e, por consequência, também de seus parceiros sexuais enquanto em “posições passivas”, estes atores estabelecem novos contratos, ritmos e condições às *misé-en-scènes* pornográficas, propondo pedagogias corporais contra-hegemônicas que, por fim, transbordam das telas aos incalculáveis públicos consumidores, subvertendo a mensagem padrão proposta pelo binarismo *ativo-passivo* a partir do domínio e do triunfo dos penetrados, incomum a muitas filmografias pornô. Nas palavras de Sáez e Carrascosa:

“Uma ética anal ou uma ética da passividade consiste na própria valorização da posição passiva. [...] Daí o giro histórico da analidade passiva para a analidade ativa e esse, quem sabe, seja o terreno em que se produza uma real valorização da passividade; um orgulho passivo surgido desse lugar inesperado que agora está novamente no campo social e político” (CARRASCOSA e SÁEZ, 2016, p. 16-17)

De forma prática, tomando para si o domínio dos atos sexuais que praticam e de seus corpos como um todo, os passivos orgulhosos se utilizam de tais ferramentas para atingir suas catarses, “tornando-se ativos” a partir de seus desejos prostáticos. Neste cenário, os atores ativos são tão melhores quanto mais souberem utilizar seus corpos — e, portanto, também seus falos, pênis ou não — nos milímetros, em favor absoluto dos passivos, e não o contrário. Nessas produções, é possível reconhecer a subversão discursiva que se impõe sobre a imagem e a performatividade de tais atores passivos: outrora submissos e, por vezes, infelizes em cena, agora suas chaves de representação partem do seu poder e da sua vontade própria, canalizados pela potência estimulante de seus cus,

que os impele a seguir unicamente seus desejos e seu tesão.

Assim, poderíamos então defender que, à luz de tal entendimento orgulhoso sobre o cu, um estudo focado no trabalho dos *power bottoms* se mostra relevante, em especial se reconhecermos a inserção de tais atores em uma indústria pornográfica gay ainda altamente falocrata, em muito espelhada pelo sistema de gênero vigente. No Brasil, estes atores têm nomes como Andy Star, Christian Hupper e Petrick Garcia, atores que escutaremos com maior aprofundamento ao longo deste trabalho, localizadamente no segundo e terceiro capítulos. Mas há também tantas outras personalidades importantes, como Fábio Ferraz, Lucas Katter, Yuri Oberon, Gustavo Ryder, entre outros, que também conheceremos de forma mais pontual no percurso deste estudo.

Estes atores arejam a estética, a ética e as performances sexuais de diferentes produtoras pornô nacionais, como as maiores Hot Boys e Meninos Online, mas não somente. Além de desenvolverem suas carreiras em produtoras estruturadas, ou de maior alcance comercial, como as citadas, muitos atores também produzem e protagonizam vastos conteúdos para seus canais profissionais nas redes sociais — sejam elas as redes pornográficas *on demand*, como *XVideos Red*, *PornHub Premium*, *OnlyFans* ou *JustForFans*, ou mesmo redes abertas como o *Instagram* ou, em especial, o *Twitter*, única rede social massiva que ainda aceita, em suas diretrizes, a publicação e o compartilhamento de material pornográfico explícito sem restrições — criando, assim, novos espaços de distribuição da pornografia autoral que os *performers* produzem individualmente.

Sob tal panorama, optamos por nos debruçar sobre análises que visam se complementar transversalmente em dois aspectos: por um lado, a análise de produções selecionadas, ou seja, cenas de produtoras profissionais, sendo elas a carioca Hot Boys e a paulistana Meninos Online, que reflitam mudanças de *mise-en-scène* e diferentes níveis de valorização dos atores ou dos personagens passivos em cena. Por outro lado, a análise se debruça também sobre entrevistas realizadas e reunidas com os mesmos atores passivos das cenas apresentadas, com o objetivo de pautar as discussões sobre as suas carreiras e trabalhos também a partir do cruzamento com informações, testemunhos e experiências das ordens da intimidade e subjetividade dos *power bottoms* brasileiros entrevistados.

Nesta etapa do trabalho foram coletadas entrevistas de diferentes fontes com o ator Andy Star, nas quais ele explicita e reflete a respeito de suas performances como passivo orgulhoso. Já com os atores Christian Hupper e Petrick Garcia, por outro lado, foi possível fazer contato direto

e realizar entrevistas filmadas inéditas, direcionadas por um questionário pré-formulado a partir de problemáticas sobre o sexo e o prazer anal, experiências e relações de trabalho na pornografia gay brasileira, empreendedorismo nas redes, entre outros assuntos sobre os quais o estudo se debruça. Como veremos, embora tais atores abordados se distingam em estilos de representação, estéticas, performances e discursos, as implicações de seus desejos e decisões quanto à produção de suas próprias passividades ativas, de suas analéticas, e de suas performances sexuais autodirecionadas ao *elogio anal*, são os principais objetos a se desenrolar à frente nesta pesquisa.

No primeiro capítulo, portanto, introduziremos algumas provocações sobre possíveis permanências e recuos da heteronorma e do falocentrismo na pornografia gay. Para tal, levantamos dúvidas sobre as (in)definições ao redor da pornografia, sobre os meios pelos quais a masculinidade é preceituada e construída socialmente, também sobre as formas pelas quais a pornografia gay poderia ser produzida e consumida formativamente a favor do patriarcado. Como os atores passivos, poderosos, orgulhosos de si, poderiam abalar a rigidez do dogma patriarcal? Ou ainda, estariam eles em vias de construir um novo processo pornográfico formativo possível, alheio à pressuposição de uma educação falocêntrica?

Na sequência, no segundo e terceiro capítulos aterrisaremos enfim à análise das cenas selecionadas para o trabalho, que explicitam elogios e apelos ao sexo e ao prazer anal, seja por meio de performances, *mise-en-scènes*, coreografias ou discursos dos atores passivos envolvidos. No segundo capítulo, portanto, mergulharemos no interior das cenas escolhidas para análise e também nos relatos envolvendo os atores Andy Star, primeira personalidade-chave para quem atentaremos, e dois de seus contemporâneos, Fábio Ferraz e Lukas Katter, os quais abordaremos de maneira mais breve e relacional. Já no terceiro capítulo, apresentaremos cenas dos atores Christian Hupper e Petrick Garcia, cujos relatos coletados em entrevistas que realizamos exclusivamente com eles estarão também expostos, a fim de conhecermos suas intimidades.

Quem sabe assim, a partir de seus íntimos, ao final deste trabalho poderemos reconhecer como, aos poucos e ao longo da década, o antiquado protagonismo falocêntrico do macho ativo penetrador vem se transfigurando à contemporaneidade por meio de leituras analéticas cada vez mais empolgadas do ato sexual gay, nas quais o domínio relacional se estabelece a partir do cu pulsante e autônomo, que anseia por dominar um dildo, um pênis, um punho, um braço, ou o que for, para si, em busca de seu prazer e transcendência.

CAPÍTULO I — *Permanências e recuos da heteronorma na pornografia gay*

Neste capítulo conversaremos sobre alguns assuntos que, de tanto se confundirem, podem aparentar ser uma única coisa. Buscaremos, portanto, refletir sobre eles, relacioná-los e também ilustrá-los. Vale iniciarmos este percurso juntos, então, trazendo à discussão algumas definições para o termo *pornografia*, nosso campo de estudo primordial, onde tudo aquilo que discutiremos se realiza. Etimologicamente, a palavra provém do grego *pornographos*, que de forma literal significa “*escritos da prostituição*” (LAPEIZ e MORAES, 1985, p. 7). Assim, se compreendermos “*escritos*” como tecnologias do regime de representação, seja ele verbal ou visualmente discursivo, logo alcançamos um entendimento prático sobre a pornografia que diz respeito às variadas formas de representação do sexo e dos corpos nele envolvidos — no caso etimológico, mas não necessariamente, os corpos dos prostitutas — através da produção de imagens em diferentes suportes, tais quais a literatura, mais difundida antigamente, a pintura e a fotografia, populares em muitas épocas, ou o audiovisual, tecnologia esta consolidada como a responsável pela profusão industrial da pornografia, da modernidade à contemporaneidade.

Por outro lado, ao nos depararmos com definições encontradas em dicionários sortidos, mais acessíveis, veremos que estes destacam conceitos como obscenidade, indecência e até imoralidade quando referenciando o termo *pornografia*. Por exemplo, um verbete publicado pelo dicionário do Google descreve o gênero pornográfico como “*a violação ao pudor, ao recato e à reserva socialmente exigidos em matéria sexual*” (GOOGLE e OXFORD LANGUAGES, 2020). Ora, poderíamos verificar, a partir de tal definição genérica, que uma certa consciência social majoritária se preocupa e adere a estes conceitos, introjetados por autoridades de morais cristãs — como *pudor*, *recato* e *reserva* — para embasar suas ideias a respeito da pornografia em geral, uma vez que tais comportamentos são descritos como exigências sociais e que, nesse caso, tais regulações culturais estariam sendo afrontadas pelo fazer pornográfico.

Em seu livro *A Invenção da Pornografia*, Lynn Hunt (1999) nos alerta que o gênero pornográfico na modernidade se associa diretamente a estas mesmas regulações, censuras através das quais o processo de institucionalização da pornografia foi cunhado continuamente através da história. Absorvida também pelo que Linda Williams (1989) conceitua como *frenesi do visível*, a pornografia se institucionaliza simultaneamente ao estabelecimento de uma cultura visual alimentada ao longo dos séculos XIX e XX, cultura esta que se fundamenta e se cristaliza junto à

invenção do cinema como marco de uma sociedade moderna, capaz de reproduzir imagens, narrativas, performances e sensações — notadamente com crescentes alcances em suas audiências e maiores frequência de produção e qualidade técnica ao largo do tempo.

Dessa forma, apesar dos favoráveis ventos industriais para a cultura da visualidade, Hunt defende que a soma das normatizações à pornografia acabaram por caracterizar o gênero a partir da instauração de espaços, físicos e contextuais, para o consumo privativo dos produtos pornográficos. Aqui, podemos considerar que tal distribuição velada do pornô encoraja o desencadeamento de uma experiência social contraditória que, ao mesmo tempo, alimenta condutas culturais distintas e coexistentes: de um lado, uma cultura hostil às práticas pornô no âmbito da visualidade pública; do outro, uma cultura de consumo pornográfico massivo no âmbito privativo das vidas individuais.

Linda Williams nos recorda que “*A história da pornografia enquanto uma forma cultural definitiva ainda não foi escrita. A própria marginalidade da pornografia dentro da cultura nos levou a discutir apenas se a pornografia, assim como o sexo, deveria ser liberada ou reprimida*” (1989, p. 14). Este pensamento aqui nos interessa por explicitar os processos pelos quais a pornografia se estabelece no imaginário social coletivo enquanto algo a ser debatido de maneira polarizada, com reduções a “*sim*” ou “*não*”, “*bom*” ou “*ruim*”, “*válido*” ou “*inválido*”, “*moral*” ou “*imoral*”, muito mais do que de fato se estimular socialmente um debate sobre as potências e problemas do gênero enquanto uma realidade cultural. Assim, como bem reitera Hunt, acima de tudo “*A pornografia [...] designa uma zona de batalha cultural*” (1999, p. 13).

Tal batalha cultural também se verifica ao reconhecermos a pornografia enquanto uma instituição industrial de representação visual massiva das práticas sexuais. Como nos aponta Osmundo Pinho, mais especificamente “*como um mercado para as representações [das práticas sexuais], e como produtora de determinado conjunto de conhecimento e saber sobre os corpos, que assume, sob a forma mercadoria, o valor de uma verdade sobre o sexo e o desejo*” (2012, p. 166). Ora, se tal “*verdade sobre o sexo e o desejo*” se desdobra imaterialmente como produto da indústria cultural pornográfica, à luz de Hunt podemos assumir que tais mercadorias pornô transitam privativamente entre massivos consumidores, que dificilmente chegam a estabelecer qualquer interlocução a respeito dos conhecimentos adquiridos, partilhados pela imagem pornográfica.

De outra forma, pode ser que tal “*verdade sobre o sexo e o desejo*” floresça em conteúdos pornográficos, audiovisuais em sua maioria, que premeditam e amparam, ciclicamente, as

demandas de uma cultura de consumo de massa cujo senso comum está impetrado por preceitos da moralidade cristã patriarcal, conforme nos demonstram as definições reducionistas dos dicionários. Assim, seria possível pensar que, quando tais premissas comportamentais, cunhadas na moralidade cristã, são violadas, sobre as sociabilidades do cotidiano acaba por pairar certa compreensão hegemônica a respeito do sexo, dos prazeres sexuais e, conseqüentemente, da produção de suas imagens, o pornô em si, que defensivamente se respalda no elogio e no reforço irrestrito à suposta *moralidade*, que habita fortemente os imaginários individuais calcados no heteropatriarcado.

Evidentemente, e aqui abrimos parênteses para pontuar este raciocínio, que a intenção deste estudo não se concretiza pela pura e simples exaltação das potências discursivas, políticas e culturais da pornografia, em direta oposição à leitura hegemônica negativa a respeito do gênero. Como veremos à frente, também através dos depoimentos dos atores abordados, muito da institucionalização da indústria pornográfica, de seus primórdios à contemporaneidade, construiu-se a partir da imposição de muitas violências e explorações, de trabalho e de representação. Pontuamos aqui este comentário para que não soemos ingênuos, nesta altura do trabalho, ao propor que uma possível não adesão ao moralismo com o qual a pornografia e a sexualidade são comumente tratadas significaria eliminar as relações de exploração da indústria. Isto porque, como já discutimos, também a pornografia se desdobra a partir da prostituição, atividade profissional especialmente afrontada e explorada pelo regime patriarcal heterocentrado, regime sobre o qual agora precisaremos nos debruçar um pouco mais a fundo, a fim de tentarmos visualizar como a heteronorma age negativamente também no universo pornográfico.

Se, por meio da abstração, pudermos agora visualizar as cúpulas do patriarcado, espalhadas em nossas células sociais, como em nossas famílias, empresas, instituições, governos, nelas veremos representados homens cisheterossexuais aos quais a moralidade, sobre a qual conversamos, não se faz empecilho para nenhum de seus comportamentos ou atitudes. Isto porque, na corrida pela masculinidade inviolável, em vias de atingir certa construção incontestável, irrevogável de que se é masculino, viril, o tal constructo da moralidade emerge de fato enquanto um dispositivo de domínio cultural, através do qual os masculinos se validam entre si, determinando controles violentos aos corpos alheios à masculinidade hegemônica, sob certa argumentação chula de que, se ausentes tais controles, estes corpos constituiriam o imoral — tal qual a pornografia.

Em *A Construção do Masculino*, Daniel Welzer-Lang nos ajuda a edificar um raciocínio sobre a violência heteropatriarcal, ao afirmar que:

“Para os homens, [...] a educação se faz por mimetismo. Ora, o mimetismo dos homens é um mimetismo de violências. De violência inicialmente contra si mesmo. A guerra que os homens empreendem em seus próprios corpos é inicialmente uma guerra contra eles mesmos. Depois, numa segunda etapa, é uma guerra com os outros” (WELZER-LANG, 2001, p. 463)

Aqui nos interessa notar como Welzer-Lang aponta que tal guerra masculina patriarcal é ao mesmo tempo auto e alter-direcionada, ou seja, refletindo sobre as cristalizações identitárias binárias, que por fim instituem tal guerra, mas enxergando como lócus originário deste sistema um mecanismo de autocontrole, ou autorrepressão, que primeiro se implementa e se gestiona também entre homens. Já Sáez e Carrascosa se encarregam de complementar acertadamente quem seriam estes “*outros*” a que Welzer-Lang se refere, também escancarando o caráter violento deste regime ao relacioná-lo diretamente às práticas assassinas:

“[...] o poder patriarcal e machista se constrói, por um lado, por meio deste desprezo contra as mulheres e, por outro, pelo ódio contra os homens considerados como menos masculinos, os gays. [...] Sua identidade se funda em manter de forma obsessiva essa dupla negação (não mulher + não bicha): mate mulheres e bichas e será um homem” (CARRASCOSA e SÁEZ, 2016, p. 127-128)

Tal comentário dos autores dimensiona como imperam, no regime heterocentrado, condutas fundamentadas em variadas formas de violência, culminadas no assassinato, na eliminação física do outro, sendo “*o outro*” os opostos ao masculino, ou seja, as femininas e afeminadas. Por fim e por ora, Welzer-Lang nos aponta:

“O paradigma naturalista da dominação masculina divide homens e mulheres em grupos hierárquicos, dá privilégios aos homens às custas das mulheres. Em relação aos homens tentados, por diferentes razões, de não reproduzir esta divisão (ou, o que é pior, de recusá-la para si próprios), a dominação masculina produz homofobia, para que, com ameaças, os homens se calquem sobre os esquemas ditos normais da virilidade” (WELZER-LANG, 2001, p. 465)

À luz dos pensamentos propostos por Sáez, Carrascosa e Welzer-Lang, podemos então evidenciar a existência de um paralelo entre a misoginia e a homofobia, ambas expressões relacionadas ao desprezo àquilo que não se adequa ao masculino, seja simples pelo nascer, ser mulher, seja pela decisão de recusar a masculinidade por parte daqueles nascidos com pênis.

Agora, conjugando tal reflexão à institucionalização da pornografia, como falávamos, e desdobrando o caráter misógino e homofóbico que fundamenta os valores e atuações patriarcais, há uma noção essencial que precisamos construir a fim de estreitarmos os atravessamentos entre o sexo em si e a suposta imoralidade a ele atribuída por tal regime heterocentrado. Esta noção diz respeito à construção e à segregação dos gêneros quando relacionados à penetrabilidade, ou não, dos diversos corpos. Afinal, também segundo Sáez e Carrascosa, “[...] o único corpo penetrável nesse imaginário coletivo [do patriarcado] é o da mulher, um homem ser penetrado é a maior agressão possível à sua virilidade, ficando rebaixado ao feminino, perdendo [...] seu status superior” (2016, p. 31). Ora, aqui verificamos o quanto da normatização patriarcal se articula também a partir da designação de performances fixas para ambas expressões das sexualidades masculina e feminina, notadamente designando a ação de penetrar ao primeiro e a inação de ser penetrada à segunda. De outra forma, sob o patriarcado a sexualidade deve ser sustentada como apenas mais um dispositivo de seu poder relacional, privilegiando os corpos que preceituam como impenetráveis, logo dominantes, os deles, sobre os corpos que supõem dispostos à penetração, dominados, as outras e os outros.

Acontece que, em relação às construções unilaterais das (im)penetrabilidades alheias, as coisas não poderiam ser assim tão simples. Isto porque existe um fator coringa, capaz de subverter normatizações de quaisquer instâncias, que se chama *desejo* — desejo este que, como bem nos apontou Welzer-Lang, pode operar inclusive entre homens que, por razões quaisquer, *desejam* não ser coniventes com o próprio sistema terrorista em que se inserem. Uma vez distribuídos ao largo do alto escalão de tais ambientes de controle e normatização social, desde as células familiares às governamentais, estes homens compartilham entre si as tensões latentes que habitam seus corpos, tensões estas originadas por desejos de todas as ordens, sexual inclusive, que seguem recalçados e insatisfeitos em suas ultrarrestritas performatividades do gênero masculino que, padronizado em seus próprios termos, de forma paradoxal lhes cabe no âmbito de suas vidas públicas.

Na calada da noite, entretanto, no escuro de seus pensamentos, as virilidades uma vez almeçadas pelos aspirantes masculinos se desconstroem discursiva e emocionalmente, talvez no exato momento em que esses homens necessitam descarregar, de maneira biofisiológica, seus desejos mais profundos e dissidentes à heteronorma falocêntrica em que se veem inseridos compulsoriamente. Em tentativas de se tornarem abjetos em si mesmos, subconscientemente rebelados contra o próprio sistema da masculinidade performativa que os sufoca em seus cotidianos, eles buscam condutas e experiências distintas às vigentes em suas vidas. Aqui, vale

reforçarmos brevemente o pensamento de Welzer-Lang, embora há pouco citado: em primeiro lugar, o mecanismo formativo das personalidades masculinas tem base na violência; depois, tal violência se manifesta nos próprios homens, reativamente à autorrepressão em que se inserem; apenas na sequência, então, tais violências são transferidas imediatamente aos outros.

Em suas intimidades, portanto, quando a heteronorma emite indícios de não lhes servir ou caber mais, não há moralidade que os impeça de agir de quaisquer maneiras abruptas, violentas, em relação aos corpos então predispostos para objetificação ou, mais a fundo, para a penetração, para a violação, para o assassinato, físico ou existencial, todas condutas através das quais materializam seus desejos sexodissidentes sem se preocuparem com quaisquer éticas ou afetividades que possam ter defendido em seus núcleos sociais públicos. Em seus núcleos privados, as defesas à moralidade não se realizam. A ânsia pela materialização dos seus desejos é visceral e, a partir daqui, verifica-se que em muitos casos as suas realizações efetivas só se podem dar externamente à redoma patriarcal — como, por exemplo, em aventuras sexuais fora de casa — ou ainda, clandestina e internamente a ela — como em violências domésticas. Já em outros casos, a profusão desses desejos se vincula diretamente ao circuito industrial de produção e de consumo pornográficos, uma vez que as imagens geradas pela pornografia, como discutiremos, podem vir a suprir diferentes níveis de idealização e realização, virtual que seja, de tais ímpetos e desejos recalcados, reprimidos.

Para que possamos então evidenciar o estreito relacionamento entre os mecanismos de construção da masculinidade hegemônica, inerente à heteronorma patriarcal, e os processos que pautam o consumo massivo de pornografia, majoritariamente privativo, recorreremos a alguns dados aferidos por outros estudos. Desde logo, conforme pesquisa sobre o perfil do consumidor de pornografia no Brasil, realizada em 2018 pelo Quantas Pesquisas e Estudos de Mercado, sob encomenda do canal de televisão a cabo *Sexy Hot*, verificamos que 76% dos consumidores brasileiros são homens autodeclarados heterossexuais, com idades entre 18 e 44 anos, que vivem relacionamentos sérios de casamento, noivado ou namoro, e que consomem pornografia privativamente, através de aparelhos de televisão, computador ou celular (MURARO, 2018).

Em primeiro lugar podemos nos atentar ao fator “*masculino*”, apontado pela pesquisa como categoria predominante ao consumo pornográfico. Tal qual atualmente, através da história o consumo massivo de pornografia também se demonstrou imperativamente masculino. Segundo outro estudo, realizado em 2017 pelo *Institute of Family Studies* do governo australiano, “*A*

quantidade e a frequência de visualização da pornografia difere por gênero, com homens mais propícios a deliberadamente buscarem o pornô, e a fazê-lo com frequência” (EL-MURR; LATHAM; QUADARA, 2017, p. 10). Em segundo lugar, iluminamos o fator “*privativo*”, reconhecendo como o consumo pornográfico tem migrado de meios de veiculação impressos às películas fotográficas e audiovisuais, aos vídeo-analógicos e, então, aos vídeo-digitais, sobrevivendo, hoje, à luz das possibilidades de consumo imediatista, personalizado e anônimo oferecido virtualmente, garantido a usuários de dispositivos com telas e acesso à *internet*, como computadores, *tablets* e *smartphones*.

Sobre a evolução histórica de tal consumo masculino invisível, Marcelo Reges nos resume:

“[...] a internet faz a mediação para que os filmes pornográficos saiam do circuito do cinema (e de suas ‘salas especiais’), cheguem às locadoras e, em seguida, ao âmbito privado (‘à casa dos consumidores’). As barreiras sociais, que antes impediam o consumo devido ao ‘constrangimento’ e à ‘coerção social’, agora não existem da mesma forma que antes. O consumo de filmes pornográficos (tanto homoeróticos quanto heteroeróticos) é mediado pelo relativo anonimato” (REGES, 2004, p. 35)

Acompanhando tal lógica sobre a natureza anônima do consumo, também pontuada por Hunt, e a conjugando à prevalência de consumidores masculinos, parece ser através das apropriações massivas e privativas do pornô, que tais usuários gerem amplamente enquanto sociedade, onde são geradas pedagogias imagético-culturais cíclicas em suas subjetividades, que por sua vez se refletem em suas sociabilidades e sexualidades localizadas no extracampo da imagem pornográfica.

O aparente problema, como discutimos, é que tal extracampo se constitui genericamente pelo regime heterocentrado, cuja base formativa é preceituada pela violência, construída entre homens e para além deles. Por este viés, estabelecidos o grande tráfego comercial dos conteúdos pornô e seus cada vez mais fáceis acessos diários, pode se tornar atravessado ao próprio consumo de pornografia um reconhecimento de como estas produções audiovisuais acabam por espelhar, ou retroalimentar, as normatizações heteropatriarcais estabelecidas pelo cotidiano social masculino. Afinal, “*O que a pornografia produz não são mais do que roteiros identitários sexualmente performativos. Ela faz-se tão somente desse material — os scripts — que, ao mesmo tempo que representam e definem subjetividades, são reflexamente reinterpretados por elas*” (NOGUEIRA; OLIVEIRA; PINTO, 2010, p. 380). Ora, e se tais “*roteiros identitários sexualmente performativos*” forem organizados a partir das normatizações sexuais e das violências de gênero originadas no patriarcado, conforme temos visualizado, poderíamos então assumir que tanto a produção de

pornografia quanto o seu consumo estão a princípio alinhados às práticas e às representações de violência por parte de homens em relação às mulheres, na pornografia heterossexual, e em relação a outros homens, na pornografia gay.

Nesse sentido, parte da repercussão cultural gerada pelo consumo destas produções pornográficas está baseada em afirmar diferentes faces e processos de objetificação feminina, tanto em comunidades hétero quanto homossexuais. Afinal, é através da produção pornográfica para consumo massivo que se desenha um território seguro para veiculação de conteúdos que exponham mulheres, bichas e não-binárias em situações indignas, por assim resumir, uma vez que há respaldo espectral em relação a tais conteúdos. De forma pragmática, tais objetificações se demonstram pela ausência de atividade e de ímpeto das mulheres, no pornô hétero, e das bichas passivas, no pornô gay, em detrimento da atividade dominante dos homens em cena. Conforme estudo realizado em 2010, no qual foram analisadas 45 cenas de pornografia heterossexual, selecionadas aleatoriamente em 15 sites gratuitos de compartilhamento de vídeos pornô, os autores nos descrevem que “*Tipicamente, o ator homem dirigia os atos sexuais que ocorriam. Isto se realizava com o participante homem manuseando a mulher para qualquer posição que ele desejasse, ou verbalmente instruindo a mulher a performar certos atos ou movimentos corporais de diferentes maneiras*” (FISH; GORMAN; MONK-TURNER, 2010, p. 138).

Sob esta compreensão a respeito do pornô hegemônico, seria inocência de nossa parte, portanto, negar ou amenizar a factualidade de que, ainda hoje, coreografias e *mise-en-scènes* cujos pontos de partida narrativa para o desdobramento dos desejos e do sexo são tão somente a presença e a impositação de homens masculinos-padrão em cena se repetem e se multiplicam. Tais modelos de roteiros sexuais, como vimos, estruturam-se falocentricamente, representando certo enredo, comum às relações sexuais encenadas, que progressivamente assume os indivíduos masculinos como portadores de passes livres para transformar suas inescapáveis parceiras sexuais, femininas ou afeminadas, em meros objetos de suas normatizações e violências gratuitas.

Conforme nos apontam Cabrini e Rocha,

“[...] a heteronormatividade, enquanto ordem sexual do presente, constitui-se por meio de condutas que visam gerar modos de ação [...] comumente associados a pequenas violências simbólicas, como brincadeiras heterossexistas e homofóbicas que se constituem como mecanismos disciplinadores de silenciamento, dominação, marginalização e exclusão. Assim, esses modos de agir formam sujeitos que reprimem a própria sexualidade ao ponto de

cometerem violências não somente simbólicas, mas também físicas e psicológicas, contra aqueles que divergem das normas heterossexuais” (CABRINI e ROCHA, 2019, p. 5)

Assim, corroborando o pensamento dos autores, e apostando em certa tentativa de ilustrar como a heteronorma sexual pode se apresentar e estabelecer parâmetros binários para as produções pornográficas contemporâneas, inclusive gays, há uma produção pornô em especial sobre a qual agora nos debruçaremos. Aqui, aproveitamos para frisar que também apresentaremos imagens das cenas analisadas — todas, entretanto, numericamente dispostas apenas no nosso Anexo de Imagens, disponível para consulta ao final do trabalho.

Trata-se de uma produção estadunidense de médio porte chamada *XXX: The Amateur Hour*, mas que de amadora nada tem. Isto porque são cenas dirigidas por um conhecido ator pornô dos anos dois mil, Barrett Long, cenas nas quais ele também atua como ativo, sempre recebendo outros atores, necessariamente passivos, para que então reproduzam um encontro sexual “amador” entre eles. Na cena em questão, lançada em 2010, o ator na posição passiva se chama Ludovic Canot. Por um lado, então, visualizamos um ator autodeclarado heterossexual, Barrett, que atua em produções gays apenas como ativo no sexo, ou seja, os tais atores categorizados pela indústria estrangeira como *gay-for-pay*, homens que transam com homens exclusivamente como penetradores, em troca de papéis e cachês do segmento gay do pornô. Por outro lado, vemos um ator gay francês, Ludovic, afeminado, recém-chegado da França para tal produção nos Estados Unidos, que não fala bem o inglês e que encena como passivo.

Além disso, vale notarmos como ambos os atores correspondem marcadamente às premissas fisionômicas dos gêneros “a eles designados”: Barrett é mais alto, musculoso, mais falante e decisivo nas conduções e coreografias sexuais que, a Ludovic — o homem mais baixo, franzino e calado — resta se submeter sem restrições. Destacamos, então, como a composição do elenco em si já aposta no reforço à lógica binária das categorizações internas à indústria de pornografia gay *mainstream*, notadamente opondo um tipo físico mais robusto, o *hunk*, a um tipo mais mirrado, o *twink*. O resultado são 45 minutos de cena em que Barrett se utiliza de sua pré-determinada dominância na relação para humilhar Ludovic Canot gradualmente, começando por ofensas orais e evoluindo à utilização da força física para agredi-lo e violá-lo. Descreveremos, então, elementos-chave da performance conduzida por Barrett, elementos tais que podem ilustrar muitas das discussões que apresentamos até este ponto e, ao mesmo tempo, abrir-nos novos questionamentos.

Nos primeiros três minutos da cena, Barrett e Ludovic esboçam uma conversa a partir de perguntas e insinuações feitas exclusivamente por Barrett, muitas das quais Ludovic não entende e não consegue responder. O último dos desencontros entre perguntas e respostas acontece quando Barrett pergunta “*O que você veio fazer aqui hoje?*”, ao que Ludovic responde “*Brincar com você*”, e ao que Barrett replica “*Então você quer malhar?*” e assim se abre o pressuposto para que os dois malhem em cena. Com halteres pré-posicionados ao canto do cenário, Barrett faz uma série de dez levantamentos, demonstrando facilidade, e entrega os pesos para Ludovic, exigindo que ele mostre que também consegue levá-los dez vezes.

Demonstrando dificuldade, por sua vez, quando Ludovic termina a série, Barrett não o deixa largar os pesos, e exige que ele faça mais dez levantamentos. Ludovic os faz e, ao final, Barrett ainda pede que Ludovic faça uma terceira série de dez. Em meio a tudo isso, Barrett abaixa a bermuda de Ludovic enquanto ele levanta os pesos, faz uma piada sobre o seu pênis “torto e pequeno”, piada que Ludovic não entende, e depois se planta de pé ao seu lado, fazendo poses que exaltam seus músculos, ao mesmo tempo em que conversa diretamente com a câmera (*Imagem 1*). Depois, Barrett abaixa a própria bermuda, tira os pesos de Ludovic, faz mais uma série com o pênis à mostra, depois se senta no sofá e lança: “*Você deve chupar o meu pau agora*”. Ora, o que vimos são os seis minutos iniciais da cena, através dos quais já nos defrontamos com uma série de questões.

Em primeiro lugar, verifica-se que a voz ativa da cena corresponde à daquele que assumirá o papel de penetrador, ou ativo no ato sexual gay, ou seja, Barrett. Ele assume o discurso verbal e coreográfico da cena, implementando ações em monólogo, uma vez que a inserção de Ludovic no discurso é acessória, desimportante, indiferente — o que de fato importa são suas ações, que devem obedecer ao proposto por Barrett. Este comportamento, sobre o domínio do discurso e de certa logística social, está muito bem assinalado por Paul Preciado em seu livro *Testo Junkie* (2018, p. 78-79), quando o autor comenta que, sob o regime heterocentrado, a subjetividade masculina se pretende construir pela abertura da boca e pelo fechamento do ânus. De forma oposta, a subjetividade feminina se construiria pelo fechamento da boca — ou, melhor dito, pela supressão de seus signos — e pela abertura do ânus e da vagina, regulada pela técnica patriarcal. Tal pensamento de Preciado poderia se aplicar ilustrativamente nesta cena que agora abordamos, uma vez que se privilegia a voz do masculino, do ativo, do penetrador — e, ainda, neste caso, do produtor da cena,

do “proprietário da situação” — em detrimento do silenciamento “feminino”, neste caso representado pelo homem passivo, o afeminado, o estrangeiro, o corpo a ser penetrado.

Em segundo lugar, ainda sobre os minutos iniciais da cena, destacamos alguns reforços caricaturais à masculinidade hegemônica que perpassam toda a performance coreografada por Barrett, instituindo relações entre os atores a partir de suas “virilidades”: primeiro, pela impositação de uma “prova de força física”, relacionada aos halteres; depois, pela exaltação das distintas formações fisionômicas e musculares de cada um; e, por fim, mas não menos importante, pelo tamanho de seus pênis — pênis penetrador este, o de Barrett, que, uma vez apresentado, demarca o fim da etapa pré-sexo da cena. Assim, dos seis até os 18 minutos da metragem, Ludovic realiza sexo oral em Barrett, sendo repetidamente ordenado por ele com imperativas como “*abra mais a sua boca*”, “*me chupe e me masturbe ao mesmo tempo*” e “*me deixe duro*”. A masturbação conjugada ao boquete é cobrada por Barrett com mais veemência ao longo do tempo por um fator que muito nos interessa: o seu pênis de 28cm não atinge ereção total em nenhum momento.

Ao largo dos 12 minutos de sexo oral na cena, em diferentes pontos verificamos o pênis de Barrett se dobrando sobre as mãos e a boca de Ludovic, como numa meia ereção (*Imagem 2*). Pouco a pouco, Barrett se irrita com sua própria meia-bomba, atribuindo então a Ludovic a “culpa” por não estar conseguindo deixar o seu pênis ereto. A sessão de sexo oral então se encerra com o início das violações físicas a Ludovic, impulsionadas pelo crescente incômodo de Barrett em relação ao próprio pênis flácido. Dos 18 aos 23 minutos, então, Barrett agride Ludovic de duas maneiras: primeiro, chocando o pênis contra o seu rosto, inclusive provocando Ludovic com o ritmo das batidas — quando Ludovic vira o rosto, recuando das porradas, Barrett segura seu pênis no ar e aguarda até que Ludovic vire de frente para, só então, bater-lhe no rosto novamente (*Imagem 3*).

Depois, Barrett posiciona Ludovic de quatro e lhe dá fortes tapas na bunda e também no seu saco escrotal, deliberadamente puxando os testículos de Ludovic à frente e tapeando-lhes com força — ações que promovem recuos de Ludovic, como encolher-se, debater-se e afastar-se, esticando braços e pernas, para longe de Barrett (*Imagem 4*). Tais recuos nos indicam, quando associados às expressões corporais e faciais de Ludovic, que estas violências estão fora do escopo do consentimento pautado por ele. Aqui, somada à violência física, destacamos também uma violência verbal, e muito simbólica, por parte de Barrett: logo após começar a bater em Ludovic, o pênis de Barrett demonstra leves indícios de ereção — ainda não completa, mas certamente maior que antes.

Ao reconhecer isto, Barrett declara: “*Ah, isso sim deixa o meu pau duro. Olha isso! Isso me deixa mais duro do que o seu boquete*” Ora, neste ponto nos vemos explicitamente defrontados com uma cena que se utiliza de diversos elementos constitutivos da masculinidade hegemônica, desdobrada pelas construções de gênero premeditadas pela lógica patriarcal, elementos estes que culminam na constatação, verbal e física, visual — que palpamos através da imagem — de que o prazer masculino heterocentrado está intrinsecamente vinculado à violência enquanto premissa, roteiro e coreografia.

Na sequência, em um de seus recuos, Ludovic envolve seu pênis e saco escrotal com uma das mãos, protegendo-os das porradas. Barrett então reage com “*Solte as suas bolas! Como você está se sentindo?*”, ao que Ludovic responde “*Machucado*”, e Barrett então ri, depois batendo-lhe com o pênis (*Imagem 5*). A partir dos 23 minutos, com Ludovic já posicionado em quatro apoios, com a bunda e o pênis vermelhos, Barrett inicia suas tentativas de penetrá-lo, o que não se efetiva tão cedo na metragem. Isto porque seu pênis se mantém flácido, dobrando-se sobre o cu de Ludovic repetidas vezes ao invés de adentrá-lo (*Imagem 6*). Em meio à situação, Barrett mais uma vez transfere a responsabilidade para Ludovic, afirmando que “*seu cu é muito apertado, precisamos abri-lo mais*”. Para tal, Barrett entrega a Ludovic uma réplica do seu próprio pênis em formato de dildo — este, no entanto, duro, rígido — e exige que Ludovic se penetre com o objeto. Ludovic o faz e, apenas a partir dos trinta minutos da cena, Barrett consegue penetrá-lo com o próprio pênis.

Durante a penetração, Barrett faz diferentes reclamações, resmungando para si mesmo, como “*Você está me fazendo trabalhar muito hoje*”. Enquanto reclama, ele também se dirige à câmera com olhares de desprezo. Após quatro minutos de penetração, Barrett declara “*Olha, finalmente meu pau está ficando duro*” e, imediatamente, impõe um ritmo e uma força maiores à penetração, fazendo com que Ludovic recue, fugindo da abrupta mudança de intensidade do sexo. Barrett se irrita com o recuo, puxa Ludovic pelos ombros, aponta um dedo contra o seu rosto e afirma com raiva “*Toda vez que meu pau começa a ficar duro você foge, aí meu pau fica mole e você me faz parecer um idiota aqui, porque eu não estou te fodendo como deveria*” Dito isto, Barrett retoma o ritmo acelerado, e completa “*Não me faça de idiota, não sou eu que sou a puta aqui*” (*Imagem 7*)

Ao longo de toda a penetração, em variados momentos Ludovic recua e se recolhe das investidas de Barrett, recuos aos que Barrett retruca cada vez com mais raiva. Em uma das tentativas de afastamento, Ludovic estica o braço e empurra os quadris de Barrett, cobrando que ele parasse ou diminuísse o ritmo. Barrett prontamente segura o braço de Ludovic e o arremessa para longe de si,

afirmando “*Não me toque! Você está me tocando como uma mulher, você não é uma mulher, você é um homem, não me toque!*” Em outra tentativa de recuo, Barrett convoca o câmera para mais perto da ação e diz “*Você precisa registrar isso, ele está tentando fugir de novo, mas ele não vai fugir, esse cu é meu agora, eu sou dono disso aqui*” O câmera e Barrett então riem juntos, e, dirigindo-se a Ludovic, Barrett completa “*Eu vou cortar o seu salário, hein? Você quer que eu corte o seu salário?*”

Finalmente, aos quarenta minutos, a penetração se encerra. Masturbando o seu pênis ainda meia-bomba, Barrett afirma para Ludovic: “*Você falhou*” A metragem finaliza com a ejaculação de ambos os atores, sendo a de Barrett no rosto e nos olhos de Ludovic. Barrett então profere a retórica “*Eu gozei nos seus olhos?*”, ao que Ludovic, de olhos fechados, responde “*Sim*” (*Imagem 8*), ao que Barrett replica “*Talvez eu não tivesse feito isso, se você tivesse me deixado te comer direito*” E assim se encerra a cena. Neste ponto, vale reforçarmos que a decisão por trazer à tona tal cena absolutamente caricatural — no sentido da masculinidade e do falocentrismo hegemônicos — respalda-se no objetivo único de ilustrar, através da apresentação de um produto pornográfico gay massivo, os processos pelos quais as discussões que temos pautado se realizam de forma prática tanto nas relações sociais gerais, estabelecidas pelo sistema de gênero vigente, quanto na indústria de pornografia gay, nosso campo de maior e mais específico interesse.

Agora, finalizada a descrição de tal cena, como falamos, novos questionamentos emergem a partir da performance dirigida por Barrett Long, então imposta a Ludovic Canot. Isto porque, de forma geral, na cena verificamos toda a evolução constitutiva da violência masculina, assinalada previamente por Welzer-Lang. Em primeiro lugar, podemos considerar que Barrett Long parte de uma condição de autorrepressão, de uma violência contra si mesmo, uma vez que se declara heterossexual e, ao mesmo tempo, produz e participa ele próprio em uma coreografia de sexo gay. Afinal, quais seriam suas motivações para tal, além do óbvio retorno financeiro? Em segundo lugar, verificamos como tal violência auto-imposta por Barrett se reflete em seu comportamento violento. Para reafirmar sua heterossexualidade, ele recorre aos signos hegemônicos da masculinidade e os aplica em suas coreografias social e sexual, a todo momento buscando reforços em caricaturas como a força, o biótipo, a “virilidade”, o *falo*, representado por seu enorme pênis que nunca se excita, e, ao fim da linha, a violência em si.

Por último e mais importante, verificamos os métodos pelos quais tal violência é deliberadamente transferida ao outro, responsabilizando o outro, o oposto, o “feminino”, pelas

incompetências da própria masculinidade. Como discutimos, Ludovic é culpado a todo momento pela disfunção erétil, ou pela falta de tesão, de Barrett. Afinal, sob os valores preceituados pela “linguagem” da cena, pela direção de Barrett, ou sob sua ótica, Ludovic é o estrangeiro, o passivo, o corpo disposto a ser penetrado, foi ele quem se deslocou além-mares apenas para que fosse penetrado pelos tais enormes 28cm. Mas e se tal pênis não endurecer? Para Barrett — e possivelmente para os públicos que consomem *e validam* tal cena — a culpa só pode ser de Ludovic: ele que não está cumprindo fielmente com as suas obrigações, ditadas pelo patriarcado, de ser um corpo irrestritamente penetrável; ele, e somente ele, que deseja não validar a premissa de ser objeto para o prazer masculino. Então, como resolver esta situação sob a ótica da heteronorma? Recorrendo ao método mais eficiente de regulação dos corpos e dos gêneros: a violência.

Em todo este debate, ainda, há uma noção correlata a respeito do *falo* que agora propomos pontuar, também aproveitando o impulso e o contexto da cena que acabamos de abordar. Como vimos, no caso do pênis de Barrett, a falência do falo se demonstrou fator determinante para o desdobramento da violência no interior da cena, ou seja, nas coreografias e na relação entre os corpos. Isto porque, sob o patriarcado, a atribuição social que pré-determina poder ao homem cisheterossexual presume que tal poder é algo que sempre lhe foi próprio, de seu devir ou “por sua natureza”, já que possuidor de seu próprio pênis, ou seu próprio falo. O falocentrismo, nesse sentido, define-se como certa convicção na ideia da superioridade e dominação masculina, evidente pelo fato de o falo ser sempre aceito como o único ponto de referência, ou o único modo de validação da realidade cultural, conforme nos aponta Bourdieu (1998). Neste sistema, notadamente as mulheres, e pessoas que performam a partir de feminilidades, são sempre compreendidas e conceituadas com base nas suas relações com o homem, mas nunca como seres independentes em si.

Historiograficamente, portanto, é importante reconhecer como tais compreensões sobre a pornografia, apresentadas até este ponto, podem parecer de certa forma alinhadas a determinados debates feministas, já datados na contemporaneidade, encabeçados em especial por autoras como Andrea Dworkin e Catharine MacKinnon a partir dos anos 1970, em que apontavam a pornografia como um espaço institucional de produção e consumo cultural massivo, no qual a manutenção da heteronormatividade falocêntrica se impunha como fator-chave para o fortalecimento e o desenvolvimento de tal indústria cultural em grande escala. À época se fez notável como o conteúdo pornográfico audiovisual majoritariamente consumido, através da história, havia replicado preceitos heteronormativos compulsoriamente, ao espelho da sociedade

patriarcal em que habitamos até os dias atuais. Assim, tais leituras feministas outrora se posicionaram veementemente como contrárias à produção pornográfica em geral, condenando os materiais pornográficos de consumo massivo como degradantes para os corpos femininos.

Nesse contexto, entretanto, contra-argumentações feministas surgiram em resposta a tais linhas de estudo sobre a pornografia, a partir de publicações de autores como Gayle Rubin e Patrick Califia, que assumiram reações diretas ao movimento anti-pornografia, originando um intenso debate denominado como as *Sex Wars*. As feministas pró-sexo, ou pró-pornografia, contestaram o entendimento de que a produção pornográfica apenas oprimia as vivências sexuais femininas. Para elas, assumir que “possíveis danos” gerados pelas produções pornô estariam direcionados apenas a corpos femininos era o mesmo que excluir tais corpos de uma leitura macrossocial em relação à sexualidade humana.

Em outras palavras, as feministas pró-pornografia defendiam que haviam revoluções possíveis nas representações sexuais de femininas — e, porque não, afeminadas — na pornografia, no sentido de reconhecer tais corpos num contexto da performance e do desejo sexual auto-originado, que historicamente lhes foi negado. Como descrito pela feminista pró-pornografia Wendy McElroy (1995), em seu manifesto *XXX: A woman's right to pornography*, não poderia haver legitimidade conceitual nos estudos apresentados pelo movimento *anti-porn*, uma vez que seus pontos de vista estariam contaminados por ideologias, crenças e construções morais do universo da personalidade de tais autoras.

No entanto, para ambas as leituras de tal debate polarizado, notadamente pelos extremos *anti* e *pró*-pornografia, igual e historicamente se considera que as representações sexuais audiovisuais, às quais somos submetidos em nossos imaginários pornográficos massivos, estabelecem parâmetros baseados na construção repetitiva de imagens estereotipadas, como máquinas produtoras de experiências sexuais fixamente categorizadas em suas binaridades. Dessa forma, as *Sex Wars* entre as feministas, em todas suas diferentes posições no debate, estabeleceram indistintamente certa estrutura binária que mantinha sustentadas representações identitárias dualistas, como masculino *versus* feminino, dominante *versus* submisso, atividade *versus* passividade. Assim, a persistência de tais dicotomias discursivas revela a permanência de certo pensamento heterocentrado em todas as nuances de leitura do debate sobre pornografia, e também de certa repercussão cultural gerada a partir do seu consumo.

Apesar disso, propomos então uma filiação às teorizações pró-pornografia para seguir com a construção deste trabalho. Isto porque, macroscopicamente, relacionando o conjunto de contribuições promovido pelas *Sex Wars*, não há dúvidas que existem permanências da heteronormatividade nas produções de pornografia, gays inclusive, do passado e do presente. Como disposto até aqui, a cultura de consumo pornográfico de massa, que se constrói historicamente até os dias de hoje, é indissociada da cultura falocêntrica que nos norteia hegemonicamente enquanto sociedade patriarcal. No entanto, é natural pensarmos que toda cultura gera contraculturas. Grupos marginais às conjunturas político-sociais necessitam esgarçar suas experiências de vida para além dos pactos comportamentais compulsórios aos quais se veem submetidos. Assim, assinalamos que, a partir deste ponto, iniciamos a transição ao segundo capítulo do nosso estudo, no qual buscaremos iluminar tais coreografias e experiências sexuais contra-hegemônicas, registradas em determinada filmografia pornográfica gay.

Para tal, analisaremos produções recentes nacionais em que os atores passivos sejam *power bottoms*, categoria performática esta diametralmente oposta ao que pudemos visualizar na relação entre Ludovic e Barrett. Melhor dito, abordaremos cenas em que os atores passivos dominam as relações no sexo e diante das câmeras. Tal escolha busca se associar às leituras positivas sobre o universo pornográfico, reconhecendo e refletindo sobre as novas performatividades de gênero e de sexualidade que pipocam nas estreias de novos atores passivos, que performam seus empoderamentos a partir de suas passividades e da atividade dominante de seus cus. Em produções constantes para veículos *online*, eles se inserem em uma historiografia pornográfica brasileira mais recente e arrojada. Paralelamente às análises das produções de tais atores, como já comentamos, também apresentaremos entrevistas com alguns dos mesmos atores analisados, garantindo a repercussão de seus depoimentos pessoais em relação a tais trabalhos selecionados, e às suas carreiras de modo geral.

Aqui, demarcamos que assinalar o passivo enquanto protagonista gera uma grata reconfiguração de seus lugares de fala, a partir do reconhecimento de como tais corpos afeminados foram e são tratados historicamente nas visualidades intra e extra-pornográficas. Poder comprovar a pulsão dos movimentos performativos de corpos que se inserem em diferentes formas de desterritorialização da heteronormatividade acaba por estabelecer como prioridade certa defesa convicta das “*experiências do cotidiano como novas formas de se pensar e construir as práticas da visualidade, buscando novos paradigmas dos corpos e dos sujeitos*” (BARRETO, 2011, p. 118).

Reconhecer o corpo do passivo como extensão de seu devir é libertar um corpo que tradicionalmente serviria somente aos desejos e práticas sexuais de seu parceiro dominador.

Tais resistências sexuais, através da produção audiovisual pornográfica, acabam por gerar novas leituras de reforço às possíveis multiplicidades de identidades e intimidades afetivo-sexuais a serem conquistadas conjuntamente em sociedade. As estruturas de afeto do imaginário dos atores passivos seguem, mais do que nunca, a perspectiva de que há um crescente movimento de *empoderamento pelo cu*, aqui pensado através do audiovisual, mas também transposto às práticas e às poéticas do cotidiano, onde se constroem homoafetividades em torno de vivências e representações sexuais não-falocêntricas, nem direcionadas ao espelho do patriarcado.

Como desdobraremos, posicionar-se criticamente a respeito da suposta marginalidade dos atores passivos se faz primordial ao estudo aqui proposto, o que inclui estabelecer e discorrer sobre as máximas das intimidades gays atingidas pelas entrevistas — intimidades estas que pouco estiveram historicamente presentes nas narrativas da pornografia gay *mainstream*. O reconhecimento dos depoimentos dos atores enquanto confissões dissonantes, e desconstrutoras de estereótipos, sobre suas supostas subalternidades, perpassa territórios das suas vidas pessoal e profissional, transversalmente, possibilitando compreender as implicâncias atravessadas por ambas as esferas, uma na outra. Tais novas performatividades de poder passivo evocam a percepção da importância das visualidades do corpo nu para além do pênis, ou seja, a importância de se representar o cu explícito, pulsante e autônomo em meio às performances pornográficas.

Em consequência, quem sabe a partir dessas imagens *analéticas* poderemos vir a observar como elas se veem implicadas nos reflexos sobre quem produz e quem consome tais imagens, e as decorrentes dimensões políticas e culturais que possam ser geradas a partir deste consumo. A escolha por pesquisar atores passivos empoderados, que desestabilizam as hierarquias dos bastidores das produções de pornô gay, portanto, faz-se determinante para o seguimento deste trabalho. Afinal, são atores que impõem, através de suas performances, novas éticas e estéticas de poder, originárias de suas passividades, de suas feminilidades e de seus cus, às quais poderemos prestar as devidas atenções a partir de agora.

CAPÍTULO II — *Ascensão das passividades ativas desde a carreira de Andy Star*

Iniciamos este capítulo enfim apresentando Andy Star, ator cuja carreira se relaciona estreitamente com os temas que temos buscado discutir, e que, portanto, enquadraremos como personalidade-chave desta secção, relacionando-o também a outros atores. Nascido Anderson Alves em Canoas, Rio Grande do Sul, em outubro de 1986, Andy Star iniciou sua trajetória no pornô quase que por acaso. Isto porque, em março de 2015, enquanto ainda trabalhava no setor de serviços, como recepcionista em uma unidade da rede de academias *Smart Fit* no Rio de Janeiro, Andy foi flagrado e filmado enquanto fazia sexo em uma das cabines de banho do vestiário da própria academia em que trabalhava — fora do seu horário de trabalho, no entanto. O vídeo-flagra de nove segundos foi então compartilhado em grupos de *Whats App* da academia e além, viralizando rapidamente em um site gratuito de compartilhamento de vídeos pornô, o *XVideos*. Devido à repercussão, Andy foi dispensado de sua função na academia e, logo após, foi contactado pela produtora pornô carioca Hot Boys, que prontamente lhe ofereceu uma proposta de trabalho.

Segundo relata Andy Star, em entrevista concedida em 2016 ao portal Guia Gay São Paulo, “[...] a Hot Boys resolveu, junto comigo, lançar um personagem safado, que fizesse coisas diferentes, muito despudorado. E seguimos por esse caminho, de não fazer um menininho passivo, submisso ou que fosse dominado, mas alguém que entende sua sexualidade [...]” Este relato de Andy muito nos interessa em dois aspectos: primeiro, atentando à construção do seu raciocínio, verificamos que, a princípio ou “de forma inerente”, tanto Andy quanto os produtores da Hot Boys visualizaram um padrão para a performance sexual passiva que necessariamente se vincula à submissão, corroborando as discussões que dispusemos no primeiro capítulo.

Em segundo lugar, verificamos que, juntos, Andy e Hot Boys decidiram por superar tal padrão, apostando na construção de um personagem passivo “que entende sua sexualidade” — algo constatando, de outra forma, certo lugar hegemônico de desinformação sexual, mantido pelo sistema de gênero, que premedita alienar o passivo em prol de manter seu corpo à disposição para o bom gerenciamento de tal regime de exploração. Nesse sentido, “*entender sua sexualidade*” pode significar uma grande virada cultural, posicionando Andy como “*um dos atores passivos mais ativo que existe, porque eu sou muito ativo em cena*”, como ele mesmo se declara na entrevista.

Assim, antes de prosseguirmos para uma visualização panorâmica da carreira de Andy Star sob tal ótica contra-hegemônica, propomos olhar rapidamente para Fábio Ferraz e Lukas Katter,

um par de atores pornô passivos contemporâneos a Andy e que têm construído carreiras em diferentes produtoras: Fábio trabalha majoritariamente para a Meninos Online, enquanto Lukas é contratado pela Hot Boys. Embora suas performances sejam únicas, distintas entre si, existem alguns fatores que podemos aqui elencar que, por fim, relacionam e aproximam Fábio e Lukas — e que, mais à frente, veremos que também os afastam da performance proposta por Andy Star.

Dito isto, o primeiro aspecto em comum a ambos atores foi também denominado por Andy em sua entrevista: eles se apresentam como “*menininhos passivos*”. Tais “*menininhos*” se caracterizam por um conjunto algo fixo de aparências e personalidades que visam associá-los aos preceitos hegemônicos da feminilidade e da passividade. Dessa forma, em suas aparências estes atores apresentam portes físicos pequenos, estruturas musculares fracas, baixas estaturas, ausência de pêlos, vozes mais agudas ou vagas. Tal padrão físico para atores passivos, internacionalmente categorizado como *twink*, repete-se ao longo de diferentes produtoras do Brasil e do mundo.

Já em suas personalidades, uma característica recorrente entre eles é a apatia com a qual direcionam suas (in)decisões narrativas. Isto porque, em grande parte das suas cenas, tais atores se veem subscritos a situações indesejáveis, tanto sociais quanto sexuais, sobre as quais seus personagens pouco ou nada agem reativamente, raramente estabelecendo alguma interlocução, interventiva ou não, com seus parceiros de cena. Quando das raras vezes em que reações existem nas cenas, suas ações investidas são imediatamente paralisadas e silenciadas por seus parceiros ativos, seja roteirizada ou espontaneamente, delegando a estes atores passivos posicionamentos pétreos de total passividade — não no sentido de que serão penetrados, mas no sentido de que, de fato, não devem agir. Tal passividade se visualiza, em primeiro lugar, pela instauração de hierarquias nos relacionamentos entre os atores, notáveis nas etapas pré-sexo das cenas; depois, pelos tratamentos afetivo e sexual de inferiorização que tais hierarquias podem desencadear.

Assim, tais mecanismos narrativos podem ser ilustrados se trouxermos à discussão produções-chave estreladas por Fábio e Lukas, no intuito de reconhecemos, de forma palpável, através da visualização, um certo padrão de roteiro narrativo e coreográfico que atribui repetidos lugares de inferioridade aos atores e personagens passivos. Como, por exemplo, a terceira cena estrelada por Fábio Ferraz para a produtora Meninos Online, em 2014. A cena se inicia com os atores Diogo e Júnior parados em meio a uma escadaria pública na cidade de São Paulo, por onde passam pessoas e veículos. Diogo diz “*Já tá quase na hora dele passar aí?*”, ao que Júnior responde

“*Ele sempre vem por aqui*”, apontando para a calçada atrás deles.

No plano seguinte, Fábio aparece caminhando na calçada citada, vestindo uma bolsa tiracolo vermelha e um gorro “infantil”, com olhos desenhados e orelhas longas como de coelho. Ao chegar à escadaria, Fábio sobe os degraus e Diogo e Júnior vêm atrás dele — Júnior empunhando um taco de beisebol (*Imagem 9*). Após três planos de perseguição, Fábio é abordado por eles, ao que Júnior lança “*Vambora, fica quietinho e segue com a gente*”, ameaçando-lhe com o taco que carrega e lhe imprensando contra Diogo. No próximo plano, os três entram numa casa pela garagem e Fábio é jogado contra a parede. Sua bolsa é carregada por Diogo enquanto Júnior diz “*Vamo ver o que tem nessa sua mochila, demônio, bora, vamo subindo*”

No plano seguinte, os três aparecem num quarto, onde Fábio é jogado na cama enquanto Diogo e Júnior revistam sua bolsa. De dentro dela, eles retiram três revistas G Magazine e dois dildos. Júnior enrola uma revista num cilindro e começa a bater no rosto e na cabeça de Fábio, arrancando-lhe seu gorro de bichinho e dizendo “*E essa porra aqui? Bem coisa de viadinho mesmo*” (*Imagem 10*) Estes são os três primeiros minutos da cena, de 30 minutos totais, nos quais Fábio Ferraz não pronuncia uma palavra sequer — apesar de verificarmos a falta do seu consentimento para o sexo por suas tentativas de fuga aos seus parceiros. A partir daí se iniciam as coreografias sexuais da cena, que se estendem até o último minuto.

Apesar de inserido numa narrativa de violações, de notáveis sequestro e estupro, vale notarmos como Fábio Ferraz mantém seu pênis ereto durante grande parte da atividade sexual, além de assumir posturas algo ativas no sexo, em coreografias nas quais ele conduz parte do ritmo da penetração. Nesse sentido, o elemento visual “pênis ereto” nos atores passivos pode denotar algo de prazer, mas não necessariamente, em especial se considerarmos a ampla utilização de fármacos propulsores para a ereção peniana, genericamente categorizados como *viagra*, inclusive entre atores que estejam em posições passivas no sexo.

O mesmo é válido para imagens de ejaculação feitas a partir dos pênis dos atores passivos — as quais, a princípio, conformam-se com o conceito de *money shot*, tal como utilizado por Linda Williams (1989), no sentido de que tais imagens ali se dispõem para garantir ao espectador certa materialização do prazer e do gozo também do ator passivo, então “comprovados” visualmente por suas ejaculações. Por exemplo, ao final desta cena, Júnior exige que Fábio goze enquanto é

penetrado pelo taco de beisebol, numa ação que se desenrola ao longo de sete cortes entre planos.

Como sabemos, sob o advento da decupagem cinematográfica, processo inerente à máquina técnica audiovisual, permitiria-se, hipoteticamente, que Fábio tenha se masturbado entre os cortes, afastando-se ou não das coreografias sexuais para excitar-se ao ponto de alcançar ereções e ejaculações em seu retorno aos enquadramentos e às coreografias originais. Ou, simplesmente, Fábio estava de fato excitado na cena, de forma que, frisamos, são hipóteses que apenas levantamos neste momento. Em complemento, em entrevista concedida em 2017 ao programa de rádio A Casa do Mr. Volpi, quando questionado sobre seus planos de carreira, Fábio afirma que *“Tenho planos para uma carreira internacional, mas por enquanto eu estou investindo um pouco aqui no Brasil ainda, com uma empresa que eu gosto muito, que é a Meninos Online”*

Combinados, então, o seu relato positivo sobre a produtora Meninos Online à sua performance sexual algo ativa na cena que citamos, poderíamos inferir que, apesar do roteiro criminoso, abusivo e homofóbico proposto para a produção, Fábio não tenha se sentido necessariamente abusado ou submetido a práticas sexuais não- consensuais, ao menos nas etapas de contratação e pré- produção da referida cena. Entretanto, seguindo a linha das narrativas baseadas no não- consentimento dos personagens passivos, ou no estupro, enquanto roteirização e coreografia principais, olhamos agora para a cena intitulada *“Negão com raiva comendo teen”*, lançada também em 2014 pela produtora Hot Boys, e na qual o ator Lukas Katter é a estrela. A cena inicia com Lukas em sua casa fazendo um pedido em um restaurante de comida japonesa. Em seguida, vemos Dom, o entregador do restaurante, subindo em sua moto e saindo para a entrega. Ele chega à casa de Lukas, entrega o pedido, recebe o dinheiro e vai-se embora.

Na sequência, Lukas reclama da aparência e do gosto da comida que recebeu, ligando novamente ao restaurante e pedindo que seu dinheiro seja devolvido. O entregador Dom então retorna à casa de Lukas, salta de sua moto e diz *“Viadinho filha da puta, fez eu vir aqui de novo”* Já dentro da casa, Dom devolve o dinheiro a Lukas com raiva, queixando-se e alegando que ele é o trabalhador, enquanto Lukas está à toa em casa, buscando criar confusão. Lukas responde que reclamou apenas porque a comida não estava gostosa e estava feia, ao que Dom retruca *“Feia é a minha rola, vai tomar no cu, seu viadinho”* Lukas então puxa o celular e liga para o restaurante, dizendo *“Eu gostaria de fazer uma reclamação de um funcionário”*, ao que Dom tira o celular da mão de Lukas e lança *“Tu já tá fazendo reclamação? Tu é um viadinho mesmo”*

Depois de puxar Lukas pelos cabelos e esfregá-lo contra o seu pênis à mostra, Dom segura Lukas pelo maxilar, apertando suas bochechas, aponta o dedo no seu rosto e diz “*Se você não comer [a minha rola] eu vou te meter a porrada*” (*Imagem 11*) Lukas, então, vê-se ameaçado e, assim, as coreografias sexuais da cena se iniciam aos oito minutos da metragem. Sob xingamentos e posicionamentos físicos e coreográficos liderados por Dom, Katter é submetido a um sexo o qual busca negar e se desvencilhar a todo instante, pedindo para que Dom pare de penetrá-lo, afirmando que está sentindo dor e variantes neste sentido (*Imagem 12*). Em entrevista concedida em 2016 ao canal da produtora Hot Boys no *You Tube*, quando questionado se é prazeroso atuar em filmes pornô, Katter afirma que “*Mais ou menos, na verdade não sinto muito prazer. Em algumas partes sim, em outras não*” Já quando questionado sobre como ele se sente ao gravar com a Hot Boys, Lukas completa “*Gravar no Hot Boys é legal, eu gosto da equipe, é tudo bem planejado, as ideias que eles têm, tipo se machucar, ou machucar o ator... (risos nervosos) Mentira, tá!*”

Conforme veremos com mais detalhes ao longo do trabalho, é praxe para as produtoras pornográficas aqui abordadas, tanto brasileiras quanto estrangeiras, possuir toda uma articulação de acordos, contratos e consensos que se desenrolam nas etapas de pré- produção das cenas, ou seja, pautando posturas, dramaturgias e coreografias a serem reproduzidas nas produções. Nesse sentido, poderíamos inferir, por exemplo, que a postura de negação ao sexo que Lukas assume nesta cena com Dom já estaria previamente consensuada.

No entanto, se consideradas as declarações de Katter a respeito de seu bem- estar e dos processos criativos da produtora, poderíamos também palpitar que, apesar de concordarem em participar das cenas — ainda que haja dor física, como sinaliza Katter — muitas vezes tais cenas podem representar violências reais, palpáveis a estes atores, ainda que, repetimos, previamente acordadas. Também sobre isto, um relato relevante nos foi dado diretamente por Katter, quando o contactamos para uma possível entrevista exclusiva para este trabalho — que, por fim, não pôde ser realizada. Na ocasião, Katter ficou surpreso com o fato de estarmos pesquisando atores passivos, e declarou “*Jura que estão estudando passivos na universidade? Que louco, muitas vezes eu me sinto só um buraco*” Como verificamos, o conteúdo e o tom de sua declaração podem denotar aparentes baixa autoestima e desvalorização em relação à própria profissão.

Por ora, então, finalizamos os comentários a respeito dos processos violadores aos quais estão muitas vezes subscritos os atores passivos, processos estes ilustrados por cenas de produtoras

brasileiras distintas. E para que reconheçamos pontos de virada, discursiva e coreográfica, nestes processos, partiremos agora da carreira de Andy Star. Como vimos, Andy faz a sua estreia no universo pornográfico gay brasileiro com um propósito norteador bastante demarcado: subverter à ponta-cabeça a lógica hegemônica das performances sexuais passivas, reposicionando a passividade de seu lugar canônico de submissão a um novo lugar, este de plena atividade sexual autogerada e autogerida a partir do cu. Assim, mergulharemos em produções-chave relacionadas ao êxito contra-hegemônico de sua representação passiva, olhando a princípio para três cenas estreladas por Andy Star no início de sua carreira no Brasil, duas produzidas pela Hot Boys, em 2015, e a terceira produzida pela Meninos Online, em 2016. Depois, visualizaremos um panorama de transição para sua carreira internacional.

A primeira cena de que trataremos é intitulada “*O Paciente Pernetá Dotadão*”, na qual Andy contracena com Paulão, ator também lançado pela Hot Boys e cujas características físicas incluem a ausência de uma de suas pernas. Muito embora o título escolhido para a cena possa denotar certo tom pejorativo, notável pela utilização do termo “pernetá”, na mesma entrevista concedida ao portal Guia Gay São Paulo, Andy relatou:

“Houve um extremo cuidado meu e da empresa para que aquilo não ficasse pejorativo. Antes de aceitar a gravação, ficou acordado que a cena seria de bom gosto. [...] Foi um grande aprendizado ter feito essa cena e ter me preparado para ela. O foco principal de ter feito o filme foi desmistificar esse preconceito que a gente tem, [...] foi mostrar o quanto é igual ficar com um deficiente físico, e não o quanto é diferente” (STAR, 2016)

Além disso, apesar da cena ter sido uma de suas primeiras, em outra entrevista, esta concedida em 2017 ao portal Dentro do Meio, Andy declarou que “*Eu considero a cena com o Paulão a mais importante da minha carreira, porque foi aberta uma discussão muito importante depois daquela cena*”

A cena de 36 minutos se inicia com o médico Andy Star em seu consultório, trabalhando em seu computador. Um telefone toca ao seu lado e, ao atendê-lo, Andy libera a entrada do paciente Paulo. Pedindo licença, Paulo entra na sala e se senta de frente a Andy, apoiando suas muletas e entregando a Andy alguns exames. Enquanto confere a papelada, Andy explica a Paulo que ele é o médico responsável por encaminhar o tratamento de sua perna, orientando-o a se posicionar na maca do consultório para que realizem juntos a última medição de suas pernas e, assim, possam encomendar a confecção de uma prótese. Paulo então tira sua longa bermuda,

ficando apenas de cueca e deixando à mostra suas pernas para a medição.

Enquanto Andy afere as medidas, o pênis de Paulo começa a endurecer dentro de sua cueca. Andy finge não reparar enquanto ouvimos um pensamento seu, que diz “*Esse pau deve ser uma delícia!*” Em seguida, Paulo se desculpa, dizendo “*Desculpa, doutor, por eu estar assim... é porque quando você mexe na minha perna, eu fico meio excitado*” Andy responde com “*Não, tudo bem! Eu vou finalizar a medição e a gente faz a prótese pra te ajudar logo*” Enquanto Andy termina a medição, Paulo suavemente acaricia a mão de Andy, levando-a até o seu pênis ereto.

Antes que as coreografias sexuais se iniciem aos sete minutos da metragem, Andy acaricia o pênis de Paulo por cima de sua cueca, olhando-o nos olhos. Paulo retribui acariciando suas mãos, braços e rosto. Enquanto tiram suas roupas, Andy puxa Paulo para um beijo lento, ao que Paulo retribui beijando-lhe a boca, as bochechas, as orelhas e o pescoço (*Imagem 13*). Como já podemos reparar, nesta cena a insinuação para o sexo se desdobra a partir de um flerte consensuado, administrado igualmente entre os personagens. Assim, após o sexo oral realizado por Andy em Paulo, Paulo realiza um cunete em Andy sob constantes contrações e relaxamentos de seu cu, ou, de outra forma, Andy pisca o seu cu para Paulo durante seus beijos (*Imagem 14*).

Antes de penetrá-lo, Paulo beija suas costas e pescoço por trás, abraçando-o. Durante a penetração, também verificamos como o cu de Andy ainda pisca para Paulo, projetando-se para dentro e para fora em ritmo sincronizado à penetração. Embora esta cena tenha sido apenas a sua segunda cena profissional, aproveitamos para aqui frisar como tal atividade anal, ou explícita movimentação visual do seu cu — seja em coreografias de cunete, seja em penetrações — é uma das características mais marcantes da performance passiva de Andy Star, qualidade esta que o ator leva consigo ao longo de toda a sua carreira, e que temos desde já destacada, uma vez que retornaremos a ela através do capítulo.

De volta à cena, já em posição de quatro apoios, Andy arqueia suas costas ainda mais, empinando seu cu em maior ângulo para Paulo. Depois, ele troca de posição, deitando-se de costas na maca e segurando suas pernas no ar com os próprios braços enquanto pede a Paulo: “*Vai, vai, vai!*” Durante esta posição, popularmente denominada “frango assado”, em um longo *close-up* verificamos como o cu de Andy se relaxa gradualmente, projetando-se cada vez mais para fora do corpo, tornando-se “frouxo” em acompanhamento às investidas de Paulo (*Imagem 15*). A posição seguinte tem Paulo deitado de costas na maca e Andy sentado por cima dele, rebolando

em seu pênis. Já a última posição tem Andy deitado de bruços com as pernas abertas para fora da maca enquanto Paulo o penetra por cima, por vezes rebolando e com seus corpos colados.

Após a ejaculação de Paulo e o fim da penetração, o cu de Andy segue piscando em mais um longo *close-up*, relaxado pela atividade sexual (*Imagem 16*). Há então uma elipse para a última sequência da cena, que apresenta Andy e Paulo vestidos mais uma vez, sentados como médico e paciente na mesa de trabalho do consultório. Andy diz “*Bom, já anotei as suas medidas no prontuário e creio que em trinta dias chega a sua prótese, tá bom?*”, ao que Paulo responde “*Muito obrigado, doutor! Tô contando com a sua ajuda, você vai me ajudar?*”, ao que Andy replica “*Se eu vou te ajudar? Com certeza eu vou te ajudar*” e, assim, ele olha direto para a câmera, piscando um dos olhos e sorrindo.

Conforme temos verificado ao largo da filmografia *mainstream* de pornografia gay, há um modelo padrão para narrativas médicas que postula retratar os médicos como ativos, em posições de poder para a exploração dos corpos de seus pacientes passivos, seja com ou sem seus consentimentos. Nesta cena em que estrelam Andy Star e Paulão, entretanto, verificamos que tal padrão se vê subvertido em dois aspectos: primeiro, por determinar uma possível posição de poder, marcada pela hierarquia médico-paciente, ao personagem que, no sexo, atuará como passivo; depois, por desestruturar narrativamente a possível hierarquia pré-disposta, uma vez que, como comentamos, ambas as relações sexual e pré-sexo se desenvolvem de maneira carinhosa, consensuada e equilibrada entre ambos os personagens.

Não por acaso, a cena gerou grande sucesso e repercussão à época, tanto para Andy, quanto para Paulão, quanto para o macrocosmo da indústria pornográfica gay brasileira. Conforme Andy Star relata, ainda em entrevista ao Guia Gay São Paulo:

“Eu cheguei a ler comentários preconceituosos e pequenos [sobre a cena]. Mas existiram também comentários de pessoas com algum tipo de deficiência ou que ficam com pessoas com deficiência. Isso foi muito bom porque se falou de um assunto sobre o qual não era tratado, [...] foi o primeiro filme gay com esse assunto no Brasil” (STAR, 2016)

Em 2016, ano seguinte à cena gravada para a Hot Boys, Andy e Paulão contracenaram mais uma vez para a estadunidense *Dark Alley XT* (*Imagem 17*), produtora cujas cenas apresentam diretamente a atividade sexual, sem desenvolver narrativas nem personagens fictícios. Em entrevista concedida ao portal Músculo Duro, quando questionado sobre qual cena ele mais

gostou de gravar em sua carreira, Andy declarou:

“Eu repeti uma cena com um ator, que foi muito comentada da primeira vez, ele está lindo, forte, confiante, gostoso, a primeira cena que fizemos juntos fez ele mudar de ótimo pra perfeito! Eu mesmo mudei, ter visto toda a mudança física e também psicológica me excitou. Antes, ele tinha um sorriso tímido e, na segunda, ele era confiante. Quando lançarem vocês vão ver que estou com muito tesão!” (STAR, 2016)

Assim, somando-se as positivas construções narrativas e coreográficas de ambas as cenas aos relatos também positivos de Andy sobre seus processos de produção, bem como sobre o bom relacionamento extrafilme com seu parceiro de profissão Paulão, começamos a reconhecer tais conduções refrescantes e algo inovadoras através das quais Andy Star orienta sua entrada e ascensão como passivo na indústria pornô gay.

Seguindo com a análise, olhamos agora para a cena intitulada *“Negão arregaçando o cu de Andy Star”*, lançada pela Hot Boys em 2015 e que acabou lhe rendendo uma indicação à categoria Revelação LGBT no 3º Prêmio Sexy Hot, em 2016. Na ocasião, Andy não saiu vencedor. No entanto, no mesmo ano Andy foi também indicado na categoria Melhor Ator Gay, igualmente por seu trabalho na Hot Boys, categoria esta em que Andy consagrou-se vencedor. Ainda assim, nesta cena verificaremos algumas ambivalências performáticas que, ao mesmo tempo, aproximam e afastam Andy da leitura genérica de submissão passiva que acabamos de apresentar à luz de outros atores da indústria. Isto porque, nesta cena, Andy contracena com Dom, o mesmo ator que contracena com Lukas Katter na cena que há pouco analisamos. Como bem vimos, Dom é um ator cuja carreira se pauta essencialmente pela representação de papéis e coreografias de dominação de seus parceiros de cena passivos — característica esta que, apesar de existente também em sua cena com Andy, encontra-se algo desestabilizada.

A cena de 25 minutos se inicia com Andy chegando em sua casa acompanhado de Dom, seu segurança particular. Andy anuncia: *“Pô, treino pesado hoje, hein? Eu vou tomar um banho, relaxar e depois vou pra piscina”* Enquanto Andy vai ao banheiro, Dom se senta para esperá-lo. Andy então entra para um banho que dura três minutos na metragem, entre cortes de planos abertos e fechados que passeiam pelo seu corpo molhado e ensaboado (Imagem 18). Chegando à piscina, lá está Dom. Andy se deita em uma espreguiçadeira e diz *“Dom, depois de semana passada, daquele sequestro, eu vi que valeu a pena contratar um segurança”*

Na sequência, Andy nada na piscina e, depois, entra para uma banheira de hidromassagem. Vale notarmos como todo o desenvolvimento narrativo pré- sexo foca em Andy como o personagem de maior interesse visual, uma vez que são decupadas as suas ações e o seu corpo quase que exclusivamente em detrimento a Dom, que, nesta etapa da cena, vê-se enquadrado em poucos planos e sempre vestido. Isto não ocorre, por exemplo, na cena com Lukas Katter, que, apesar de representar uma “posição hierárquica favorável” tanto quanto Andy, posição notável em ambas as cenas pela relação tomador- prestador de serviço, ainda assim Katter não tem nem seu corpo nem suas ações valorizadas pela decupagem, pelo contrário: suas ações são ridicularizadas pela narrativa e seu corpo só é exposto a partir da dominação de Dom.

Voltando à cena com Andy, enquanto ainda na hidromassagem, Andy conversa com Dom, dizendo *“Dom, tu sabe que desde aquele dia da tentativa de sequestro, que tu bateu naqueles caras pra me defender, que eu tô pra te falar um negócio... eu sempre quis apanhar de um cara que nem você”* Dom se assusta e responde *“Apanhar? Você tá maluco?”*, ao que Andy replica *“Sim, apanhar... apanhar enquanto fode com um macho que nem você”* Dom se mantém espantado e resiste às investidas de Andy, dizendo *“Não, cara, que isso, tá maluco! Tô aqui pra trabalhar, pra fazer a sua segurança, somente pra isso”*, ao que Dom então se retira da área da piscina.

Longe, ele reflete consigo mesmo e muda de opinião, pensando *“Que cara mais louco, quer apanhar, que sem noção... mas quer saber? Perai!”* Em seguida, Dom volta à companhia de Andy e lhe pergunta *“Como é esse negócio de apanhar? Me explica direito”* Andy então responde que *“Foi o que eu te falei... se você quiser me fuder e me bater, eu te dou o dobro do salário”* Dom então se aproxima de Andy e diz *“Você quer mesmo apanhar, é?”*, ao que Andy levanta a cabeça, esticando o pescoço e olhando Dom “do alto”, como se o chamando para segurá-lo, e replica enfaticamente: *“O dobro do salário!”*, ao que Dom então lhe segura o pescoço e lhe dá um tapa no rosto (*Imagem 19*). Assim se iniciam as coreografias sexuais aos oito minutos da metragem, coreografias estas de violação e humilhação que incluem tapas, puxadas de cabelo, xingamentos e até sessões de afogamento na banheira de hidromassagem.

Como comentamos, esta cena aproxima Andy da construção narrativa hegemônica para personagens passivos por inseri-lo em coreografias de violência, assim como igualmente verificamos na cena de Dom com Lukas Katter. No entanto, também escolhemos analisar tal cena por reconhecer o quanto tais coreografias são originalmente desejadas, propostas e sustentadas

por Andy Star, que durante toda a cena se mantém dentro de seus desejos e consentimentos, todos devidamente verbalizados e negociados — o que ocorre de forma oposta no caso de Katter, que se vê desde o início submetido a violências praticadas contra a sua vontade.

Também diferentemente de Katter, que declarou não sentir muito prazer durante as cenas, em entrevista concedida em 2016 ao portal Legenda Colorida, Andy declara:

“Eu sinto tesão todo o tempo. Não que eu me esqueça que estou em frente às câmeras, mas a minha preocupação é mais com a iluminação, com o quadro, [...] em nenhum momento eu faço sem prazer ou sem vontade, até porque as próprias empresas se preocupam em produzir filmes em que os atores estejam à vontade para encenar” (STAR, 2016)

Tal declaração de Andy também vai de encontro ao relatado por Katter, que, apesar de ter declarado gostar da Hot Boys e sua equipe, também insinuou certo destrato aos atores, ao comentar sobre ideias narrativas que teriam por finalidade *“machucar o ator”*.

Especificamente sobre sua relação com a Hot Boys, também ao Guia Gay São Paulo, Andy declarou que *“O que existe aí é muita gratidão, muito grande, da minha parte. À toda equipe e ao site, por tudo o que fizeram por mim, pelo apoio”* Neste ponto, frisamos que estamos trabalhando com dados qualitativos levantados a partir de relatos conferidos pelos atores em diferentes tempos e para diferentes veículos, e que, portanto, não pretendemos contrapor nem tais relatos nem tais atores, mas apenas relacioná-los enquanto testemunhos de agentes de um mesmo segmento. Inclusive, sobre seus bons relacionamentos e sobre uma crescente noção, construída entre eles, de classe profissional — a dos atores pornô passivos — quando questionado sobre que atores ele tem desejo de contracenar, em entrevista ao portal Dentro do Meio, Andy Star declarou que *“Querida ter feito [uma cena] com o Lukas Katter também, que, aliás, está concorrendo ao Prêmio Sexy Hot pela Hot Boys, na categoria Ator Revelação. Votem nele que ele é ótimo!”*

Tal indicação de Lukas Katter ao Prêmio Sexy Hot ocorreu em 2017, ano seguinte às indicações e à vitória de Andy. E apesar de ainda não ter contracenado com Lukas Katter, há outro ator passivo sobre quem já falamos neste trabalho e com quem Andy já contracenou: trata-se de sua cena com Fábio Ferraz, lançada em 2016 pela Meninos Online, e na qual ambos contracenam também com Rodrigo Lorenzo, ator declaradamente heterossexual e *gay-for-pay*, conhecido por atuar apenas como ativo e por esbanjar um grande pênis. Portanto, esta será a terceira cena nacional de Andy que analisaremos, sob duas motivações: em primeiro lugar, com o

intuito de explicitar ainda mais os bons relacionamentos entre os atores passivos do pornô gay nacional, uma vez que tal cena reitera o preceito hierárquico hegemônico ativo-passivo, conferindo a Rodrigo uma posição de poder para a exploração dos corpos de Andy e Fábio — que, neste caso, alinham-se e se fortalecem por suas condições de igual passividade.

Depois, pelo fato de que tal cena se localiza na transição da carreira nacional para a internacional de Andy Star, notadamente pelo fim do seu contrato de exclusividade com a Hot Boys, vigente em 2015, o que possibilitou a Andy uma livre circulação entre produtoras nacionais e internacionais durante o ano de 2016, antes de mudar-se definitivamente para a Europa em 2017. Assim, intitulada “*Reality Boys 2: Rodrigo, Andy Star e Fábio Ferraz*”, a cena de 22 minutos compõe parte de uma série, idealizada pela Meninos Online, cuja narrativa se desenvolve a partir dos encontros sexuais entre um grupo de amigos, os atores pornô, que passam suas férias juntos em uma casa alugada por temporada.

A cena se inicia com Fábio Ferraz deitado de bruços em um grande sofá, vestindo apenas uma camiseta regata e meias, e bocejando de sono. Há uma ambiência de festa que ouvimos fora de quadro, com música tocando e pessoas conversando. Andy Star então entra em quadro e se dirige a Fábio, dizendo “*Qual é, Fábio? Não vai pra piscina, não, pô?*”, ao que Fábio responde “*Nossa, tô morrendo de preguiça de descer agora pra piscina*”, ao que Andy replica “*Ah, bora lá... tamo aqui de férias, aproveitando*” Andy então se senta ao lado de Fábio, fazendo carinho em suas pernas e dando beijos em sua bunda nua. Fábio ri e diz “*Ai, tô com preguiça... mas eu vou descer sim, já, já*” Andy então começa a subir com seus beijos ao longo do corpo de Fábio, beijando suas mãos, braços, seu rosto e boca. Após a sessão de beijos, Andy brinca “*Pra isso você não tá com preguiça, né?*”, ao que os dois riem.

Pouco a pouco eles tiram as roupas um do outro em meio a beijos e abraços (*Imagem 20*). Nus, Andy beija o pescoço de Fábio, descendo por suas costas até a sua bunda e, então, fazendo-lhe um lento cunete. Depois Fábio se vira de frente, ao que Andy beija seus peitos, barriga e desce até seu pênis duro, chupando-o. Pouco tempo após o início da chupada de Andy em Fábio, aos três minutos da cena, Rodrigo entra em quadro. Ele se aproxima dizendo “*Os caras já tão fudendo, meu irmão, só sabem fazer isso, cara... nem convida, né?*”, ao que Fábio responde “*Pensei que você tava na piscina*”, ao que Rodrigo replica “*Eu tava lá, mas eu vi tudo calado pra cá, e tal*” Enquanto fala, Rodrigo tira seu pênis para fora do short que veste, levando-o até Andy e

completando “*Dá uma chupada aqui no bonitão, vai, pra ficar gostoso*” Andy então inicia o sexo oral em Rodrigo, enquanto Fábio beija lentamente o corpo de Andy, de sua virilha à barriga, aos peitos e ao pescoço. Rodrigo diz “*Quando for assim vocês avisam, [...] chama eu que vocês sabem que eu gosto de comer uma bundinha, né?*” Enquanto fala, Rodrigo dá fortes tapas em Fábio.

Após a entrada de Rodrigo na cena, torna-se notável uma crescente tensão entre Andy e Fábio, bem diferente da atmosfera de carinho e tesão estabelecida entre os dois anteriormente. Rodrigo então se senta no sofá, dizendo “*Chupa aí o pauzão do Rodrigo! Pauzão, né? 26 centímetros, já pensou? Grande, durão assim, não é pra qualquer um não*” Aqui, vale traçarmos um paralelo entre Rodrigo e Barrett Long, ator sobre quem comentamos no primeiro capítulo, no sentido de explicitar três aspectos comuns aos dois: em primeiro lugar, suas condições *gay-for-pay*; depois, seus enormes pênis que, de tão grandes, igualmente não se veem totalmente eretos em nenhum momento de suas cenas; e, por último, o fato de que ambos “dialogam” com seus parceiros de cena sempre retoricamente referindo-se a si mesmos em terceira pessoa, como se exercendo, eles mesmos, um terceiro ponto de vista que pressupostamente os valida e os exalta.

Durante o sexo oral que Andy e Fábio realizam de forma confusa e simultânea em Rodrigo, destacamos também algumas atitudes tomadas por Andy que potencializam seu ímpeto performático preocupado em propor passividades ativas, positivas e contra-hegemônicas. Em primeiro lugar, a todo momento Andy busca contato consigo mesmo, acariciando o próprio corpo e brincando com o próprio cu, lubrificando-o, esfregando-o, abrindo-o e piscando-o para a câmera. Ao mesmo tempo, com a outra mão, Andy busca constante contato com Fábio, acariciando seu corpo e fazendo cafunés em seu cabelo (*Imagem 21*).

Também, em diferentes momentos Andy busca acariciar o cu de Rodrigo com a mão, tentativas que são repetidamente bloqueadas por Rodrigo, mas sempre reinvestidas por Andy momentos depois (*Imagem 22*). Por último, verificamos que em três pontos distintos da coreografia de sexo oral, Andy interrompe suas chupadas e as de Fábio, puxando Fábio para longos beijos e abraços, enquanto Rodrigo se masturba sozinho (*Imagem 23*). Todas as atitudes que citamos nos encaminham a concluir que, dentro das possibilidades da performance de Andy, sua preocupação maior é a de garantir um mínimo de bem-estar, carinho e tesão a ele próprio e a Fábio, uma vez reconhecidas a situação adversa e as posturas egocêntricas do ator com quem ambos contracenam.

Após cinco minutos de sexo oral, Rodrigo então se levanta e ordena a Andy e a Fábio que se coloquem de quatro no sofá, lado a lado. Em meio a mais autoexaltações, xingamentos e tapas, Rodrigo tenta penetrar Fábio repetidas vezes — sem sucesso, no entanto. Isto porque, como comentamos, seu pênis se mantém meia-bomba. A cada nova investida desacertada, Rodrigo se demonstra mais impaciente e começa a proferir falas análogas às de Barrett Long em sua cena com Ludovic Canot, notadamente atribuindo a Fábio a responsabilidade pelo fracasso da penetração, dizendo “*Seu cu tá muito apertado, porra! Há quantos anos você não dá o cu, hein, cachorra?*”

Enquanto isso, Andy segue beijando e acariciando Fábio. Após quatro minutos de suas tentativas, Rodrigo enfim consegue penetrar Fábio, imediatamente impondo um ritmo acelerado à penetração, ao que Fábio reage arqueando suas costas para dentro, ou seja, “desempinando-se”, ou, de outra forma, literalmente fechando o seu canal anal para Rodrigo, que logo lhe empurra para baixo pela lombar, exigindo que ele volte a se empinar para a penetração. Em seguida, Rodrigo interrompe a penetração e se afasta, exigindo que Fábio se reposicione. Durante esta brecha, Andy prontamente se debruça sobre Fábio e lhe faz mais um lento cunete (*Imagem 24*).

Após mais uma breve e confusa sessão de penetração em Fábio — que, dessa vez, consegue interagir mais com Andy, também fazendo-lhe um cunete — enfim Rodrigo convoca Andy para a penetração, puxando-o pelos cabelos e fazendo-o chupar o seu pênis com camisinha, dizendo “*Poca, poca, poca essa piroca, eu sei que você gosta dela*” Em resposta, Andy levanta uma mão para Rodrigo e a abana repetidamente para baixo, como quem diz “*Menos!*” ou “*Pare!*” (*Imagem 25*) Em seguida, diferentemente de Fábio, Andy sustenta a penetração agressiva de Rodrigo com maior autonomia, inclusive por vezes validando-a e pedindo mais força.

A cena então segue até o fim com alternâncias na penetração, ora em Andy, ora em Fábio, enquanto os dois se mantêm conectados por carícias, beijos, boquetes e cunetes realizados entre eles. Neste ponto, apesar de que tal cena em muito corrobora os padrões hegemônicos de objetificação e desvalorização dos sujeitos passivos, notáveis pela performance de Rodrigo, ainda assim frisamos ter optado por expor esta cena sob a intenção de explicitar os meios através dos quais os atores passivos tornam possíveis e palpáveis seus vínculos de afeto, elaborando empatias e fortalezas entre si, em busca de transformarem suas passividades em lugares de atividade, orgulho e amor, a despeito de quem sejam os parceiros ativos com quem contracenem.

Já a respeito de Rodrigo Lorenzo, vale comentarmos sobre a sua recente prisão, em

Outubro deste ano, após o desfecho de uma investigação da Polícia Civil do Estado de São Paulo. Segundo reportagem publicada pela *Veja São Paulo*, a operação se desdobrou ao longo de seis meses e pôde confirmar ao menos três casos de golpes aplicados por Rodrigo em seus clientes durante programas sexuais. No caso que deflagrou a prisão, confirmou-se que Rodrigo havia dopado um cliente com a substância popularmente conhecida como “*Boa noite, Cinderela*” e, logo após, com a ajuda do irmão e da esposa, então grávida de 7 meses, roubaram-lhe 30 mil reais de sua conta bancária, além de seu celular e mais dinheiro em espécie.

Conforme descreve a reportagem, Rodrigo e sua família mantinham a prática há anos e atuavam em ao menos cinco estados. Vale frisarmos que trazemos tal dado ao trabalho não para ajuizar atores pornô e garotos de programa heterossexuais e *gay-for-pay*, mas sim para explicitar todas as possíveis mazelas que tal prática — no caso, ser hétero e relacionar-se sexualmente com gays por dinheiro, seja em filmes ou não — pode acarretar à nossa comunidade, abrangendo desde uma “micro moléstia”, representada pelas relações sexuais insatisfatórias e/ou abusivas, até uma “macro moléstia”, representada por este caso extremo, talvez atípico, deflagrado nas condutas de Rodrigo Lorenzo.

Isto exposto, retornando à personalidade de nosso maior interesse, por fim visualizaremos panoramicamente a atual carreira internacional de Andy Star. Como comentamos, em 2016 o ator pôde trabalhar simultaneamente para produtoras nacionais, como *Hot Boys* e *Meninos Online*, e também estrangeiras, como *Raw Strokes*, *MachoFucker*, *Papi Cock*, *Raw Fuck Club* e *Bang Bang Boys*. Isto porque, apesar de estadunidenses, tais empresas realizam as gravações das cenas em território brasileiro, posteriormente as distribuindo no mercado internacional. Dessa forma, Andy pôde fazer a transição entre tais mercados enquanto ainda trabalhando com equipes técnicas e atores brasileiros. Em 2016, sobre este universo transnacional de produção pornográfica, em entrevista concedida ao portal *Músculo Duro*, Andy Star declarou sua vontade de internacionalizar sua carreira: “*Eu tenho algumas cenas para sites do exterior, todas gravadas no Brasil. Algumas companhias que não têm foco em latinos [...] não vêm ao Brasil, e com isso eu deixo de fazer trabalhos para eles. Se eu pudesse viajar, provavelmente iria fazer seleção para elas*”

Sob esta expectativa de completa inserção no pornô internacional, seguindo o fio da carreira do ator, finalmente Andy Star logra realizar sua mudança para a Europa em 2017, após ter circulado seu nome amplamente no mercado estrangeiro com o grande número de cenas

gravadas em 2016. Fluente em inglês e espanhol, e residindo transitoriamente entre Madri, na Espanha, e Londres, na Inglaterra, Andy então iniciou contratos de trabalho, vigentes até o presente, com produtoras consagradas, tais como *Lucas Entertainment*, *Men at Play*, *Kristen Bjorn* e *Tim Tales*. Vale frisarmos como tal conquista profissional de Andy Star demonstrou-se inédita à época, no sentido de que nunca antes um ator pornô brasileiro exclusivamente passivo havia obtido tamanha projeção no exterior. Como sabemos, há muitos atores pornô brasileiros consagrados no mercado internacional, encenando, porém, exclusivamente como ativos, a exemplo de Rafael Alencar e Diego Sans, ou categorizados como *versatile top*, que, embora versáteis, predominantemente encenam como ativos, a exemplo de Diego Lauzen e Rico Marlon.

Nesse sentido, através de mais de uma centena de cenas produzidas no exterior, torna-se notável como a passividade ativa de Andy Star o tem consagrado em sua carreira. Para finalizarmos este capítulo, então, agora elencaremos brevemente alguns destaques coreográficos da performance passiva de Andy no cenário internacional, começando por sua cena com o ator também brasileiro Caio Veyron, produzida em 2017 pela *Tim Tales*. Nesta cena, durante seis minutos da metragem e ao longo de nove cortes entre planos abertos e fechados, Andy é penetrado pelos 28 centímetros do pênis de Caio em posição de “frango assado”.

Apesar de aparentemente imobilizado por sua posição, Andy não lança mão de nenhum outro movimento a não ser o de seu próprio cu nesta coreografia. Isto porque, sob a condução de Andy, Caio não o penetra com força nem velocidade, mas com ritmo e profundidade. Abrindo o próprio cu com as mãos e o relaxando e contraindo incessantemente, pouco a pouco verificamos como o cu de Andy “abraça” o pênis de Caio cada vez mais externamente ao seu corpo, formando “lábios” e demonstrando um canal anal tão “aberto à penetração” que, portanto, não cabe mais em sua área interna (*Imagem 26*).

Em simultâneo, o pênis de Andy, que inicia a coreografia em estado meia-bomba, progressivamente atinge a ereção junto às piscadas de seu cu. Mais ao final da coreografia, já com o pênis totalmente ereto, sob gemidos Andy deixa escapar pequenas quantidades de urina, indicando a concretização de uma penetração perfeitamente angulada, que igualmente massageia a próstata e, portanto, também a bexiga, podendo tê-lo encaminhado, caso a coreografia se prolongasse, inclusive a um orgasmo prostático — o que de fato ocorre em outra cena de Andy para a *Tim Tales*, esta contracenada com o diretor- chefe da produtora, Tim Kruger, também em

2017. Na ocasião, enquanto penetrado em coreografia análoga à performada com Caio, também em “frango assado”, Andy ejacula “sem querer” e fartamente ao ritmo da massagem prostática que Tim lhe realiza (*Imagem 27*), isto aos dez minutos da cena, de 24 minutos totais.

Ainda em outra cena, lançada em 2018 também pela *Tim Tales*, o inverso ocorre. Então contracenando com o ator cubano Claudio Medina, ainda na primeira coreografia de penetração da cena, em posição de quatro apoios, Andy se deixa penetrar enquanto movimenta seu quadril ritmicamente para cima e para baixo, conjugando tal rebolado também a contínuas contrações e relaxamentos de seu cu. Na sequência, vulgarmente poderíamos considerar que Andy “ordenha” a Claudio com as contrações de seu cu, uma vez que, talvez desacostumado com tamanha atividade anal, o ativo acaba ejaculando também despropositada e fartamente aos quatro minutos da cena (*Imagem 28*). De forma análoga à “ordenha” em Claudio, por fim comentamos sobre a cena de Andy com Michael Lucas, diretor- chefe da *Lucas Entertainment*, lançada em 2019.

Nesta cena intimista, Andy e Michael transam à noite e ao ar livre, debaixo de uma chuva fraca que cai sobre uma espécie de sítio onde estão. Após muitos beijos, abraços, cunetes e boquetes, aos 16 minutos da cena Andy inicia uma “cavalgada” em Michael, penetrando-se por cima de seu parceiro e impondo as suas já usuais “piscadas de cu” ao rebolado que realiza. Passados dois minutos e quatro cortes na coreografia, Michael anuncia, gemendo “*Que cu mais lindo! Assim eu vou gozar*” Dito e feito, em seguida Michael ejacula dentro de Andy, ao que Andy se deita de costas sobre Michael, beijando sua boca e seguindo com sua “cavalgada”. Em meio a beijos, abraços e rebolados, Michael diz “*Meu Deus, como você é maravilhoso, amor*” (*Imagem 29*) Ao final da coreografia, Andy se levanta e se senta com seu cu na boca de Michael, piscando-o em um super *close-up*, de um minuto de duração, enquanto é beijado apaixonadamente por Michael, que, por fim, acaba bebendo seu próprio gozo, “ordenhado” e expelido de volta a ele pelo cu de Andy Star (*Imagem 30*).

Assim, tendo refletido a respeito de algumas de suas cenas nacionais e internacionais, recorrendo às suas características performáticas e buscando compreender melhor a magnitude do sucesso transnacional de Andy Star, neste ponto podemos considerar que, apesar de ter havido um esforço conjunto entre Andy e diferentes produtoras para a construção de sua carreira, também verificamos como a condução de sua performance ativa, como passivo, é inteiramente autogerida pelo próprio ator, a exemplo, principalmente, das cenas de narrativas algo

hegemônicas para as quais olhamos e nas quais Andy se desdobra para impor sua sexualidade.

Buscando elementos que o diferenciam enquanto *power bottom*, há outro termo da língua inglesa — *sex drive* — cujas diferentes traduções recaem a *desejo*, *apetite* ou *condução sexual*. Hegemonicamente, como sabemos, espera-se que tal condução sexual se desdobre por parte do ativo, ou daquele que penetra no sexo. No entanto, podemos aqui e agora apontar tal *sex drive* como um dos destaques da performance de Andy Star. Como vimos, não apenas ele performa o desejo e a condução sexuais no momento pré-sexo, ou seja, na insinuação, na conquista, como também o ator se mantém nessa posição durante todo o sexo até o fim das cenas, ora impondo sua passividade ativa, ora cobrando atividade de seus parceiros ativos, seja lhes cobrando tesão, beijos, tapas ou, ainda, a interferência e/ou o encerramento de posições ou coreografias que possivelmente estejam desconfortáveis ou dolorosas.

Quando questionado sobre que elementos motivam tal condução sexual ativa e analética nas suas performances, ainda em entrevista ao portal Guia Gay São Paulo, Andy declara:

“Toques, olho no olho, isso são coisas que realmente mexem comigo sexualmente. Claro que todas as práticas mais diferentes e carnais fazem parte do que gosto, mas de vez em quando é bom sim fazer com carinho, sem preocupação com o hard, a violência. Sem ser um dominado e um dominador, mas sim duas pessoas entregues” (STAR, 2016)

Dessa forma, Andy Star demonstra configurar performances e ambientações mais éticas e igualitárias em meio a uma indústria pornográfica ainda bastante falocêntrica, como temos discutido ao longo deste trabalho. Assim, podemos considerar que a carreira de Andy Star, a princípio no Brasil e, posteriormente, no mundo, foi construída sob tal ótica contra-hegemônica de que o comando das cenas *é dele* — ou, no mínimo, *também dele* — abrindo caminhos, portanto, para novos atores passivos poderosos que iniciam e desenvolvem as suas carreiras sob esta mesma tendência performática, como é o caso dos atores Christian Hupper e Petrick Garcia, para os quais olharemos com bastante atenção agora, em nosso terceiro e último capítulo.

CAPÍTULO III — *Passividades poderosas, versatilidade e autonomia no pornô nacional*

Neste capítulo final, apresentaremos um par de atores passivos poderosos que, muito embora tenham origens e trajetórias distintas, ainda assim puderam se encontrar através de diferentes segmentos da indústria pornô e, desde então, têm se fortalecido juntos, entre si, até os dias de hoje — tanto profissional quanto pessoalmente, uma vez que, como veremos, tornaram-se grandes amigos. Como comentamos no início do trabalho, pudemos realizar entrevistas inéditas com ambos atores, tendo nos encontrado separada e pessoalmente com cada um deles em Julho de 2019. Assim, frisamos que grande parte de seus relatos apresentados provêm destas entrevistas — e, quando provierem de outras fontes, devidamente as assinalaremos.

Portanto, começaremos pela apresentação de Christian Hupper, ator nascido no Rio Grande do Sul, em agosto de 1993, e que iniciou sua carreira como ator antes de ingressar de fato no universo pornô. Como Christian nos relatou, em entrevista concedida exclusivamente, *“Estudei Teatro, fazia teatro no Sul, viajei, fiz um monte de coisa, [...] e lá no Sul veio a chance de vir pro Rio pra estudar Artes Cênicas, né... aí eu vim, estudei, me formei e tudo”* Uma vez graduado, residindo e trabalhando no Rio de Janeiro, Christian nos conta que, devido a sempre ter sido apaixonado por pornografia, consumindo e acompanhando as produções há anos, decidiu então tentar ingressar para a indústria pornô ele mesmo — sem sucesso, a princípio, como ele nos relata:

“[...] eu sempre tive essa curiosidade, esse fascínio, de ver, de buscar, sabe, coisas relacionadas ao pornô, eu sempre me identifiquei muito, [...] e eu mandava e-mail, foto, material pra tudo quanto era produtora, tentava entrar em contato, e nada acontecia, nada, [...] e um belo dia recebi uma ligação de um produtor, que tinha visto um anúncio que eu tinha num site, perguntando se eu queria gravar. Eu fiquei extasiado, assim, não acreditei. Fiquei confuso também na hora, porém era um desejo antigo, eu falei, ‘Então acho que agora é a hora... ou eu vou, ou então isso nunca mais vai acontecer’, e acabei indo” (HUPPER, 2019)

Na ocasião, tal convite foi feito por um dos produtores da Hot Boys, empresa com a qual Christian então iniciou sua carreira como ator pornô, em 2017. Assim, tendo ingressado para a Hot Boys um ano após a saída de Andy Star, atuando sempre como passivo e, especialmente, impondo às suas cenas narrativas e performances que se alinham à passividade ativa e à analética, podemos considerar que a carreira e o sucesso de Christian também se fundamentaram a partir de tal nova onda de representação positiva das passividades — característica que Christian tem corroborado e exaltado em seus trabalhos desde então. Nesse sentido, para que reconheçamos tais

elementos contra-hegemônicos propostos por sua performance dramática e sexual, olharemos agora para a sua quarta cena profissional, lançada em 2018 pela Hot Boys.

Intitulada “*O que mais te excita?*”, a cena de 30 minutos se inicia com Christian entrando em seu quarto após um banho, vestido em um roupão e falando ao telefone, dizendo “*Eu não tenho culpa se foi ele que terminou comigo, sei que eu já tô há um tempinho sem fuder, mas fazer o quê, eu levo a vida me masturbando*” Enquanto conversa, Christian se deita de bruços em sua cama, alcança um creme hidratante, espreme um pouco em suas mãos e, levantando o seu roupão até a cintura, começa a espalhar o creme em sua bunda e pernas. Em um *close-up*, ele esfrega o creme em sua bunda, por vezes abrindo as nádegas e acariciando o seu cu (*Imagem 31*), enquanto segue conversando: “*Seria uma delícia ter alguém pra ficar me comendo, me acariciando, lambendo o meu cu... mas não tem problema, rapidinho aparece alguém pra me fuder bem gostoso*”

Após uma elipse, na sequência conhecemos o provável pretendente para satisfazer os desejos de Christian. Agora vestido em uma roupa formal de trabalho, Christian atende a porta de sua casa ao escutar a campainha tocando. Ele recebe um cuidador de cachorros, representado pelo ator Chris Rider. Entre sorrisos e cumprimentos, eles entram na casa, sentam-se na sala de estar e combinam os detalhes do trabalho. Christian diz, “*Então, cara, é muito simples, é só levar ele pra passear, e lá pelas 14 horas dá um banho nele, tá?*”, ao que Chris responde, “*Tranquilo, não precisa se preocupar não*” Eles discutem valores e, depois, Christian muda de assunto, lançando “*Ah, cara, deixa eu te fazer uma pergunta, aproveitando que tu já tá aqui... eu tô fazendo uma pesquisa pro meu trabalho sobre o que mais excita os homens no Brasil... e então, o que te dá tesão?*”

Terminando a pergunta, Christian toca o braço de Chris, acariciando-o. Chris responde “*Ah, cara, essa pergunta é meio indiscreta de te responder, né?*” Christian insiste e Chris continua “*Pô, a verdade mesmo, o que me excita, você já ouviu o barulho de uma cueca quando ela bate no corpo depois de ser bem esticada?*” Enquanto fala, Chris levanta a camisa de Christian e puxa devagar o elástico da sua cueca, depois soltando-a contra o seu corpo. Os dois ficam com os rostos quase colados, e Chris diz “*Pô, me desculpa, desculpa*” Christian responde, “*Não, tranquilo... e tu, não quer saber o que me excita, não?*” Chris concorda e Christian segue, “*O que me excita é ver um homem todo molhado de água... eu sei que não é nada inédito como o seu, né, mas é fetiche...*” Os dois então riem e Christian se despede, pedindo a Chris que cuide bem do seu cachorro.

Em mais elipses, vemos Chris passeando com o cachorro e, depois, dando-lhe um banho de

mangueira no quintal da casa. Enquanto trabalha, Chris reflete, “*Que calor, vou tomar um banho também e vai ser agora*” Ele então tira o boné e a camisa que veste, ficando apenas de bermuda e se molhando com a mangueira. Neste ponto, os planos da cena entram em câmera lenta, a ambiência naturalista, presente até então, é substituída pela canção sensual *Love is a Bitch*, do cantor estadunidense *Two Feet*, e, assim, sob esta montagem, acompanhamos Chris se banhando. Em seguida, Christian chega de volta à sua casa e, já da sala, logo vê Chris se banhando no quintal, fascinando-se e se escondendo para espia-lo. O banho então se desdobra ao longo de três minutos, entre planos e contraplanos ora de Chris molhado, ora de Christian masturbando-se e dedando o seu cu em *close-up* (*Imagem 32*). Ao fim desta sequência, Christian reflete “*Ai, o que eu faço pra atrair esse safado, hein?*” e, em seguida, começa a bater com o elástico de sua cueca contra o corpo.

Escutando as batidas, surpreso Chris se pergunta “*Caralho, que barulho é esse? Será que é o que eu tô pensando?*” Ele então começa a entrar do quintal para o interior da casa, procurando alguém. Christian sorri e corre para o seu quarto. Explorando a casa, Chris entra no quarto e é surpreendido por Christian, que lhe abraça por trás e lhe sussurra ao pé do ouvido, “*Agora que você me encontrou, o que você vai fazer comigo, hein?*” Assim, aos quase nove minutos da cena se iniciam as coreografias afetivo-sexuais entre ambos os atores. Por dois minutos, eles se mantêm abraçados e se beijando, na boca, bochechas e orelhas, também em seus pescoços, peitos e costas. Depois, Christian se deita de bruços na cama e empina a sua bunda para Chris, que, antes de lhe tirar a cueca e lhe fazer um cunete, beija suas costas desde a lombar até o pescoço (*Imagem 33*). Durante o cunete, Christian segura Chris pela nuca, pressionando-lhe mais forte contra o seu cu.

Após quase três minutos de cunete, os atores trocam de posição, coreografando um 69 em que Chris se deita e Christian monta por cima dele, sentando com seu cu na boca de Chris e, simultaneamente, fazendo-lhe um boquete em seu pênis agora à mostra. Passados dois minutos de 69, Chris se senta à beira da cama e Christian lhe chupa o pênis por mais dois minutos. Depois, Christian se põe em posição de quatro apoios à beira da cama e, de pé, Chris o penetra por trás. Durante a penetração, Christian progressivamente pede mais atividade a Chris, fazendo comentários como “*Soca fundo, vai!*”, “*Que gostoso!*” e “*Ai, teu pau é delicioso!*” A penetração então segue com Christian deitando-se de bruços na cama e Chris subindo por cima dele. Nesta posição, os atores se mantêm abraçados e se beijando quase sem parar, com curtos momentos em que Chris se afasta para penetrar Christian em maior ângulo.

Na sequência, Christian se levanta e fica novamente de quatro, empinando-se bastante. Desta vez, Christian se penetra com o pênis de Chris, rebolando em seu próprio ritmo enquanto Chris se mantém parado. Já as duas últimas posições coreografadas na cena apresentam os atores em posição “de lado”, ou “de conchinha”, e, depois, em posição de “frango assado”, ambas posições em que os atores seguem abraçados, beijando-se e lambendo e mordendo os mamilos um do outro. Ao final, igualmente tanto Christian quanto Chris gozam e, assim, a cena se encerra. Neste ponto, destacamos ter escolhido apresentar esta cena sob algumas motivações, como pela condição de seu desenvolvimento dramático- narrativo estar fortemente ancorado na figura de Christian, cujo personagem desenrola todo o flerte pré- sexo em encenações algo favoráveis à construção de uma passividade ativa e positiva, uma vez que a pulsão pelo sexo, ou a condução sexual da cena, origina-se e se desdobra no desejo erótico do cu de Christian.

Dessa forma, o cu se vê posicionado ao centro do motor narrativo da cena desde a primeira sequência, na qual se institui como *sex drive* principal o desejo de Christian de dar o cu, em detrimento de certo desejo falocêntrico do ativo de penetrar tal cu, como normalmente verificaríamos na maioria dos *scripts* pornográficos. Assim, reconhecendo os protagonismos de ambos Christian e seu cu, consideramos que tal cena busca construir reforços à imagem do passivo poderoso, tanto por posicioná-lo ao centro do desejo e da ação sexuais, quanto por bem posicioná-lo hierarquicamente em relação ao ativo, no sentido da relação tomador- prestador de serviço, quanto pela progressão equilibrada do flerte entre os personagens — flerte este que, embora direcionado a todo momento por Christian, vê-se sempre baseado no consentimento, no desejo e no carinho mútuos entre os atores.

Quando questionado sobre as possíveis influências que os atores poderiam ou não exercer sobre os roteiros pornográficos, Christian nos declarou que “*Essas cenas são todas criadas por produtores, roteiristas, eles passam pra gente o que vai acontecer, [...] e a gente só entra com a parte da atuação, da construção mesmo dos personagens*” Nesse sentido, verificamos que o mérito pelo desenvolvimento narrativo da cena é da equipe de roteiristas da Hot Boys. Ainda assim, frisamos a importância do método trabalhístico e performático de Christian para o êxito contra-hegemônico em tal produção, uma vez que a instituição do equilíbrio e da igualdade na relação entre os atores é um dos valores que norteiam a sua performance. Sobre isto, conforme ele nos enfatiza, “*Ninguém tem que se sobressair mais do que ninguém nas cenas, mas ambos tem que aparecer, [...] então, eu, no meu trabalho, eu tento não focar somente em mim, sabe, eu tento também contribuir*

com o trabalho da pessoa que tá ali comigo, pra que a cena seja incrível, pra que os dois brilhem”

Assim, tendo já assinalado a boa construção narrativa da cena e também as qualidades da performance de Christian, por fim vale reconhecermos igualmente a boa performance de Chris Rider, que, uma vez sintonizando-se à condução do passivo, pôde propor imagens também contra-hegemônicas através de seu personagem ativo. Seguindo com o trabalho, outro passivo poderoso que também já conduziu Chris Rider sexualmente em cena é ninguém mais, ninguém menos que a segunda personalidade-chave deste capítulo, o ator Petrick Garcia. Mineiro de Contagem, nascido em maio de 1989 e formado em Educação Física, a entrada de Petrick para a indústria pornô se desenrolou de maneira bem diferente da trajetória de Christian. Isto porque Petrick nunca fez contatos voluntários com produtoras, buscando ser contratado.

De outra forma, foram também os produtores da Hot Boys que primeiro entraram em contato com ele, uma vez que tiveram conhecimento dos vídeos caseiros que Petrick postava de si mesmo em seu antigo canal amador na plataforma *XVideos*, então aberto em 2013. Conforme Petrick nos relata, também em entrevista exclusiva ao trabalho:

“Naquela época de início de Whats App [...] começou aquela febre de ‘Você tem vídeo?’ Começavam a pedir, então fazia sempre trechinhos curtinhos, de 15 segundos, 20, 30, [...] aí me deram a ideia e eu falei ‘Vou criar o XVideos!’, peguei meus vídeos, comecei a colocar no XVideos, a galera foi gostando, foi comentando, foi compartilhando, [...] e aí um antigo produtor que o site tinha né, a Hot Boys tinha, ele me seguia no Instagram, gostava do que eu fazia, dos vídeos que eu postava, sempre falava do meu canal no XVideos, [...] e foi quando ele falou ‘Você tem vontade de fazer filme erótico?’, e eu falei ‘Demais!’ E foi maravilhoso, porque muita gente vai até eles e eles vieram com essa oportunidade até mim” (GARCIA, 2019)

Na ocasião, Petrick foi primeiro convidado a integrar um elenco de oito atores para uma cena especial de orgia de Carnaval, produzida no início de 2018. Embora tenha cumprido certo papel coadjuvante na cena, uma vez que nela havia também atores mais antigos e consagrados — que, segundo Petrick nos conta, estavam ao centro das atenções das câmeras e da produção no geral — ainda assim, sobre esta cena, Petrick também nos relata ter escolhido impor certa atitude performática sexual que em muito nos aponta, desde logo, o ímpeto ativo e analético da sua passividade — característica presente, portanto, desde a sua primeira cena, e que igualmente se desdobra ao longo de sua carreira. Sobre tal orgia de Carnaval, conforme ele nos conta, *“Eu fui interagindo com os caras, não fui só um passivo que fica de quatro com o rabo aberto pro cara fuder,*

eu gosto de pegar o ativo pelo cabelo, enfiar a cara dele na minha bunda assim, sento, tremo, rebolo”

Já a segunda cena profissional de Petrick, ou a sua primeira enquanto protagonista, foi a então contracenada com Chris Rider. Assim, partindo de um elemento em comum, representado pela presença de um mesmo parceiro sexual, olharemos agora para a cena entre Petrick e Chris, sob as motivações de, em primeiro lugar, destacar aspectos positivos da performance passiva de Petrick e, depois, estabelecer pontos de conexão entre esta cena e a vista anteriormente, estrelada por Christian Hupper. Intitulada “*Dando o cuzinho no terreno baldio*” e lançada também em 2018 pela Hot Boys, a cena de 27 minutos já se inicia com Petrick e Chris entrando meio afobados, como que clandestinamente, em um canteiro de obras. Petrick vem à frente, segurando a mão de Chris e o conduzindo até a estrutura de um andaime, onde param e começam a se beijar.

Até os dois minutos da metragem, eles se beijam, abraçam-se e tiram suas roupas. Já dos dois aos sete minutos, Petrick realiza um intenso sexo oral em Chris, recorrendo em grande parte à técnica da garganta profunda. Diferente da cena com Christian, nesta cena praticamente não há cunete, salvo em um único minuto em que Chris lambe e morde os mamilos de Petrick, abraçando-o de frente e, então, acariciando o seu cu com uma das mãos, em seguida abaixando-se para rapidamente linguá-lo antes de iniciar a penetração em posição de pé, aos oito minutos da cena. Ainda assim, quem primeiro impõe o ritmo à penetração é Petrick, logo se apossando do pênis de Chris e o introduzindo em seu cu, rebolando devagar (*Imagem 34*). Esta posição, que se mantém até os 16 minutos da cena, desenrola-se em equilíbrio entre os atores, apresentando ora um, ora outro no comando da penetração, sempre algo abraçados, acariciando-se e beijando-se.

Um aspecto interessante na performance de Petrick é o fato de que, ao cobrar atividade de Chris, frequentemente ele utiliza expressões como “*Me dá, me dá!*” e “*Dá pra mim!*”, de forma que poderíamos supor que, nesta relação, não é Petrick que dá seu cu, mas sim Chris que lhe dá seu pênis, apenas sob os pedidos oriundos do desejo anal de Petrick. Seguindo, dos 16 aos 23 minutos, os atores coreografam uma posição em que Chris se mantém ora sentado, ora deitado ao chão, e Petrick se mantém rebolando por cima dele pela maioria destes 7 minutos. Sobre o seu rebolado, Petrick nos contou que o tem aperfeiçoado há anos em aulas de dança e *twerk*, paixão originada nos tempos em que ele atuava como educador físico. Segundo ele nos relata, “*Comecei a usar o twerk nas fodas minhas, porque lembrei que quando o produtor gostou de mim, o que atraiu ele [...] foi também os vídeos de twerk que eu fazia, [...] aí comecei a usar isso nas fodas, sabe?*”

Por fim, a penúltima posição da cena é a de “frango assado”, na qual Chris goza durante a penetração em Petrick. Apesar da gozada, os atores seguem com o sexo, voltando a ficar de pé para uma última posição sob a condução de Petrick, que chama Chris para seguir lhe penetrando e fazê-lo gozar (*Imagem 35*) — o que se trata, por si só, de um fechamento incomum para o quadro coreográfico padrão do pornô gay, que muitas vezes encerra as cenas simplesmente a partir da ejaculação do ativo. Ao final, após a gozada de Petrick, enquanto os atores se vestem, Petrick diz “*Quero mais vezes, tá, safado? Que foda gostosa, fez eu gozar gostoso.*”, e assim se encerra a cena. Quando perguntamos a Petrick sobre a repercussão de sua estreia no pornô, ele relatou:

“Foi um [vídeo] da obra que eu fiz com o Chris Rider e que foi assim... é um dos vídeos mais visualizados do site, [...] eu vou em alguns estados, na rua, e o povo ‘Ai, eu já vi seu vídeo da obra, eu adoro’, [...] ou a galera falando, ‘O seu vídeo melhor é o da obra’ e foi o meu primeiro vídeo, né, profissional que eu fiz” (GARCIA, 2019)

Assim, apesar do grande sucesso e impulsionamento para a carreira de Petrick que a cena gerou, há ainda mais um relato dado pelo ator, relacionado a dificuldades no processo de produção e filmagem da cena, que nos interessa agora frisar. Isto porque, ao longo de todo o trabalho, temos buscado relacionar diferentes atores, cenas e produtoras no sentido de reconhecermos distintos níveis de valorização tanto dos atores passivos quanto dos processos de produção do pornô gay brasileiro de maneira geral. E, conforme Petrick nos relata:

“Na [cena da] obra eu sentia muito desconforto, mas por causa de terra, sabe? A mão tava com lubrificante, aí encostava a mão aqui e ali, aí depois pegava no pau do Chris e aí entrava um pouco de areia, de terra lá dentro, e ficava aquela coisa horrível, aí ia lá e jogava gel e, enfim, foi um pouco assim” (GARCIA, 2019)

Nesse sentido, nesta cena pudemos verificar, diegeticamente, o tesão, o envolvimento e o equilíbrio permeados entre os atores em suas performances. No entanto, uma vez acessando tal relato de Petrick sobre os bastidores da cena, acabamos reconhecendo como tais tesão e equilíbrio, na verdade, só puderam se concretizar visualmente na imagem fílmica a partir de uma boa dose de profissionalismo, imposto, claro, por ambos os atores — uma vez que o pênis de Chris pode também ter se machucado — mas, arriscamos dizer, imposto principalmente por Petrick, que, nesta situação, talvez tivesse mais motivos para se encontrar pessoal e performaticamente desestabilizado. Assim, também perguntamos a Petrick que atitudes a equipe de produção da Hot Boys tomou para solucionar tal cenário insalubre, ao que Petrick nos respondeu que, apesar

de terem feito “o possível” durante os cortes — como lavar os atores com água e constantemente repor os lubrificantes — ainda assim, ao fim da linha, decidiram por seguir com as gravações da cena, uma vez que possuíam horário determinado para entregar a locação aos responsáveis.

Seguindo, então, para uma cena que consideramos algo memorável, tanto por seu resultado fílmico quanto pelos bastidores de seu processo de produção, olharemos agora para a terceira cena de Petrick Garcia para a Hot Boys, lançada em 2019 e na qual ele contracena com o ator André Leme. Antes de entrarmos na análise fílmica, especialmente das performances dos atores, vale destacarmos um relato conferido por Petrick sobre os bastidores da cena:

“Essa cena que eu fiz com o André Leme, vou ser bem sincero, foi uma das... quer dizer, uma não, foi a mais excitante que eu fiz... [...] a gente foi pra um motel muito top mesmo, [...] e eu falei com o produtor, ‘Olha, eu trouxe uma jock, ela tem esse fio que é uma tanga’, [...] e eu amo usar essas coisas, nossa, eu adoro... e eu não tinha falado nem um ‘a’ com o André Leme, a gente não tinha nem batido um papo ainda, [...] aí quando eu coloquei, o André, ele tava lá atrás assim, aí ele, ‘Cara!’ Ele ajoelhou! (risos) Ele disse ‘Eu amo homem que usa calcinha, que delícia!’ [...] e começou ali a gente se entrosar, ele começou a me dar o primeiro beijo bem antes da gente entrar em cena, e o beijo dele me despertou e o meu beijo despertou ele, e aí começou, ele olhava pra minha cara assim, me pegava e me beijava, e aí eu adorei, eles adoraram e deixaram a gente ficar à vontade” (GARCIA, 2019)

Assim, a cena de 39 minutos já se inicia com os atores nus, à exceção da calcinha *jockstrap* que Petrick veste. Abraçados de pé, eles se beijam apaixonadamente em meio a uma espécie de banheira de hidromassagem do motel onde estão. Até os cinco minutos da metragem se desenrola tal beijo entre eles, com André frequentemente chupando os mamilos de Petrick e também lhe acariciando, lubrificando e “dedando” o seu cu, levando Petrick a expressões corporais de muito prazer (*Imagem 36*). Já dos cinco aos 15 minutos, Petrick realiza um boquete em André, sendo, no entanto, por vezes ainda lubrificado e “dedado” em seu cu por ele. Eles também interrompem constantemente o sexo oral para se beijarem na boca, pescoço e peitos um do outro. Em seguida, dos 15 aos 19 minutos, Petrick se coloca em quatro apoios à beira da piscina para receber um cunete. Durante os beijos e chupadas, Petrick rebola bastante, por vezes batendo com sua bunda com força contra o rosto de André, esfregando seu cu mais fundo em sua boca (*Imagem 37*).

Dos 19 aos 25 minutos se realiza a primeira penetração da cena, em posição novamente de pé. Durante a coreografia, por duas vezes Petrick retira e volta a colocar o pênis de André dentro de seu cu, ao que André se deixa conduzir, a todo momento o abraçando e o beijando pelas

costas. Ao final desta coreografia, André é quem interrompe a penetração, imprensando Petrick contra uma parede de vidro, um *blindex* da hidromassagem, e explorando seu corpo apaixonado, beijando-lhe a boca, o pescoço, os peitos, a barriga, a bunda e o cu, visivelmente excitando Petrick (*Imagem 38*). Dos 25 aos 32 minutos, a coreografia posiciona André sentado e Petrick por cima dele, rebolando ora com velocidade e força, ora com movimentos circulares e lentidão. Dos 32 aos 34 minutos, os atores voltam à posição em quatro apoios, começando com Petrick mais esticado à frente, aos poucos erguendo-se, buscando as mãos de André e as trazendo para um abraço, então terminando com sua bunda totalmente empinada e seus corpos colados num abraço.

A última posição coreografada é a de “frango assado”, que se estende por cinco minutos, ainda em meio a beijos e abraços entre os atores, e que se finaliza apenas com a ejaculação de André, encerrando-se a cena. Como comentamos anteriormente, na ocasião da cena entre Petrick e Chris Rider, é mais comum vermos cenas em que os atores passivos não gozam ao final do sexo, assim como ocorre nesta cena com André Leme. Dessa forma, embora tenhamos destacado a presença das gozadas dos passivos nas cenas como elemento contra-hegemônico de representação, no sentido de possibilitar também ao passivo a “conquista” do orgasmo masculino, “fabricado na realidade” e visível pela materialidade da ejaculação, ainda assim aproveitamos para frisar que, não necessariamente, o fato de o passivo não gozar não significa que o tesão e prazer sexual não foram atingidos, como parece ser o caso desta cena. Isto porque, como vimos, tal cena é considerada pelo próprio Petrick Garcia como a sua mais excitante, muito em decorrência de certa química sexual que se construiu neste encontro. Em complemento a seu relato anterior, ele nos conta:

“Sobre o André, ele... olha, eu não tô aqui pra falar só de André, tá, eu tô falando realmente da cena, né, como realmente foi um dos meus entrosamentos melhores, e ele sim... nó, ele deda, ele beija, ele chupa muito o rabo, ele gosta muito, sabe, [...] então assim, quando cortava, quando parava aquele ângulo ali, que eles iam ver se tava legal a cena, [...] a gente tava se atracando ainda, como se a gente não estivesse gravando, e muitas das vezes realmente eles voltaram a gravar assim, com a gente lá se pegando” (GARCIA, 2019)

Sobre isto, em algum nível pode parecer ingênuo que Petrick ou que nós, enquanto estudo, valorizemos certas cenas ou atores pelo simples fato de que “*ele beija, ele chupa muito o rabo, ele gosta muito*”, uma vez que acreditamos que, numa sociedade ideal, tais qualidades seriam inerentes aos indivíduos, tanto no sentido do desejo e do interesse sexuais, quanto pelo respeito e carinho ao desejo do próximo, que por si só deveriam ser praxe.

No entanto, como temos apontado ao longo do trabalho, muitas vezes podem ser tais pequenas atitudes afetivas, relacionais e performáticas que, ao menos na pornografia, acabam por enaltecer as cenas e, portanto, também as relações, tanto dentro quanto fora da imagem fílmica. Assim, seguindo tal linha de raciocínio, voltaremos a falar agora de Christian Hupper, apresentando, desta vez, uma cena que o próprio ator considera, também, uma de suas melhores e mais excitantes de toda a carreira. Trata-se de seu encontro com o ator Yuri Oberon, em cena lançada em 2018 pela Hot Boys e posteriormente indicada à categoria Revelação LGBT do Ano no 6º Prêmio Sexy Hot, realizado em 2019.

De forma similar ao encontro entre Petrick e André, a cena entre Christian e Yuri, com 29 minutos de metragem, também já se inicia com os atores abraçados e se beijando lentamente, sentados em um grande futon e vestindo apenas uma cueca cada. Sobre tal entrosamento, segundo Christian nos relata, *“Eu procuro sempre deixar a pessoa com quem eu vou gravar envolvida comigo, sabe? Interagindo, conversando, se pegando, se beijando, porque isso contribui muito pra gente, a gente fica mais à vontade e faz com que o resultado saia melhor”* Assim, os atores se beijam a boca, o rosto, as orelhas, o pescoço e os mamilos até os dois minutos da cena, também manipulando os pênis um do outro por cima de suas cuecas. Dos dois aos três minutos, Yuri deita Christian para seguir lhe beijando e, por cima dele, leva uma das mãos por trás de sua cabeça, fazendo-lhe um cafuné, e a outra à sua cintura, apertando-a em sincronia aos seus beijos.

Dos três aos cinco minutos, eles voltam a se abraçar sentados e seguem se beijando. Yuri então se recosta no futon e Christian retira seu pênis duro para fora da cueca, chupando-o dos cinco aos 11 minutos. Durante o boquete, Yuri busca acariciar Christian a todo momento, fazendo-lhe cafunés, esfregando seus mamilos e lubrificando e apertando seu cu com os dedos. Dos 11 aos 13 minutos, Christian se posiciona em quatro apoios e Yuri lhe faz um cunete profundo, “enterrando” o rosto em sua bunda. Em *close-up*, ao afastar da cabeça de Yuri, vemos o cu de Christian piscando relaxado (*Imagem 39*). Yuri então beija Christian de seu cu às costas e ao pescoço, abraçando-o e iniciando a penetração aos treze minutos. Vale frisarmos como esta primeira penetração é superlenta, com Yuri carinhosamente beijando Christian pela nuca e “conquistando espaço” dentro de seu cu, inclusive lubrificando-o simultaneamente à penetração.

Aos 19 minutos os atores trocam de posição, coreografando uma “cavalgada” em que Yuri se senta à beira do futon e Christian se senta por cima dele. Aos 22, eles se levantam e seguem a

penetração de pé. Aos 24, eles se deitam e ficam “de conchinha”, abraçados e se beijando durante o sexo. Aos 25, evoluem a posição de lado para uma “frango assado”, com Yuri mais debruçado sobre Christian. Aos 27, Yuri goza sorrindo para Christian, em seguida deitando-se ao seu lado e beijando-lhe a boca, o pescoço e os mamilos, também acariciando e dedando o seu cu enquanto Christian se masturba (*Imagem 40*). Christian goza e a cena se encerra sob beijos e carinhos.

Como verificamos, a atmosfera construída pelos atores na cena exala respeito, carinho e tesão, qualidades refletidas nas coreografias apresentadas através do encontro de seus corpos. O relato de Christian sobre a cena corrobora tal impressão, quando o ator nos conta:

“A gente teve uma química incrível, surreal, desde o momento em que a gente se viu, tudo começou a fluir a partir do momento em que a gente bateu o olho e se conheceu ali no set... e acho que a gente conseguiu transmitir muito verdadeiramente isso na cena. Acho que, por isso, que essa cena, pra mim, é uma das minhas melhores, sabe... e que tá levando ele ao Prêmio Sexy Hot desse ano! É maravilhoso saber que um trabalho bem feito conseguiu chegar tão longe” (HUPPER, 2019)

Ao combinarmos ambos os relatos, de Christian sobre Yuri e de Petrick sobre André, verificamos ainda uma correspondência na maneira como a química afetiva e sexual se desenvolveu entre os atores: ambas à primeira vista. Isto poderia nos demonstrar certa predisposição dos quatro atores a bem se relacionarem com seus parceiros em igualdade, muito mais do que a estabelecerem hierarquias entre si — como seria tipicamente o caso dos atores *gay-for-pay*, a exemplo dos que vimos.

Nesse sentido, reconhecemos elementos também contra-hegemônicos nas performances de um grupo de atores ativos, como os vistos neste capítulo, em detrimento, por sua vez, da ainda existência e manutenção de outro grupo de atores que seguem buscando perpetuar representações da binaridade hegemônica, impostando performances afetivas e sexuais de desrespeito, destrato e abusos, como atores vistos em capítulos anteriores. Afinal, para que performances de passividade ativa se desenvolvam em toda sua amplitude, há de se haver também reforços por parte das produtoras e dos atores ativos envolvidos. Do contrário, estaremos lidando com cenas similares, por exemplo, à de Fábio Ferraz com Júnior e Diogo, na qual Fábio se vê algo entregue ou excitado, porém inserido em meio a uma narrativa criminosa, onde sua performance se vê previamente limitada pelo estabelecimento de hierarquias entre os atores.

Sob esta ótica e neste ponto do trabalho, tendo já apresentado um par de cenas

profissionais de cada personalidade-chave deste capítulo, tendo também visto outros atores passivos contemporâneos em nosso segundo capítulo, e à luz das performances de Chris Rider, André Leme e Yuri Oberon, propomos agora abrir um breve parêntese para tratarmos sobre um panorama de atores, que sejam ou que possam ter atuado como ativos, da historiografia recente da pornografia gay nacional, no sentido de reconhecermos mais à fundo tais distinções em suas performances. Isto porque, a respeito destes atores, que propõem relações contra-hegemônicas em seus trabalhos, temos reconhecido uma característica comum a muitos: o fato de que, na frente ou atrás das câmeras, estes atores “predominantemente ativos” são, na verdade, versáteis — conhecendo eles mesmos, portanto, a experiência passiva.

Sublinhar esta condição nos parece de extrema importância, no sentido de que, através dela, reconhecemos um sistema mais justo, eficiente e prazeroso para ambas a realização e a representação das práticas sexuais entre homens: a partir da versatilidade. Os próprios atores “predominantemente passivos” que abordamos com protagonismo no trabalho também já transaram como ativos ou versáteis, seja em cena ou mesmo em suas vidas pessoais, isto muito embora frequentemente se declarem passivos. Por exemplo, das suas mais de cem cenas produzidas até o momento, em torno de dez apresentam Andy Star como versátil ou ativo. Já Christian e Petrick nunca atuaram como versáteis nem ativos profissionalmente, mas ambos possuem conteúdos amadores em que performam tais posições. Também, há um relato que Christian nos concedeu no qual ele bem reflete sobre estas categorizações existentes no sexo gay — relato, inclusive, onde reconhecemos certa confusão em seus pensamentos e afirmações, talvez bem demonstrando possíveis nuances e incertezas que ainda pairam sobre estes assuntos:

“Na minha vida pessoal eu me considero mais versátil... passivo... mais passivo, versátil, tanto faz... mas pra produtora eu sou mais passivo, nunca fiz um filme sendo ativo... [...] na verdade eu me descobri sendo passivo, e sempre fui muito passivo, passivo... mas com o tempo, eu falei, ‘Ah, acho que eu posso provar de outras coisas, não ser só isso ou aquilo’ E aí eu fui experimentando ser versátil, e ser ativo, e foi algo que foi acontecendo, e eu fui sentindo prazer e me descobrindo” (HUPPER, 2019)

Assim, igualmente como se desenvolve e se administra a versatilidade entre atores “passivos em cena”, tal condição também se desdobra entre atores contratados para performar majoritariamente em posições “ativas”.

Tais atores estão representados, por exemplo, pelos mais antigos e consagrados Daniel

Carioca e Marcelo Mastro, cujas carreiras se desdobram do início dos anos dois mil até o presente, e pelos mais novos Gustavo Ryder e Yuri Oberon, entre tantos outros surgidos em meados dos anos 2010. Sob variadas combinações de elenco, estes atores já contracenaram entre si, revezando-se entre as funções de penetrar e ser penetrado em cenas para diferentes produtoras. Por exemplo, a última cena em que Marcelo Mastro foi passivo data de 2012, numa produção da estadunidense *Alexander Pictures* e na qual ele contracena com o próprio Daniel Carioca. Desde então, há oito anos Marcelo Mastro é escalado somente para papéis como ativo.

Já Daniel realizou sua “reestreia” como passivo para a produtora Mundo Mais, em cena lançada em 2018. Antes de tal cena, sua última atuação como passivo havia ocorrido igualmente em 2012, como Marcelo. No entanto, depois de tal “reestreia”, Daniel já possui mais duas cenas em que performa em posição passiva, talvez demonstrando-se agora mais alinhado à versatilidade. Quem também já contracenou com ambos Marcelo e Daniel foi Andy Star, notadamente na fase de transição Brasil- exterior de sua carreira. Com Marcelo, Andy contracenou três vezes, para três diferentes produtoras. Já com Daniel foram duas cenas gravadas para a *MachoFucker*, produtora onde Daniel assumia o papel do agressivo personagem Ruff Rider. Sobre as suas cenas com tais atores, em sua entrevista de 2016 ao Músculo Duro, Andy relatou:

“Com o Marcelo eu fiquei nervoso, porque sei que, nessa carreira, ele é campeão brasileiro, ele é preparado, concentrado, responsável, controlado e, claro, é um gostoso, um gato, um tesão de caralho enorme. E o Ruff me ensinou com todas as letras que o nome certo é ator pornô, porque ele tem um personagem muito diferente de si mesmo. Ele é carinhoso, alegre, cuidadoso, amigo, apaixonante! E profissionalmente ele também é concentrado, preparado, responsável” (STAR, 2016)

Assim, combinados o relato positivo de Andy à compreensão de que Marcelo e Daniel já atravessaram experiências passivas, parece-nos notável como a performance destes “ativos” se magnifica a partir de tal condição passiva, uma vez que estes atores, além de assumirem completamente o seu desejo pelos corpos masculinos, ainda entregam relações e coreografias sexuais baseadas no prazer anal que podem entregar a seus parceiros, muito mais do que na vontade de satisfazerem possíveis prazeres fálcos.

Embora Marcelo, após oito anos, ainda não tenha realizado sua “reestreia” como passivo, e embora tenha levado seis anos para que Daniel voltasse a performar sua condição sexualmente versátil, quem pode nos trazer melhores notícias é o grupo de atores versáteis mais recentes sobre

os quais comentamos. Entre eles, suas carreiras têm sido construídas desde o início sob a ótica da versatilidade, tanto em produções nacionais quanto estrangeiras. Por exemplo, Yuri Oberon já foi passivo para Chris Rider e ativo para Gustavo Ryder em cenas para a estadunidense *Papi Cock*, lançadas em 2019. Em entrevista concedida ao portal Dentro do Meio em 2020, sobre a sua versatilidade, Yuri Oberon nos conta:

“Quando minha primeira cena como passivo saiu, eu recebi muito elogio, não esperava isso, fiquei megassurpreso. Mas, é óbvio que tem sempre alguém que vai falar algo contra com comentários machistas, [...] e a minha percepção sobre esses comentários se lê como inveja enrustida, sabe? Como se aquele ser, que tá ali criticando, estivesse em péssimas situações sexuais na vida, que aquele comentário é apenas a expressão do desejo dele de dar o cu, como eu. Sempre disse que era versátil, e para mim é o maior prazer aproveitar todos os lados da transa” (OBERON, 2020)

Já Gustavo Ryder, que já foi passivo para Marcelo Mastro e ativo para Andy Star, também já performou como ativo e passivo para Yuri Oberon, por exemplo. Ainda outro ator com quem Gustavo Ryder contracenou foi Christian Hupper, em cena lançada em 2019 pela estrangeira *Raw Hole*. Embora existam várias características performáticas e coreográficas positivas nesta cena, destacamos um cunete que Gustavo realiza em Christian, que, além de durar sete minutos na cena de 30 minutos totais — ou seja, ocupando quase um terço de toda a metragem — ainda se trata de um cunete super intenso e apaixonado, no qual Gustavo constantemente lubrifica o cu de Christian sob beijos e chupadas dados em movimentos frontais e circulares de sua cabeça — de outra forma, ao mesmo tempo “enterrando” e “rebolando” todo o seu rosto no cu de Christian, da testa ao nariz e ao queixo, sempre lubrificados (*Imagem 41*).

Tal performance de Gustavo poderia nos parecer pontual ou deslocada caso não tivéssemos conhecimento sobre o tesão e o prazer que Gustavo demonstra ao ter o seu próprio cu chupado intensamente. Isto porque, nas cenas em que atua como passivo, constantemente Gustavo cobra que seus parceiros ativos lhe realizem cunetes sob a mesma intensidade do realizado por ele em Christian. Nesse sentido, ilustrativamente, a partir também do caso de Gustavo Ryder, conseguimos reconhecer de que forma tal versatilidade acaba por valorizar, de maneira palpável e prática nas cenas, as experiências e performances passivas.

Assim, tendo relacionado todos os atores citados a partir de tal breve panorama sobre a importância da versatilidade para o êxito das performances passivas contra-hegemônicas, propomos agora, para encerrarmos o capítulo, relacionarmos todos estes mesmos atores a partir

de uma última característica que possuem em comum: o fato de que todos produzem e distribuem conteúdos amadores em diferentes redes sociais, desenvolvendo e angariando suas carreiras também — ou principalmente — de maneira autônoma. Tal autonomia se concretiza a partir da utilização de plataformas que permitem a cada usuário oferecer conteúdos exclusivos por assinatura, sendo *Only Fans*, *Just for Fans*, *XVideos Red* e *PornHub Premium* as mais famosas. Sobre o funcionamento de tais plataformas, em entrevista concedida em 2020 ao portal Pheeno, Christian Hupper nos relata que “*O XVideos tá bombando bem mais que o Only Fans pra mim... é exatamente igual a um canal no YouTube, a gente ganha pela área aberta, pelos views, e também ganha por assinante, que daí a pessoa assina ali a área Red [do XVideos] e vê os vídeos completos*”

Dessa forma, através da constante produção e publicação de conteúdos pornográficos amadores nestas plataformas, cada um dos atores que temos citados neste trabalho conseguem gerar rendas muito mais significativas do que os faturamentos obtidos somente através de suas produções profissionais. Isto porque, segundo o relato de atores distintos, tem se tornado cada vez mais difícil se manter financeiramente apenas a partir da renda gerada por contratos com produtoras. Quando questionado sobre a rentabilidade da carreira pornô, em vídeo de perguntas e respostas que o próprio ator produziu para seu canal no *You Tube* em 2016, Fábio Ferraz nos relata que “*Pessoas trabalhando somente como ator não dá pra sobreviver, porque hoje em dia o cachê já é muito baixo pra fazer filmes e tudo mais, principalmente pra quem tá começando agora*”

Já em entrevista concedida também em 2016 ao Guia Gay São Paulo, Andy Star nos relata que “*O valor oficial [para uma cena] é de R\$ 500, mas, em geral, os atores podem tirar de R\$ 500 a R\$ 1.500, porque existem atores mais requisitados, com mais importância, que devem cobrar um outro valor*” Assim, se fizermos uma conta considerando o valor do cachê médio para uma cena, revelado por Andy Star, e multiplicando-o pelo número de cenas estreladas, por exemplo, por Christian Hupper em 2018, ano em que o ator mais estrelou em produções profissionais, chegamos a uma renda anual de R\$ 3.000, ou R\$ 250 mensais. Se considerarmos, por outro lado, o “teto” do pagamento que Andy nos indica para o mesmo ano produtivo de Christian, chegamos a uma renda anual de R\$ 9.000, ou R\$ 750 mensais. Em quaisquer das hipóteses, estaríamos reconhecendo um cenário financeiro em que a média da classe de trabalhadores do pornô estaria sobrevivendo em meio às linhas da pobreza ou da extrema pobreza.

Entretanto, quatro anos após tais relatos de Fábio e Andy, em mesma entrevista concedida

ao portal Pheeno, sobre as remunerações no pornô, Christian Hupper relatou:

“A gente ganha por produção, e a gente ganha mais, assim, fixo, com os amadores, com os canais que a gente tem no XVideos Red, Only Fans, nesses aí a gente consegue tirar um valor que a gente consegue se manter mensalmente, mas com produtoras não tem como, porque tem um espaço de tempo maior, né, entre as produções” (HUPPER, 2020)

Nesse sentido, tais plataformas citadas por Christian, como *Only Fans* e *XVideos Red*, mas também outras redes análogas, que já citamos, como *Just for Fans* ou *PornHub Premium*, em verdade representam grandes promessas de remuneração garantida a muitos atores e trabalhadores da indústria pornográfica — que, no Brasil, ainda possui estruturas muito frágeis, condição atrelada ao fato de que o consumidor brasileiro pouco remunera as produções que consome. Sobre a especificidade deste cenário, atentamos ao relato concedido por Andy Star ao portal *Dentro do Meio* em 2017, ano em que o ator já trabalhava no exterior e, portanto, conjugava visões sobre ambas as indústrias pornô nacional e internacional. Quando questionado sobre as diferenças entre tais indústrias, Andy afirma:

“Investimento! Não só investimento das empresas de pornô do Brasil, mas também o investimento dos espectadores de pagar para assistir aos filmes originais ao invés de verem apenas os piratas. Falta investimento também de festas, marcas de cueca, sungas e todo um mercado que poderia ser parceiro do pornô nos negócios” (STAR, 2017)

Já sobre a remuneração via plataformas autônomas, em entrevista concedida em 2020 ao portal Pheeno por um casal de atores pornô amadores brasileiros, que trabalham apenas com a rede *Only Fans* e que atendem pelos nomes de *Naughty Puzzle* e *Furry Horny*, Puzzle afirma:

“Hoje, a minha renda toda vem do Only Fans, eu faço a divulgação toda pelo Twitter e monetizo pelo Only Fans, [...] e dá pra tirar uma renda boa se você trabalhar, divulgar certinho, fazer parceria com as pessoas certas e tudo mais... num mês bom assim dá pra tirar uns três, quatro mil dólares” (PUZZLE, 2020)

Dessa forma, poder realizar tais “parcerias com as pessoas certas” tem encaminhado os atores que apresentamos ao longo deste trabalho, como Andy Star, Christian Hupper, Petrick Garcia, Yuri Oberon, Gustavo Ryder e muitos outros a migrarem cada vez mais do circuito profissional para o circuito amador de produção e distribuição pornográfica, em especial em tempos de crises pandêmica e econômica. Por exemplo, em mesma entrevista ao portal *Dentro do Meio*, Yuri Oberon comentou sobre sua parceria com Christian Hupper em ambos os circuitos

profissional e amador de produção pornô, afirmando:

“Meu primeiro filme nacional foi com o Christian Hupper e, diga-se de passagem, que cena é aquela, senhoras e senhores! (risos) Foi pura química e tesão! Foi tão bom que a gente até repetiu a parceria para um vídeo no OnlyFans, só aguardem!” (OBERON, 2020)

Já a primeira cena que Christian e Petrick gravaram juntos foi também uma produção idealizada, dirigida e distribuída por eles em seus respectivos canais nas plataformas *Only Fans* e *XVideos Red*. Em entrevista que concederam juntos em 2020 ao portal Pheeno, os atores nos relatam tal processo. Primeiro, Christian nos conta:

“A primeira vez que veio a ideia da gente gravar junto, veio dele, que ele queria gravar um amador, aí ele me mandou um convite, [...] aí juntamos quatro caras e fizemos uma orgia, numa casa, e gravamos nosso primeiro vídeo, mas foi amador, não foi por produtora” (HUPPER, 2020)

Petrick então segue, contando-nos:

“Já vim de produtora, né, mas hoje eu faço conteúdo independente, produzo os meus conteúdos mesmo, [...] e fizemos um vídeo legal, porque a gente já tem essa conexão por sermos passivos em cena, então acaba que ficava legal a gente dividindo a cena como dois passivos, [...] porque a gente se respeita dentro do trabalho e fora também” (GARCIA, 2020)

Tal respeito sobre o qual Petrick fala acabou se desdobrando em uma sólida relação de companheirismo, amizade e carinho entre ele e Christian. Assim, para encerrarmos este capítulo sobre tais passivos poderosos, ambos em plena atividade profissional no presente momento, deixamos aqui seus relatos, concedidos em mesma entrevista ao portal Pheeno, sobre como se conheceram e como conquistaram o amor que cultivam entre si. Primeiro, Christian nos conta que *“A gente se conheceu através do Instagram, né? Eu já gravava, e ele começou a gravar pra mesma produtora, aí ele entrou em contato comigo pelo Direct...”* Petrick então o complementa, contando que *“Eu já era fã, né, claro, como não admirar essa pessoa? Até que surgiu a oportunidade né, de vir aqui pro Rio, de se encontrar...”*, e Christian segue: *“Foi quando a gente começou a se aproximar mais, né, e desde então... nunca mais se separou”*, ao que Petrick finaliza: *“Tamo aí firme e forte até hoje, ai, adoro! Eu falo hoje de peito cheio, é meu primeiro amigo que eu tenho aqui, e eu espero ser o único, o fiel da minha vida, eu adoro ele pra caralho!”* Após tal declaração, Petrick se joga sobre Christian, abraçando-o e dando-lhe um beijo, sob sorrisos e risadas dos dois.

CONCLUSÃO

Enfim é chegado o momento de finalizarmos este trabalho — que, reconhecemos, pode ter se estendido algo excessivamente além do planejado. Isto porque grande parte da preocupação deste estudo recaiu em bem relacionar todos os possíveis atravessamentos entre as tantas variáveis sobre as quais buscamos tratar — a pornografia, a sociedade patriarcal, a misoginia, a homofobia, o cu! — esforço este que esperamos ter minimamente logrado. Assim, conforme buscamos explicitar ao longo do nosso primeiro capítulo, parece-nos notável a ainda presença e manutenção de discursos, performances e coreografias de destratos, desvalorizações e abusos a certa comunidade de passivos poderosíssimos que, tanto dentro quanto fora da indústria pornográfica, com verdadeiro carinho buscamos reconhecer e iluminar neste estudo.

Afinal, temos olhado para profissionais que, ao mesmo tempo em que desempenham um trabalho de base seríssimo e de suma importância, notadamente de reapropriação e reconfiguração das estruturas hegemônicas do sexo, dentro e fora do pornô, ainda assim, em suas trajetórias, veem-se ainda sujeitos a experiências de desrespeito a seus corpos, desejos e existências. Assim, em nosso último impulso na direção de conferir voz a estes atores, citamos ainda mais uma ilustração, a partir do relato que Petrick Garcia nos concedeu exclusivamente, contando-nos que:

“Eu já fiz uma cena, que ela não foi pro ar, bem hardcore, de tomar soco, soco na costela, de tomar tapa assim na fonte, que eu fiquei um pouco assim, tive que fechar o olho, assim, ‘Cara, já tá demais, tá passando dos limites’, [...] e esse cara é hétero, O Irreconhecível Pauzudo, [...] é um cara casado, é hétero, no entanto ele adora fazer filme pornô gay, e não é de beijar também, você vai chegar, ele te olha e tudo e tenta virar o rosto, [...] e eu não gosto disso, eu preciso do meu tesão” (GARCIA, 2019)

Sobre o fato de que tais passivos poderosos por vezes ainda precisam se sujeitar a parceiros de cena que se declaram heterossexuais e, sob esta premissa, utilizam-se de desconsideração e desrespeito a seus parceiros gays, Christian Hupper igualmente nos relata:

“Existem alguns atores que são héteros, né... limita um pouco, porque aí não quer beijar na boca, não fazem certas coisas... realmente é muito mais fácil quando a gente grava com um ator cem por cento gay, [...] porque tem caras que, por exemplo, não chupam o cu, tem caras que não beijam na boca, [...] e se o cara não quer me beijar, beleza, então eu vou ver o que eu posso fazer pra melhorar e pra tapar aquele buraco, mas sei lá... é óbvio, né, que um sexo com envolvimento é bem mais interessante e nítido também, pra quem tá vendo... quando a cena tem química” (HUPPER, 2019)

Sobre tais relatos, reconhecemos como ambos Petrick e Christian ressaltam e valorizam o beijo como elemento-base para as relações afetivas, sexuais ou não — elemento este que, embora essencial para o desabrochar da conexão e do tesão entre os corpos, ainda assim muitas vezes é deixado de fora das coreografias pornô, em especial pelos atores *gay-for-pay*. Sobre a importância do beijo e, mais a fundo, também do beijo anal, Petrick nos complementa tal raciocínio:

“Eu já tive algumas gravações, ou outras coisas, que realmente o cara mal beijava, e porra... a primeira coisa que vai me excitar é o beijo, eu vou descobrir quem é você, o calor do seu corpo vem pelo seu beijo, entendeu? Há caras que mal, mal, passam... ou, quer dizer, pincelam, né, o rabo com uma língua, e tudo... aí poxa, eu sou o passivo, você é o ativo, eu preciso de você e você precisa de mim, e você parece que tá com receio de tocar em mim, [...] então, assim, é um pouco constrangedor” (GARCIA, 2019)

Assim, compreendendo como tais atores passivos trabalham arduamente para desestabilizar as estruturas falocêntricas da pornografia, representadas, primeiro, pela ilustração que propusemos com a cena entre Ludovic Canot e Barrett Long, em nosso segundo capítulo nos empenhamos em transpor certo cenário transnacional de produção e consumo hegemônicos do pornô gay ao Brasil recente e presente, apresentando relações e evoluções nos métodos performáticos e coreográficos propostos por diferentes produtoras brasileiras, como Hot Boys e Meninos Online, para as quais então olhamos mais atentamente, e por diferentes atores passivos poderosos, como Fábio Ferraz, Lukas Katter e o agora ícone internacional Andy Star.

Como verificamos, muitos dos ímpetus de atividade sexual ativa inerente à performance passiva de Andy Star o levou a desempenhar um papel pioneiro para a valorização das representações de passividades ativas e positivas no pornô nacional e, depois, também na indústria estrangeira — muito embora tenhamos reconhecido ambivalências e cruzamentos entre ambas as lógicas hegemônica e contra-hegemônica, perpassadas em algumas de suas cenas. Logo, sobre a importância da trajetória e carreira de Andy Star, destacamos um relato de Christian Hupper, dado quando o questionamos sobre quem seriam suas maiores referências no pornô:

“O Andy Star é uma referência enorme pra gente daqui do Brasil, por ele também ser do mesmo estado que eu, ele é gaúcho... eu acho que é um ícone, uma pessoa que fez de um momento, né, que ele foi pego no banheiro, e disso ele conseguiu se tornar quem ele é hoje, pra mim isso é incrível, a pessoa conseguir dar a volta por cima assim, de uma maneira tão foda, sabe? Então, acho que, pra mim, ele é a minha maior referência, e ele é um amor, eu converso muito com ele” (HUPPER, 2019)

Sobre tal “volta por cima” que Andy Star logrou realizar em sua vida, a partir de sua carreira como ator, há ainda mais um de seus relatos, concedido ao portal Músculo Duro em 2016, no qual ele reflete sobre as dificuldades desdobradas a partir do episódio de seu “flagra”, muito em decorrência de certo estigma preconceituoso com o qual os atores pornô ainda se deparam no cotidiano social. Conforme Andy nos conta:

“Eu, na outra empresa, fui discriminado e demitido por minha sexualidade, [...] eram conversas do tipo, ‘E agora você vai trabalhar com o quê? Você nunca mais vai conseguir emprego’, como se automaticamente eu deixasse de falar três idiomas e ser um ótimo profissional porque fiz sexo em frente a uma câmera (risos). Isso, aliás, é um ponto que eu luto pra mudar, não é justo alguém sentir medo de fazer pornô, um ator não perde a capacidade de fazer drama, comédia e afins porque fez pornô. Nos anos 80, as pornochanchadas deram espaço pra baita atores da atualidade, e eles fizeram ótimos trabalhos mesmo depois de encenar algo sexual, [...] quero só deixar claro que um ator, um advogado, um médico, um recepcionista de academia como eu era, não perderam suas qualificações porque apareceram fazendo sexo em filme caseiro ou profissional” (STAR, 2016)

Já sobre a sua entrada na indústria pornô e as diferenças entre os setores trabalhistas nos quais já esteve inserido, em relato concedido ao Guia Gay São Paulo, Andy nos complementa: *“Eu me surpreendi muito positivamente [com a indústria pornô]. Porque coisas que eu não consegui ver em outras áreas em que trabalhei, tal como a do comércio, como companheirismo, eu consegui ver nesse mercado”* Quem também nos falou sobre companheirismo no pornô foi Christian Hupper, contando-nos que *“Trabalhar em conjunto, ser amigos, ter união, é muito mais fácil, as coisas surgem mais fácil pra todo mundo, porque vai um ajudando o outro, e isso cria uma corrente. E, realmente, a gente é muito amigo, eu e os meninos da produtora, e também de outras produtoras”*

Logo, tendo verificado tais crescentes abalos sísmicos causados pela inserção contínua de atores passivos poderosos e em diálogo unificado no pornô nacional, reconhecemos certo movimento abre-alas para a valorização das passividades ativas. Tal movimento, a princípio proposto por Andy Star, levou-nos a apresentar, já em nosso terceiro e mais recente capítulo, atores que, apesar de possuírem carreiras recentes, ainda assim sempre se dedicaram a representar e transmitir o amor próprio com o qual performam, valorizando suas passividades e as transformando em potências sexuais, sociais e políticas em meio a uma indústria, como vimos em seus relatos, ainda falocrata em 2020.

Também neste último capítulo, frisamos como tal movimento contra-hegemônico,

presente nas carreiras de Christian Hupper e Petrick Garcia, em muito se desenvolvem também a partir das produções autônomas que atualmente lhes rendem seus maiores sustentos e seus maiores espaços de fala, de ação e de produção visual próprias, espaços nos quais apresentam seus discursos, suas performances e suas vontades independentemente dos processos logísticos e criativos de quaisquer produtoras ou terceiros.

Em entrevista concedida em 2020 ao portal Dentro do Meio, o ator versátil Yuri Oberon, sobre quem também falamos, relatou a importância e o crescente sucesso que as plataformas autônomas têm conquistado em meio à indústria pornô. Segundo o ator,

“Minha principal renda de trabalho vem dessas plataformas de produção de conteúdo. Eu utilizo hoje o Only Fans e o Just for Fans, lá o fã consome conteúdos exclusivos para eles, com longa duração, postados semanalmente, pelo preço de 12 dólares mensais. [...] Em 2019, no fim do meu curso de Publicidade, meu projeto pessoal de planejamento estratégico e de empresa já era o meu nome, Yuri Oberon... [...] Hoje, eu vejo que a produção de conteúdo está em alta e sem medo de cair. E se esse será o fim das produtoras, eu não sei... mas acredito que não, pois tem espaço para vários tipos de criações, modelos e roteiros” (OBERON, 2020)

Assim, sobre tudo o que apresentamos ao longo de nossos longos três capítulos, podemos agora concluir como, muito provavelmente, para a nova década que se inicia, muitas transformações produtivas, logísticas, discursivas e performáticas chegarão ao centro nervoso da indústria pornográfica gay mundial e, especialmente, como mais nos interessa, a brasileira. Isto porque tal movimento de valorização das passividades já se desdobra ao longo de muitos anos e se mantém firme em suas convicções para as compreensões das produções pornô vindouras — muitas das quais surgirão autonomamente a partir de todos os passivos poderosos que assim desejarem se expressar.

Sobre suas expressões e suas vozes, propomos finalizar este trabalho com um último relato positivo de cada um dos três atores que iluminamos e que buscamos aqui tornar protagonistas. Isto porque, sobre o seu sucesso e a repercussão de sua carreira, Christian Hupper nos relatou:

“A gente recebe sempre muito elogio, eu acho isso muito engraçado, inclusive, porque, até ontem, ninguém sabia quem eu era e, hoje, as pessoas vêm dizer que são meus fãs, sabe, que me admiram, que gostam de mim, que gostam de determinadas coisas que eu faço, e que me acompanham... isso é muito louco, bizarro ainda na minha cabeça” (HUPPER, 2019)

Já Petrick também nos relatou ter sensações similares à de Christian em relação à ascensão de sua carreira como ator. Segundo ele nos conta,

“Eu às vezes acho que eu não sou ninguém, e eu posso ser ninguém pra alguns, mas pra outros, que eu preciso, todos sabem quem eu sou, entendeu? A Pabllo Vittar me segue no meu Twitter, velho! Ele me segue no Twitter! Então é porque adora os meus vídeos! (risos) É questão de muito trabalho mesmo, sabe?” (GARCIA, 2019)

Assim, neste cenário de prosperidade, sucesso e ascensão, podemos apenas esperar, torcer e contribuir para angariar as carreiras e as performances pornô contra-hegemônicas que, certamente, serão cada vez mais presentes no fazer pornográfico, até que, um dia, quem sabe, venham a se tornar um novo lugar comum. Afinal, enquanto sociedade, necessitamos sobremaneira de tais boas e positivas representações do sexo e dos afetos que queremos realizar uns com os outros. E, nesse sentido, como temos dito, mais do que nunca é preciso valorizar os trabalhadores da indústria que nos proporciona tais representações e imagens. Sob este gancho, e para agora de fato finalizarmos o trabalho, deixamos registrada uma mensagem final de Andy Star que, uma vez dita por ele ao encerramento de sua entrevista para o portal Dentro do Meio, em 2017, hoje também nos representa enquanto realizadores deste estudo monográfico:

“Para mim, fazer pornô é como subir no palco para cantar para a Anitta, ou como a Giovanna Antonelli atuar, ou como o Paulo Gustavo fazer humor. Essa é a minha arte e o meu trabalho, se eu ficar fora de cena vou ficar muito triste, [...] então muito obrigado por serem inteligentes e tão mente aberta em relação ao pornô. Se você leu até aqui, você é o futuro. Um futuro sem discriminação ou bullying aos atores de filme pornô!” (STAR, 2017)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIGOS ONLINE

CAETANO, Beatriz. **Por que sentimos prazer anal?**. Minha Vida, 13 de mar. de 2018.

Disponível em:

<minhavidacom.br/bem-estar/materias/32598-por-que-sentimos-prazer-anal-especialista-explica>.

Acesso em 27 de nov. de 2020.

MURARO, Cauê. **22 milhões de brasileiros assumem consumir pornografia e 76% são homens**. G1, São Paulo, 17 de maio de 2018. Disponível em:

<g1.globo.com/pop-arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76-sa-o-homens-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

ONCOGUIA, Equipe. **Câncer de próstata é o mais incidente entre homens**. Instituto

Oncoguia, 12 de abr. de 2016. Disponível em:

<oncoguia.org.br/conteudo/brasil-cancer-de-prostata-e-mais-incidente-entre-homens/9274/8/#:~:text=No%20mundo%2C%20entre%20a%20popula%C3%A7%C3%A3o,de%20acordo%20com%20o%20Inca>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

PORNOGRAFIA. **Oxford Languages via Google**, 05 de nov. de 2020. Disponível em:

<google.com/search?rlz=1C1JZAP_pt-BRBR755BR755&sxsrf=ALeKk01nNRR00v4OwgW94eEkUn36XdJF-g:1606504626151&q=Dicion%C3%A1rio&stick=H4sIAAAAAAAAAAONQesSowS3w8sc9YSn5SWtOXmOU5OLzL0jNc8lMLsnMz0ssqrRiV2ItKNF1CuJZxMoNFaAKHl5YljkPAKWEZ7E7AAAA&zx=1606504652169#dobs=pornografia>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

POWER Bottom. **Urban Dictionary**, 26 de mar. de 2019. Disponível em:

<urbandictionary.com/define.php?term=power%20bottom>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

QUEIROZ, Guilherme. **Ator pornô preso tinha ajuda de mulher, amante porteiro e irmão**.

Veja São Paulo, São Paulo, 29 de out. de 2020. Disponível em:

<vejasp.abril.com.br/cidades/ator-porno-joao-bosco-rodrigo-presos-boa-noite-cinderela>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

ARTIGOS ACADÊMICOS

BALTAR, Mariana. **Evidência invisível: BlowJob, vanguarda, documentário e pornografia**.

Revista Famecos, vol. 18, n. 2, p. 469-489. Porto Alegre, 2011.

CABRINI, Rodrigo; ROCHA, Tacía. **Que tesão! A masculinidade na pornografia gay**. Revista

Anagrama, ano 13, vol. 1, p. 1-15, 2019.

EL-MURR, Alissar; LATHAM, Joe; QUADARA, Antonia. **The effects of pornography on children and young people: an evidence scan**. Melbourne: Australian Institute of Family Studies, 2017.

FISH, Jennifer; GORMAN, Stacy; MONK-TURNER, Elizabeth. **Free Adult Internet Web Sites: How Prevalent Are Degrading Acts?**. Gender Issues, n. 27, p. 131-145, 2010.

NOGUEIRA, Maria da Conceição; OLIVEIRA, João Manuel de; PINTO, Pedro. **Debates feministas sobre pornografia heteronormativa: estéticas e ideologias da sexualização**. Revista Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 23, n. 2, p. 374-383. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

PINHO, Osmundo. **Race Fucker: representações raciais na pornografia gay**. Cadernos Pagu (38), p. 159-195, 2012.

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia**. Revista Estudos Feministas, vol. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

CENAS

ANDRÉ Leme & Petrick Garcia. Brasil: Hot Boys, 2019. Disponível em: <hotboys.com.br/cena/347/Andr%EF%BF%BD%20Leme%20%20Petrick%20Garcias>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

BRAZILIAN Orgy. Brasil/ Estados Unidos: Alexander Pictures, 2012. Disponível em: <xvideos.com/video3144538/carioca_passivo>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

CAIO Veyron fucks Andy Star. Espanha: Tim Tales, 2017. Disponível em: <timtales.com/videos/caio-fucks-andy-star>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

CHRIS Rider + Yuri Oberon - Fuck me Right Here!. Brasil/ Estados Unidos: Papi Cock, 2019. Disponível em: <papicock.com/scene/12463>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

CHRISTIAN Hupper & Yuri Oberon. Brasil: Hot Boys, 2018. Disponível em: <hotboys.com.br/cena/333/christian-hupper--yuri-oberon>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

CLAUDIO barebacks Andy Star. Espanha: Tim Tales, 2018. Disponível em: <timtales.com/videos/claudio-barebacks-andy-star>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

DANDO o Cuzinho no Terreno Baldio. Brasil: Hot Boys, 2018. Disponível em: <hotboys.com.br/cena/335/Dando%20o%20Cuzinho%20no%20terreno%20Baldio>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

DANIEL Passivo. Brasil: Mundo Mais, 2018. Disponível em: <mundomais.com.br/video/sexo-daniel-carioca-passivo>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

FUCKIN' Amped. Brasil/ Estados Unidos: Dark Alley XT, 2016. Disponível em: <darkalleyxt.com/video/S110-dark-alley-xt-fuckin-amped>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

JÚNIOR & Diogo & Fábio Ferraz. Brasil: Meninos Online, 2014. Disponível em: <meninosonline.net/pt-BR/player/junior-diogo-fabio-ferraz>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

MARCELO Mastro barebangs Gustavo Ryder. Brasil/ Estados Unidos: Bang Bang Boys, 2016. Disponível em: <bangbangboys.com/photos/marcello-mastro-barebangs-gustavo-ryder>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

MICHAEL Lucas breeds Andy Star. Espanha: Lucas Entertainment, 2019. Disponível em: <lucasantertainment.com/scenes/play/michael-lucas-breeds-andy-star>. Acesso em 27 de nov. 2020.

NEGÃO Arregaçando o Cu de Andy Star. Brasil: Hot Boys, 2015. Disponível em: <hotboys.com.br/cena/205/Neg%EF%BF%BD%20arrega%EF%BF%BDando%20o%20cu%20de%20Andy%20Star>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

NEGÃO com Raiva Comendo Teen. Brasil: Hot Boys, 2014. Disponível em: <hotboys.com.br/cena/204/Neg%EF%BF%BD%20com%20raiva%20comendo%20teen>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

O PACIENTE Pernetá Dotadão. Brasil: Hot Boys, 2015. Disponível em: <hotboys.com.br/cena/200/O%20Paciente%20Pernetá%20Dotad%EF%BF%BD>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

O QUE Mais Te Excita?. Brasil: Hot Boys, 2018. Disponível em: <hotboys.com.br/cena/324/O%20que%20mais%20te%20excita>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

REALITY Boys 2: Rodrigo & Andy Star & Fábio Ferraz. Brasil: Meninos Online, 2016. Disponível em: <meninosonline.net/pt-BR/player/reality-boys-2-rodrigo-andy-star-fabio-ferraz>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

RIO Cum Hunters. Brasil/ Estados Unidos: Alexander Pictures, 2012. Disponível em: <pt.pornhub.com/view_video.php?viewkey=1952130812>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

RYDER Reams and Creams Christian. Brasil/ Estados Unidos: Raw Hole, 2019. Disponível em: <rawhole.com/videos/16501/816/ryder-reams-and-creams-christian.html?nats=MC4wLjEyMS4yNDEuMC4wLjAuMC4w>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

SÍTIO da Taberna. Brasil: Mundo Mais, 2020. Disponível em: <mundomais.com.br/video/sexo-sitio-da-taberna-com-daniel-carioca-passivo>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

TIM Kruger fucks Andy Star. Espanha: Tim Tales, 2017. Disponível em: <timtales.com/videos/tim-fucks-andy-star>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

TWINS Demolish Andy Star (Parts 1 & 2). Brasil/ Estados Unidos: Raw Fuck Club, 2016. Disponível em: <rawfuckclub.com/video/R31E-raw-fuck-club-twins-demolish-andy-star-pt-1> e <rawfuckclub.com/video/R320-raw-fuck-club-twins-demolish-andy-star-pt-2>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

XXX Amateur Hour #25: featuring Ludovic Canot. Estados Unidos: Pink Bird Media, 2010. Disponível em: <xvideos.com/video478236/barrett_long_and_ludovic_canot>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

YURI Oberon + Gustavo Ryder + Neo Fernandes. Brasil/ Estados Unidos: Papi Cock, 2018. Disponível em: <papicock.com/scene/12364>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

DISSERTAÇÕES

BARRETO, Carla Conceição. **Visualidades queer de Matthew Barney: o Ciclo Cremaster**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

REGES, Marcelo. **Brazilian Boys: corporalidades masculinas em filmes pornográficos de temática homoerótica**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

ENTREVISTAS

FERRAZ, Fábio. **7 Perguntas para Fábio**. [Entrevista concedida a] Anônimos. Canal “Tom Vingt” [YouTube], São Paulo, 2016. Disponível em: <youtu.be/ZfByzyRBbbM>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

FERRAZ, Fábio. **Entrevista com Fábio Ferraz e Hélyo Karvalho no Programa A Casa do Mr. Volpi**. [Entrevista concedida a] Mr Volpi. Canal “Tom Vingt” [YouTube], São Paulo, 2017. Disponível em: <youtu.be/iop14xM2yR0>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

GARCIA, Petrick. **Entrevista com Petrick Garcia**. [Entrevista concedida a] João Victor Borges. Canal “joão victor borges” [YouTube], Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <youtu.be/x4MzVnTBwx8>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

GARCIA, Petrick; HUPPER, Christian. **Fetiches no pornô gay! - com Petrick Garcia e Christian Hupper**. [Entrevista concedida a] Felipe Sousa. Canal “Pheeno TV” [YouTube], Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <youtu.be/_pBqilkoUbA>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

HORNY, Furry; PUZZLE, Naughty. **Casal exibicionista carioca fatura 4 mil dólares por mês com pornô amador gay**. [Entrevista concedida a] Thiago Araújo. Canal “Pheeno TV” [YouTube], Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <youtu.be/w0v1hkVf_kM>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

HUPPER, Christian. **Ator pornô gay Christian Hupper entrega perfil de clientes: “casado, ativo, no sigilo”**. [Entrevista concedida a] Thiago Araújo. Canal “Pheeno TV” [YouTube], Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <youtu.be/zbU4xQzQjXM>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

HUPPER, Christian. **Entrevista com Christian Hupper**. [Entrevista concedida a] João Victor Borges. Canal “joão victor borges” [YouTube], Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <youtu.be/KsJyNV1oZA8>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

KATTER, Lukas. **Hot Boys entrevista Lukas Katter - Interview with Lukas Katter**. [Entrevista concedida a] Anônimo. Canal “Site HOTBOYS” [YouTube], Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <youtu.be/5u68OAgHo2o>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

OBERON, Yuri. **“Pornô nacional tem como base o preconceito”, diz Yuri Oberon**. [Entrevista concedida a] Renan Oliveira. Dentro do Meio, São Paulo, 2020. Disponível em: <dentrodomeio.com.br/hot/porno-nacional-tem-como-base-o-preconceito-diz-yuri-oberon>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

STAR, Andy. **“Sou o passivo mais ativo em cena”, diz ator pornô brasileiro Andy Star**. [Entrevista concedida a] Welton Trindade. Guia Gay São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <guiagaysaopaulo.com.br/noticias//sou-o-passivo-mais-ativo-em-cena-diz-ator-porno-brasileiro-and>

[y-star](#)>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

STAR, Andy. **Exclusivo: Andy Star comenta carreira internacional, revela atores com quem quer gravar e porque parou de fazer programas.** [Entrevista concedida a] Renan Oliveira. Dentro do Meio, São Paulo, 2017. Disponível em: <dentrodomeio.com.br/colunas/especial/exclusivo-andy-star-comenta-carreira-internacional-revela-atores-que-quer-gravar-e-porque-parou-de-fazer-programas>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

STAR, Andy. **Entrevista - Andy Star.** [Entrevista concedida a] Dan Herculano. Músculo Duro, São Paulo, 2016. Disponível em: <musculoduro.net/andy-star-entrevista>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

STAR, Andy. **Entrevista: Andy Star.** [Entrevista concedida a] Anônimo. Legenda Colorida, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <legendacolorida.blogspot.com/2016/07/entrevista-andy-star.html?zx=f93840c34d346c8c>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

LIVROS

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina.** Tradução de Maria Helena Kühner. 11ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CARRASCOSA, Sejo; SÁEZ, Javier. **Pelo cu: políticas anais.** Tradução de Rafael Leopoldo. Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento, 2016.

HUNT, Lynn. **A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da modernidade.** Tradução de Carlos Szlak. 1ª edição. São Paulo: Hedra, 1999.

McELROY, Wendy. **XXX: A Woman's Right to Pornography.** London: St. Martin's Press, 1997.

MORAES, Eliane Robert; LAPEIZ, Sandra Maria. **O que é pornografia.** São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1985.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual.** Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

_____. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica.** Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

WILLIAMS, Linda. **Hard Core: Power, pleasure and the frenzy of the visible.** Berkeley: University of California Press, 1989.

MÚSICAS

BRASIL, Inês. **Make Love.** Rio de Janeiro: Videobes, 2015. Disponível em: <youtu.be/i2zUQspZcZo>. Acesso em 27 de nov. de 2020.

ANEXO DE IMAGENS

Imagem 01 — Ludovic Canot e Barrett Long malhando



Fonte: *XXX Amateur Hour #25: featuring Ludovic Canot*

Imagem 02 — Ludovic Canot realiza sexo oral em pênis semi-flácido de Barrett Long



Fonte: *XXX Amateur Hour #25: featuring Ludovic Canot*

Imagem 03 — Barrett Long bate com seu pênis no rosto de Ludovic Canot



Fonte: *XXX Amateur Hour #25: featuring Ludovic Canot*

Imagem 04 — Barrett Long bate nos testículos de Ludovic Canot



Fonte: *XXX Amateur Hour #25: featuring Ludovic Canot*

Imagem 05 — Ludovic Canot se protege das batidas de Barrett Long em seus testículos



Fonte: *XXX Amateur Hour #25: featuring Ludovic Canot*

Imagem 06 — Barrett Long falha ao penetrar Ludovic Canot



Fonte: *XXX Amateur Hour #25: featuring Ludovic Canot*

Imagem 07 — Barrett Long briga com Ludovic Canot



Fonte: *XXX Amateur Hour #25: featuring Ludovic Canot*

Imagem 08 — Ludovic Canot não consegue abrir os olhos



Fonte: *XXX Amateur Hour #25: featuring Ludovic Canot*

Imagem 09 — Fábio Ferraz é perseguido por Júnior e Diogo



Fonte: *Júnior & Diogo & Fábio Ferraz*

Imagem 10 — Júnior bate em Fábio Ferraz com revista e lhe arranca seu gorro



Fonte: *Júnior & Diogo & Fábio Ferraz*

Imagem 11 — Dom ameaça Lukas Katter



Fonte: *Negão com Raiva Comendo Teen*

Imagem 12 — Dom penetra Lukas Katter contra a sua vontade



Fonte: *Negão com Raiva Comendo Teen*

Imagem 13 — Andy Star e Paulão se beijam



Fonte: *O Paciente Pernetá Dotadão*

Imagem 14 — Paulão realiza um cunete em Andy Star sob piscadas de seu cu



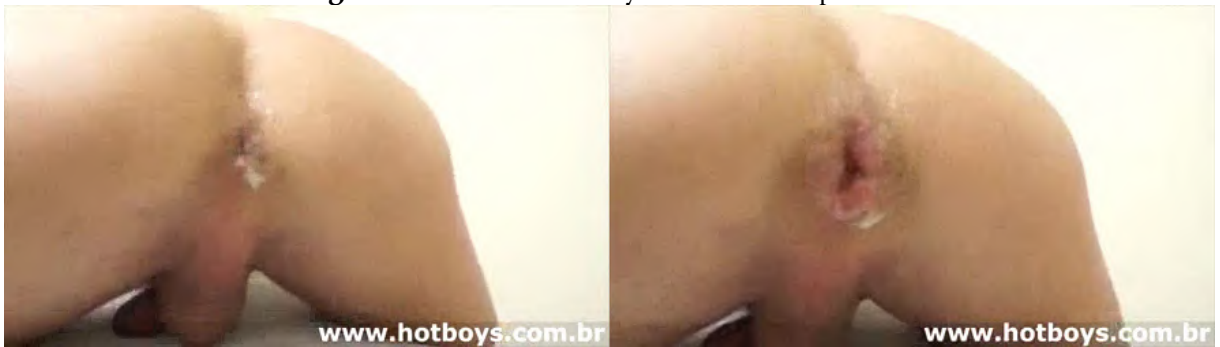
Fonte: *O Paciente Perneta Dotadão*

Imagem 15 — Andy Star relaxa seu cu sob a penetração de Paulão



Fonte: *O Paciente Perneta Dotadão*

Imagem 16 — O cu de Andy Star se relaxa após o sexo



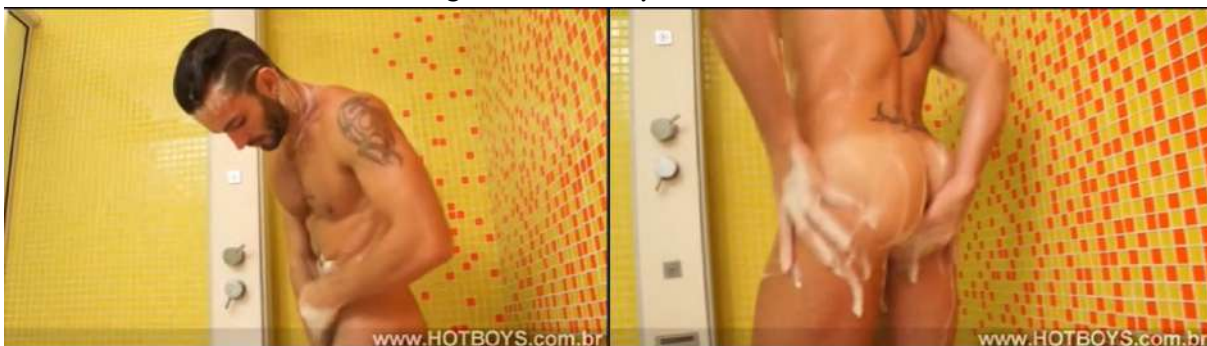
Fonte: *O Paciente Perneta Dotadão*

Imagem 17 — Andy Star e Paulão contracenam pela segunda vez



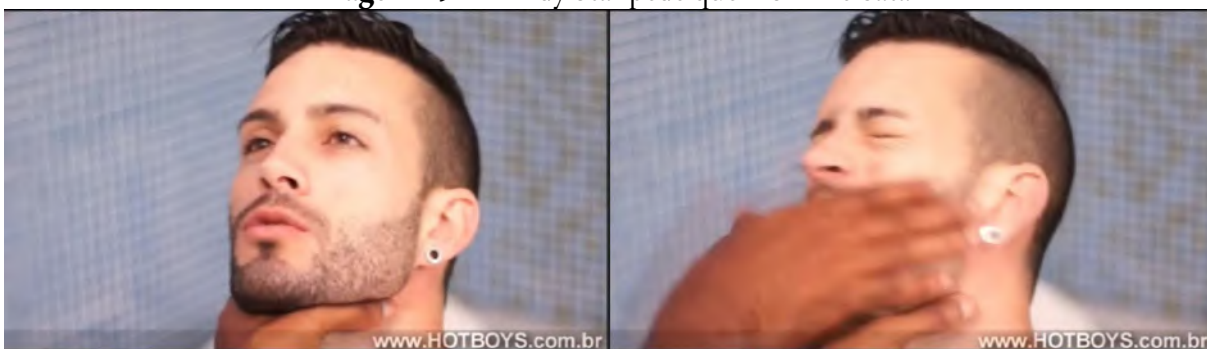
Fonte: *Fuckin' Amped*

Imagem 18 — Andy Star se banha



Fonte: *Negão Arregaçando o Cu de Andy Star*

Imagem 19 — Andy Star pede que Dom lhe bata



Fonte: *Negão Arregaçando o Cu de Andy Star*

Imagem 20 — Andy Star e Fábio Ferraz se beijam



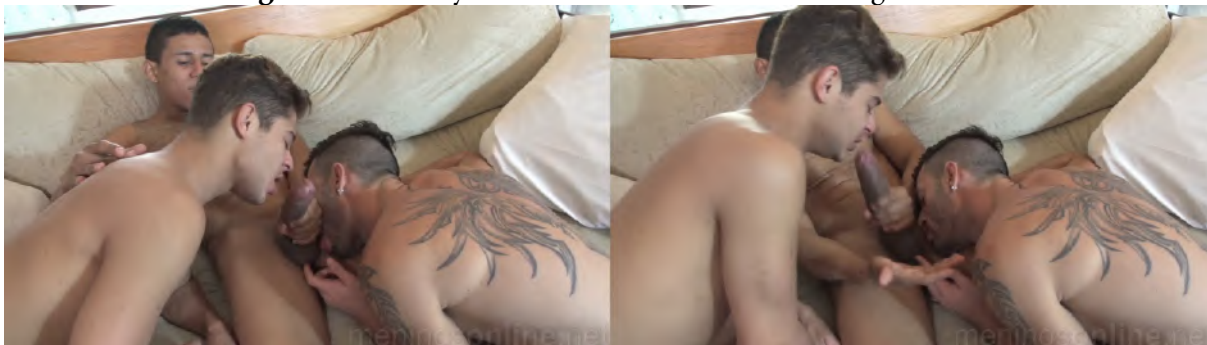
Fonte: *Reality Boys 2: Rodrigo & Andy Star & Fábio Ferraz*

Imagem 21 — Andy Star acaricia a Fábio Ferraz e a si mesmo



Fonte: *Reality Boys 2: Rodrigo & Andy Star & Fábio Ferraz*

Imagem 22 — Andy Star tenta acariciar o cu de Rodrigo Lorenzo



Fonte: *Reality Boys 2: Rodrigo & Andy Star & Fábio Ferraz*

Imagem 23 — Andy Star puxa Fábio Ferraz para beijos



Fonte: *Reality Boys 2: Rodrigo & Andy Star & Fábio Ferraz*

Imagem 24 — Fábio Ferraz bloqueia a penetração e Andy Star lhe realiza um cunete



Fonte: *Reality Boys 2: Rodrigo & Andy Star & Fábio Ferraz*

Imagem 25 — Andy Star desaprova as atitudes de Rodrigo Lorenzo gesticulando com a mão



Fonte: *Reality Boys 2: Rodrigo & Andy Star & Fábio Ferraz*

Imagem 26 — Andy Star projeta seu cu para fora sob a penetração de Caio Veyron



Fonte: *Caio Veyron fucks Andy Star*

Imagem 27 — Andy Star tem um orgasmo prostático sob a penetração de Tim Kruger



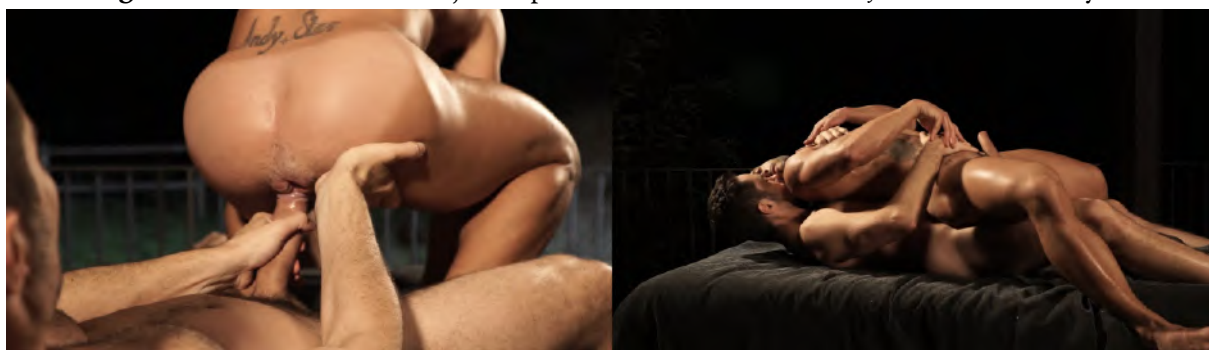
Fonte: *Tim Kruger fucks Andy Star*

Imagem 28 — Claudio Medina ejacula precocemente sob as contrações do cu de Andy Star



Fonte: *Claudio barebacks Andy Star*

Imagem 29 — Michael Lucas ejacula precocemente sob as contrações do cu de Andy Star



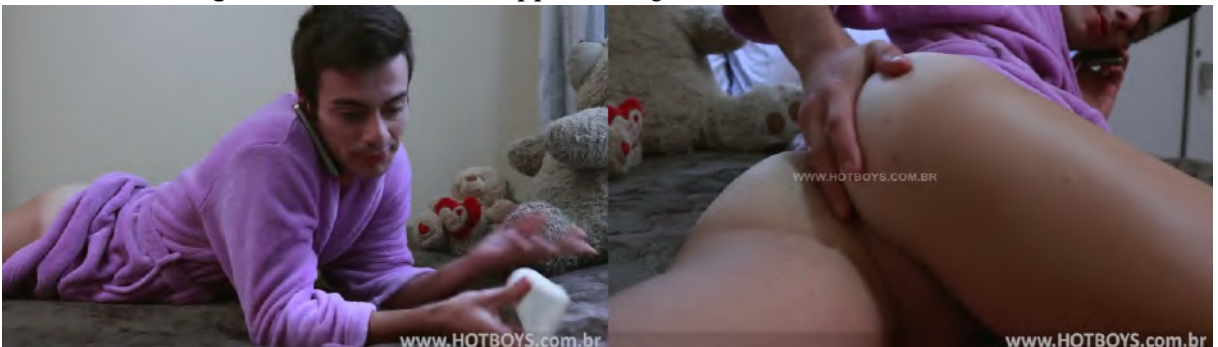
Fonte: *Michael Lucas breeds Andy Star*

Imagem 30 — Michael Lucas toma o próprio gozo a partir do cu de Andy Star



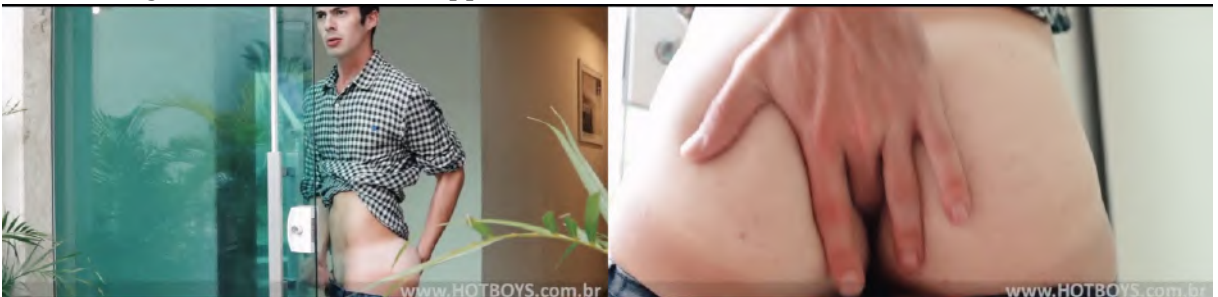
Fonte: *Michael Lucas breeds Andy Star*

Imagem 31 — Christian Hupper massageia seu cu com creme hidratante



Fonte: *O Que Mais te Excita?*

Imagem 32 — Christian Hupper se masturba e deda seu cu observando Chris Rider



Fonte: *O Que Mais te Excita?*

Imagem 33 — Chris Rider beija Christian Hupper do cu ao pescoço



Fonte: *O Que Mais te Excita?*

Imagem 34 — Petrick Garcia pega no pênis de Chris Rider e se penetra rebolando



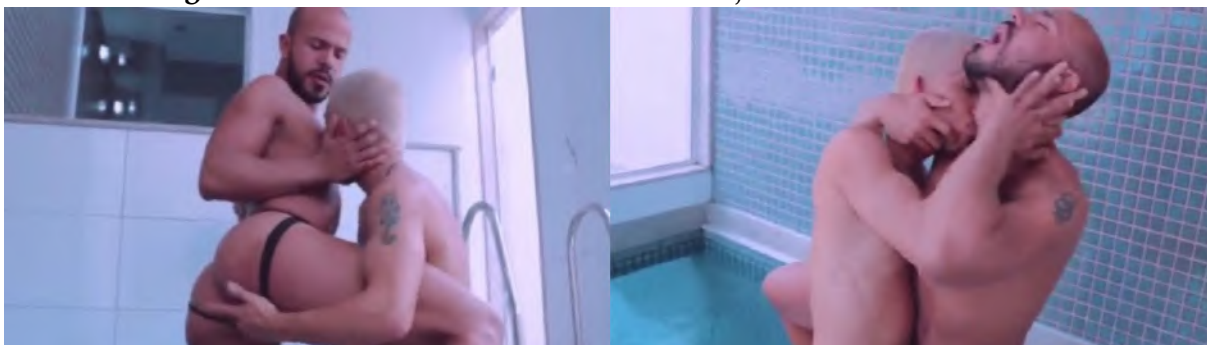
Fonte: *Dando o Cuzinho no Terreno Baldio*

Imagem 35 — Petrick Garcia goza após ejaculação de Chris Rider



Fonte: *Dando o Cuzinho no Terreno Baldio*

Imagem 36 — Petrick Garcia se extasia sob os beijos e dedadas de André Leme



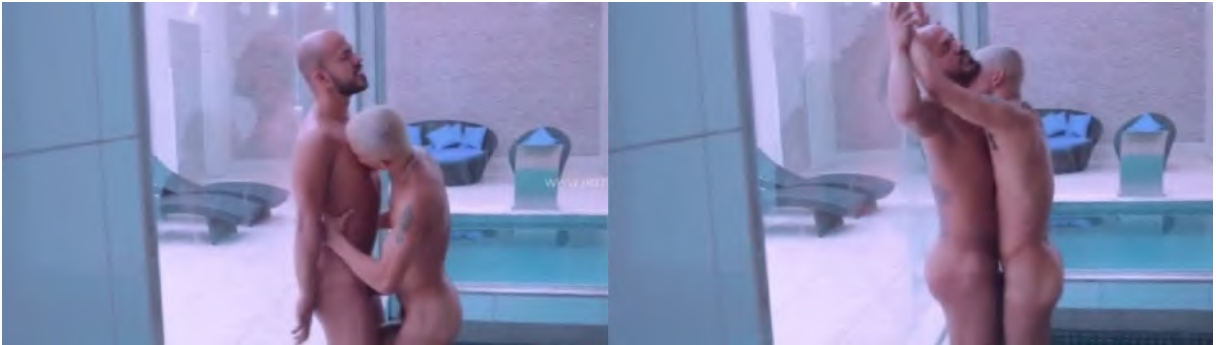
Fonte: *André Leme & Petrick Garcia*

Imagem 37 — Petrick Garcia rebola e imprensa a cabeça de André Leme em seu cu



Fonte: *André Leme & Petrick Garcia*

Imagem 38 — André Leme imprensava Petrick Garcia contra a parede para beijá-lo



Fonte: *André Leme & Petrick Garcia*

Imagem 39 — Christian Hupper pisca seu cu sob o cunete de Yuri Oberon



Fonte: *Christian Hupper & Yuri Oberon*

Imagem 40 — Christian Hupper goza beijos e dedadas de Yuri Oberon



Fonte: *Christian Hupper & Yuri Oberon*

Imagem 41 — Gustavo Ryder realiza um intenso cunete em Christian Hupper



Fonte: *Ryder Reams and Creams Christian*